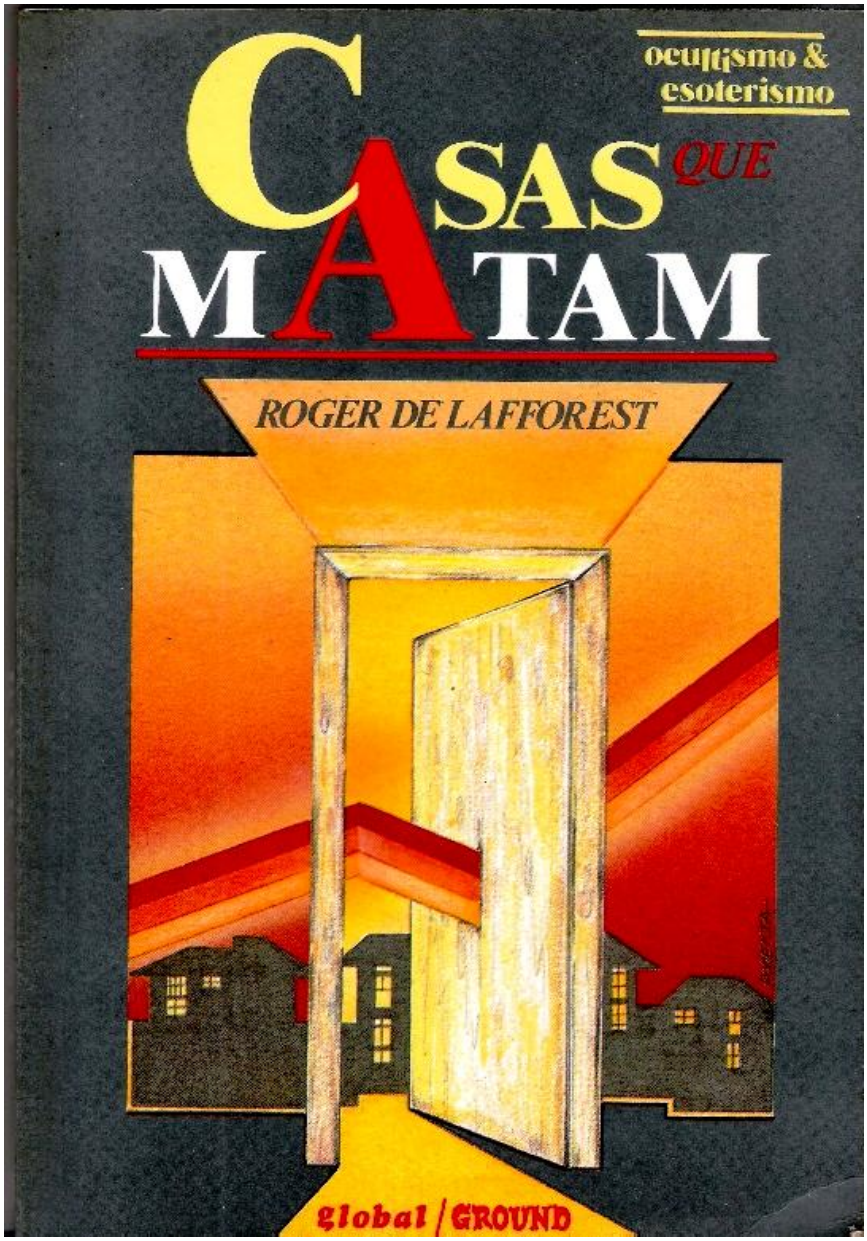


ROGER DE LAFFOREST

CASAS QUE MATAM

TRADUÇÃO
Norberto de Paula Lima

Global / Ground
SÃO PAULO
1986

SUMÁRIO

1. Os perigos do céu aberto
2. As sete pragas
3. As casas de câncer
4. Os "santuários"
5. A memória das paredes
6. Precauções e remédios
7. O fantasma é inocente

1. OS PERIGOS DO CÉU ABERTO

Para o homem, o natural não é viver livre em liberdade, mas viver livre em um cárcere.
Malaparte

Dentre os animais, o homem é o mais vulnerável; não tem carapaça, nem couro, nem sequer pêlo que recubra sua pele. É um ser mais nu que uma lombriga e mais frágil que uma larva.
Para o Grande Organizador de Catástrofes, o homem é a vítima ideal, pois não existe outra que, como ele, seja consciente de sua condição. É inteligente, engenhoso, e se obstina comicamente em escapar a seu destino de presa... o que torna ainda mais atrativa a caça ao homem, que a natureza pratica sem quartel.
Em conseqüência, e mesmo que possa parecer paradoxal, as circunstâncias em que o homem tem mais possibilidade de sobreviver

- as estatísticas demonstram isso de modo seguro - são precisamente as catástrofes de que ele em pessoa é o autor e o responsável, vale dizer: os acidentes automobilísticos e as guerras.
Encerrados nessas cascas de ovo que nós chamamos "automóveis", os motoristas lançam-se uns atrás dos outros - ou uns contra os outros -, adiantando-se, esbarrando uns nos outros e se esquivando com margens de segurança não superiores a poucos centímetros.
Ademais, nenhum dos participantes deste jogo perigoso respeita as regras, donde o razoável seria pensar que não pode haver sobreviventes ao final de um balé tão louco. Entretanto, e contrariando todas as expectativas, as estatísticas provam que, dos milhões de alucinados que a cada dia jogam este jogo, só alguns milhares nele encontram a morte. O que, em definitivo, equivale a dizer que cada um de nós, quando sai para a estrada, tem tanta possibilidade de morrer violentamente como de ganhar o primeiro prêmio da Loteria Nacional.
Os mortos somam uns quinze mil por ano, sendo que esta cifra engloba os pedestres atropelados... o que não é justo. De qualquer maneira, devemos reconhecer que a proporção de vítimas é ínfima, se levarmos em conta as centenas de milhões de pessoas que, ao longo dos 365 dias do ano, arriscam a sorte voluntariamente no jogo do automóvel e da morte. Considerando que a migração motorizada dos fins de semana converteu-se no esporte viril da humanidade, o preço não é exagerado: o bilhar ou o críquete são, afinal de contas, quase igualmente perigosos.
Imaginemos, por um momento, que os homens enfrentassem com a mesma despreocupação, com a mesma temeridade, as forças hostis da natureza. Que hecatombe! Mas, por sorte, a humanidade não cessou de inventar vacinas contra as epidemias, diques contra as inundações, edifícios elásticos contra os terremotos, pára-raios contra o fogo do céu, silos e conservas contra a fome, pílulas contra o excesso de população, religiões contra o desespero...
Da guerra podemos extrair uma conclusão análoga e que é, ao mesmo tempo, tão paradoxal quanto consoladora. É surpreendente

constatar que, para matar um só homem, se necessite de tantas toneladas de metal, de matérias explosivas, de petróleo, de gases e mais uma infinidade de outras coisas. Tudo isto para que, ao cessar o inferno provocado, o número de sobreviventes supere o de vítimas! O assassinato coletivo organizado não é uma atividade rentável. Nem sequer a bomba atômica compensa seu elevado custo: inspira-nos horror porque é obra do homem, mas os terremotos e as tempestades, a fome e as epidemias, as inundações e as pragas eliminariam, com gastos menores, muito mais gente.

Deixando de lado os cataclismas naturais, o homem enfrenta permanentemente as agressões do clima, do meio ambiente, dos elementos em geral e, se isso não fosse suficiente, deve, a todo momento, suportar as hostilidades que a ele declaram, as forças invisíveis, tanto as que sobem da terra como as que baixam do céu. Não há dúvida, pois, de que a natureza é, para ele, inimiga mortal. Quando um homem diz que é ou quer ser "naturista", só pode fazê-lo por esnobismo e de maneira parcial ou temporária. Pois na verdade, para sobreviver, necessita de roupas e de uma casa.

O resto dos animais da criação resiste muito melhor às inclemências do meio. Mas o homem, à medida que se distingue do animal e se afasta da barbárie, não tem mais remédio senão agir como o caracol. A casa é seu único refúgio, sua verdadeira proteção. Para ter segurança necessita de quatro paredes e um teto.

Dormir sob as estrelas, eis aí uma bela imagem poética - mas a realidade que ela exprime é temível. Dormir descoberto à noite é perigoso. Um mínimo de prudência aconselha a colocar uma tela protetora entre o adormecido e o "ar livre" que lhe resplandece sobre a cabeça.

Aqui devo mencionar que dormir de noite ao ar livre é o que faz do homem uma vítima indefesa oferecida em holocausto a toda classe de raios cósmicos e telúricos que pululam no estado natural. Os perigos diminuem consideravelmente para quem se mantém protegido. Quanto à dormir a sesta, só pode trazer benefícios... a menos, é claro, que se procure a sombra de alguma árvore maléfica. Mas, insisto, à

noite quem dorme a céu aberto vê-se reduzido a um estado de vulnerabilidade tanto mais completo quanto as horas noturnas são precisamente aquelas em que se desencadeiam com violência sem limite os bombardeios e caudais das forças invisíveis, quer espirituais, físicas, elétricas ou magnéticas.

Os dez sobreviventes dormiam com a cabeça coberta pelo lençol

Um médico norte-americano amigo meu, com quem discutia os perigos do "céu aberto", contou-me que teve ocasião de verificar, em circunstâncias nada agradáveis, o fundamento de minha tese.
Aconteceu perto do fim da última guerra, na Alemanha. Meu amigo era o responsável por uma ambulância militar de campanha que se deslocava com a vanguarda do exército de Patton. Um dia ergueu as barracas de seu pequeno hospital móvel num labirinto de ruínas. Uns poucos dias antes, porém, aquela era a cidade de Pforzheim; mas naquele momento não restava de pé nenhum de seus muros.
Como conseqüência de um bombardeio ou algum combate muito encarniçado que teve lugar naquele setor, meu amigo recebeu naquele dia considerável afluência de feridos. Nas barracas não havia mais nenhum espaço livre, e por outro lado, era impossível organizar antes do dia seguinte um comboio a fim de evacuar para a retaguarda quem já havia recebido os primeiros socorros. Assim, não havia outra solução senão acomodar fora uma vintena de feridos (vinte e três, exatamente).
Corriam os primeiros dias da primavera e o tempo, apesar de fresco, estava agradável. Ademais, o que faltava não eram macas, nem roupas quentes, nem alimentos... Portanto, era presumível que aqueles feridos poderiam suportar sem riscos uma noite ao ar livre. E, para maior garantia, decidiu-se destinar a este acampamento forçado os feridos menos graves.
Apesar de todas as precauções, na manhã seguinte constatou-se que treze deles - mais de 50% - haviam morrido, enquanto que a

porcentagem de baixas entre os feridos que haviam passado a noite dentro das barracas (e cujo estado inspirava maiores inquietudes) não superava os 5%. Uma lona fora suficiente para proteger estes da agressão do céu aberto, que os outros sofreram diretamente.

Irrisória proteção, dir-se-á, a crer que os raios maléficos atacam à noite o homem que dorme! Pode-se admitir que um teto de pedra, de telhas ou ardósia seja capaz de constituir proteção eficaz. Mas, uma lona!

Meu amigo norte-americano não teve dúvida em rechaçar categoricamente tal objeção, argumentando:

Esta hecatombe imprevisível me desconcertou tanto que não descansei até descobrir razões admissíveis para ela. Investiguei o caso com o maior vagar e extraí duas conclusões que não posso classificar senão como estranhas:

Primeira: os dez sobreviventes do 'céu aberto' haviam dormido pouco e mal naquela noite. Acaso a insônia lhes havia permitido oferecer maior resistência aos malefícios da noite?

Segunda: todos eles tinham o inveterado costume de dormir com a cabeça completamente coberta pelo lençol. Esta delgada cobertura de tecido fora suficiente, talvez, para protegê-los com a mesma eficácia que uma lona ou um teto?

Estou convencido - concluiu o médico - de que a verdadeira proteção do adormecido é uma coberta mais simbólica que real; assim sendo, um simples tecido pode ter a mesma eficácia que uma campânula de chumbo. O importante é ter a cabeça coberta. Trata-se, em definitivo, de uma espécie de obrigação ritual, de um mistério de adequação. Explico: o mais adequado para a segurança do homem que dorme é uma casa; assim, a representação de um teto, mesmo que apenas simbólica, puramente mágica, basta para garantir a proteção do adormecido, para deter o feixe de forças assaltantes, para impedir a agressão do invisível.

Um xadrez surrealista

Agora, devo acrescentar meu próprio testemunho. Passei por Pforzheim mais ou menos na mesma época, quando eu também fazia parte do Terceiro Exército norte-americano. Da cidade não restava mais que o traçado das ruas - todas elas haviam sido desimpedidas para permitir a circulação - cortado em ângulo reto e compondo um xadrez surrealista, onde as casas pretas eram montões de pedras calcinadas e as casas brancas estavam compostas por montículos de escombros. O conjunto configurava a decoração alucinante de um mistério hostil ao homem.

Nas cidades destroçadas pelas bombas e o fósforo subsistem em geral algumas casas, ou pelo menos algumas fachadas, que sobrevivem à catástrofe. Estão mutiladas, mas de pé, e seus restos dão fé do sucedido: por exemplo, uma estrutura metálica que se ergue de espaço a espaço como um braço fraturado a pedir socorro. Estas ruínas, todavia, subsistem, como se a cada instante jurassem dizer a verdade, toda a verdade. Em poucas palavras, evocam quem as habitou, assentam a base de um diálogo humano entre o verdugo e a vítima... Imerso nelas, o homem não só pode perceber o silêncio do nada, mas também um murmúrio de recriminação contra os horrores da guerra.

De Karlsruhe à Berlim, encontrei muitas destas ruínas que ainda conservavam forma de cidade e eram recordações úteis para manter desperta a memória, saudáveis alertas para a crueldade da guerra. No fim das contas, tão vãs e insólitas como essas carrocerias de automóvel - verdadeiros monumentos à fatalidade - colocadas sobre pedestais, junto às mais perigosas curvas da estrada que leva de Caracas à La Guaira, na Venezuela, e cuja finalidade exclusiva é recordar aos loucos do volante que também o acidente pode ser considerado como uma das belas-artes.

Mas em Pforzheim era diferente. Ali só havia uma sucessão de ruínas desprovidas de todo pitoresco: simplesmente esmagadas e

quadriculadas. Vendo aquilo, tive a impressão de que o horror havia chegado à etapa do não-figurativo, de que a vanguarda de uma arte abstrata e catastrófica oferecia-se como espetáculo. A decoração era um quebra-cabeça de pedras mágicas impossíveis de encontrar, que causava uma atroz desorientação ao amante dos hieróglifos.
Imagino em meio a este cenário os vinte e três feridos a passar toda uma noite sob a intempérie, estendidos em camas de ferro alinhadas à distância regulamentar, oferecidos sem defesa aos raios invisíveis que consomem a quem dorme. Só de evocar esta cena tremo de medo. E, em todo caso, compreendo melhor porque a conquista mais importante da civilização é a casa.

Como evitar o hálito do invisível

O problema não é de conforto, mas de segurança. Para comer, para fazer amor, e, sobretudo, para dormir, se necessita de um refúgio. Do contrário aparece a inquietude, a má digestão, a ansiedade, o pesadelo, enfim, irrompe o inimigo invisível que triunfa sem lutar.
Para evitar estes perigos, nossos antepassados pré-históricos buscavam refúgio nas cavernas. Hoje, mesmo os vagabundos preferem o arco de uma ponte, a entrada do metrô ou o portal de um edifício... E os mais deserdados, que se contentam com um banco de jardim, por nada no mundo se esquecem de cobrir a cabeça, antes de conciliar o sono.
O homem, impelido pelo instinto de conservação, necessita de um refúgio para a noite. O nômade ergue sua tenda e o sedentário recolhe-se debaixo de seu teto; mas não o fazem para se proteger do vento ou dos animais, mas para evitar o hálito do invisível, os fluxos indecifráveis que pululam pela imensidão noturna, os fogos cruzados da terra e do céu. Não desejam permanecer nus e desarmados na terra de ninguém da morte anônima.
Naturalmente não cairei na ridícula pretensão de concluir que todo aquele que dorme sob o céu aberto está condenado à morte. Só o que afirmo é que todo mundo tem interesse em evitar semelhante

experiência porque, mesmo que as conseqüências não sejam mortais, são sempre (e apesar de nossa ignorância temporária) desagradáveis. Assim, pois, enfrentar sem proteção os perigos de uma noite ao ar livre - quer com a desculpa de práticas desportivas, higiênicas ou naturistas, quer por esnobismo ou simples negligência - não deve ser considerado mais que uma atitude absurda e perigosa. Eu o fiz em minha juventude, por necessidade, algumas vezes (sendo soldado, no decurso de algumas expedições), e me arrependi disso. Convença-se, leitor: deve desconfiar do "céu aberto".

Os filhos de Átila e os filhos da Loba

A casa é um complemento necessário ao homem. Não tanto por uma questão de conforto, mas para garantir a segurança moral. Um indivíduo só pode cumprir seu destino social convertendo-se num morador, quer dizer, sua personalidade só pode desenvolver-se realmente se ele está coberto debaixo de um teto.

Os nômades vivem num sucedâneo da casa: uma tenda ou uma roulotte. Por conseguinte, sua existência não tem mais que uma aparência de civilização. São seres inacabados e instáveis, tanto na felicidade quanto no crime. Carecem de porvir, desconhecem o futuro, não deixam atrás de si a menor marca de vida ou de criação. O estado de guerra entre os filhos de Átila e os filhos da loba será, pois, permanente. Os nômades só começarão a existir verdadeiramente quando se converterem em sedentários.

Qualquer que seja a benignidade de sua natureza, um vagabundo acaba sempre por se comportar como um animal. O errante é um ser forçosamente associal, anormal, perigoso. A desconfiança burguesa para com o mendigo, para com qualquer um que "não tenha onde cair morto" - essa desconfiança tão vigorosamente estigmatizada e ridicularizada por todos os conformismos esquerdistas que se sucederam desde o romantismo - é um sentimento sadio e justificado que não se deve desprezar, mas pelo contrário, reforçar.

Assim ao menos opinava meu amigo Job, mesmo que tivesse de

suportar por toda a vida essa desconfiança. Job era um impenitente vagabundo, acostumado a ver-se tratado com reticência, a ver-se rechaçado e inclusive perseguido por todo gênero de comunidades de sedentários a quem no curso de suas andanças desafiava apenas com sua presença.
"Essa gente doméstica - confessava-me - tem razão em proteger-se de mim, em fazer frente comum contra minha presença. Vou explicar-lhe por que..."
Job assegurava que todos os que nascem no dia de São Miguel possuem o espírito de aventureiro. Sua vinda ao mundo teve lugar a 29 de setembro, na Baixa Bretanha. Desde que obtivera seu certificado de escola primária, não cessara de percorrer os caminhos da França, vivendo sem teto e sem lei, trabalhando esporadicamente no campo, caçando furtivamente por aqui, rapinando o imprescindível por ali, livre e feliz... ou ao menos assim acreditava eu, até que ele me fez a mais difícil das confissões.

O mais livre dos pobres

Uma vez por ano, aproximadamente, Job achava um jeito de vir me visitar. Só ficava em minha casa por alguns dias, apenas o suficiente para que se ajustassem ao seu tamanho algumas de minhas roupas usadas ou para que o dentista da cidade lhe arrancasse, às minhas expensas, um molar cariado.
Minhas relações com Job remontam â época em que a Previdência Social ainda não existia, quer dizer, já vêm de longa data. Naqueles tempos, os pobres eram responsáveis e sabiam, com toda a certeza, que sua velhice não conheceria pensão alguma.
Pois exatamente Job era o mais livre dos pobres que já conheci. Vê-Io tão pobre e tão livre, tão despojado de qualquer tipo de proteção do governo, tão pouco solidário com uma sociedade na qual vivia como pária voluntário e feliz, tudo isto me proporcionava uma deliciosa má consciência cada vez que ele me visitava. Má porque a mim me envergonhava sentir mais interesse pelo pitoresco e o fantástico, do

ponto-de-vista social, que pelas misérias humanas; e deliciosa porque (graças a Deus!) toda vocação justiceira, socialista ou sindicalista se desvanecia em mim ante apenas a presença daquele gigante esfarrapado que só consentia em trabalhar esporadicamente, e que, no entanto, respeitava sinceramente qualquer patrão temporário e se prestava com desenvoltura ao tão tranqüilizador jogo do paternalismo.
Quando via sua barba negra como o azeviche e seu chapéu redondo e amarfanhado, gritava-lhe: "Bem-vindo, Job!". E ele esperava, de pé junto ao portão do jardim, até que eu o convidasse a entrar. Meu cachorro, que o reconhecia de um ano para o outro, recebia-o sempre com enorme alegria; farejava-o de muito longe e nunca latia para ele.
- Não queria passar por sua cidade sem vir cumprimentá-lo dizia-me Job cortesmente.
Depois dos cumprimentos de praxe, apertávamos as mãos e eu o precedia até a cozinha, onde bebíamos alguns copos de vinho. Uma vez concluído este rito, acompanhava-o cerimoniosamente ao depósito de lenha, onde ele improvisava uma cama, como da vez anterior, estendendo um monte de palha sobre a serragem. Só a partir desse momento começávamos a verdadeira conversa.
- À força de dormir ao ar livre - dizia-me Job - acabei por converter-me num animal. Pouco a pouco minha alma foi-se evaporando. Vivo seguindo meus instintos, minhas necessidades e meus hábitos. Já não tenho honra nem moral, nem ambição. E não só isto, mas tampouco penso no futuro, nem na morte. Na verdade, sou um animal...
- Doméstico ou selvagem?
- Meus costumes são domésticos, mas meus instintos são selvagens. E entre as duas tendências estabeleceu-se um meio-termo. Se vivo muitos dias seguidos numa casa, sinto que uma alma se agita dentro de mim. Mas quando fico muito tempo dormindo em meio à natureza, então minha consciência de homem se dilui, até extinguir-se.
- E como você é mais feliz, Job: com ou sem alma?
- Quando sinto que tenho uma alma, sei que sou um desgraçado. Quando não a sinto, simplesmente não sei se sou feliz.

- Você escolheu viver livre, sem vínculos, sem casa, sem trabalho... Nada o obriga a levar esta vida de vagabundo. Você é forte, inteligente, inclusive bastante instruído, e ainda jovem o bastante para reintegrar-se facilmente na sociedade dos sedentários. Que está esperando para fazê-lo?
- Espero que meu lar fique habitável...
A palavra essencial fora pronunciada; agora tinha em minhas mãos a chave do mistério; Job, privado de seu lar natal, era incapaz de ser feliz. Sem dúvida, este lar estava amaldiçoado e era tão maléfico que ninguém podia viver lá são e salvo.

Um lugar chamado "Ker Faú"

Era uma choça remendada com barro e palha, perdida num ermo onde a grama crescia melhor que a batata. À medida que nasciam novos malditos nesta choça, os maiores abandonavam o lugar, para dirigir-se ao cemitério ou se dispersar ao sabor do seguro-desemprego agrícola ou industrial.
Job logo soube que aquele lugar levava em seu seio a desgraça. Quando ainda adolescente foi por sua vez alcançado pela maldição, sentiu-se literalmente expulso dali, e logo impelido a seguir adiante pela força do destino, tal como o judeu errante (se bem que por razões distintas). O que, entretanto, não impediu que as saudades de seu lar o seguissem em sua viagem para o desconhecido.
Job, incapaz de se estabelecer debaixo de outro teto menos carregado de ameaças, convertera-se num nômade perfeito e havia destruído todos os seus vínculos sociais. Fora obrigado a enfrentar os perigos do céu aberto, perigos que ignorava até então, mas que logo aprenderia a conhecer. E a experiência terminou por convencê-lo de que tais perigos eram menos temíveis que os de uma casa maléfica. De minha parte, pesando os prós e os contras, inclino-me a crer que tinha razão.
As confidências de Job haviam despertado a tal ponto minha curiosidade que desejei conhecer essa palhoça maldita. Assim, pois,

aproveitando umas férias de verão naquela região da Baixa Bretanha, lancei-me à busca do lugar chamado "Ker Faú", que se acha perdido naquela região, nem sendo mencionado no guia Michelin.
Acabei por dar com o abominável casebre, que visitei e cuja consciência auscultei. Prefiro não descrever como era, pois seria ceder à vaidade literária mais ignóbil. Limitar-me-ei a evocar seu aspecto numa só frase, que o leitor poderá enriquecer com quantas imagens lhe sugerir a imaginação: jamais vi, em toda minha vida, uma casa mais maldita, mais hostil ao homem, mais impregnada de adversidade.
Naquela época eu ignorava que existissem meios eficazes para neutralizar o malefício das casas. Hoje, tendo aprendido e experimentado tais meios, pergunto-me se teriam sido capazes de neutralizar uma maldição tão poderosa como a que pesava sobre a choça natal de Job.
Seja como for, tenho o costume de me referir a este exemplo como o único caso de malefício verdadeiramente irremediável que conheci.
Passou-se já muito tempo desde a última vez que vi Job. Mais de trinta anos. Mas minha lembrança continua sendo-lhe fiel. Que terá sido dele? Sem dúvida, está morto: deve ter entregado sua pobre alma a Deus em algum lugar da França, sobre alguma estrada, no fundo de uma valeta. Longe de seu lar amaldiçoado. A menos, claro, que ainda esteja vivo. Por que não, se eu estou vivo ainda? Mas o certo é que abandonei minha casa já faz muito tempo (mesmo não estando amaldiçoada), e se Job voltou "para cumprimentar-me ao passar por ali" não deve ter encontrado ninguém que soubesse dizer-lhe para onde eu me dirigi. Perder os amigos é, afinal, morrer.
De qualquer modo, se Job continua vivo, sua sorte terá melhorado, por certo, pois a maldição de "Ker Faú" desapareceu. Segundo pude saber, sua choupana foi queimada pelos alemães, em 1944: servia de refúgio aos "maquis". Os que não foram queimados em seu interior foram fuzilados sobre suas ruínas calcinadas. Assim, pois, até o final, a casa sinistra atraiu a desgraça sobre seus ocupantes. Confio que o fogo tenha purificado aquelas paragens malditas e desejo que alguém

tenha espargido sal sobre ela.

Uma casa com paredes invisíveis

Quatro paredes coroadas por um teto são a coisa mais importante do mundo. O bem e o mal, o melhor e o pior ali acontecem ao homem que vive, come e dorme, que pensa e imagina, que se rebela e se resigna, que ama e odeia, que trabalha e descansa, que cria e sonha, que sofre e goza nesse cubículo, disposto com maior ou menor conforto e refinamento.

Nenhum ser vivo pode evitar a influência da casa em que vive. Esta evidência leva-me a pensar que, para a contestação e a revolução, é muito mais importante construir "uma casa com paredes invisíveis" - como fez um arquiteto de sessenta e cinco anos chamado Nicolas Schoffer - do que ter vinte anos e pichar com inscrições mais ou menos chocantes as paredes das universidades, arremeter contra os professores ou andar pelo mundo sujo como um pente e cabeludo como Absalão.

Certamente, a casa do senhor Schöffer não permaneceu durante muito tempo em pé: só dez dias, os que durou uma de tantas exposições sobre obras públicas e construção. Foi apresentada como simples experiência, que inquietou sem convencer... como sucede sempre a quem abre com muita brusquidão uma janela para o futuro.

De minha parte, não tive a fortuna de visitar esta surpreendente obra-prima, mas a descrição feita por seu próprio criador basta para que me sinta para sempre encantado:

Em 1955 obtive, graças a um milagre inexplicável, a verba necessária para construir uma casa com paredes invisíveis. Por dez dias, porque aqui na França pode-se fazer experiências arquitetônicas realmente dispendiosas desde que não durem muito. Construí uma casa em forma de olho de fechadura, com uma parte trapezoidal e outra circular, e sem parede divisória entre as duas partes.

O elemento trapezoidal era totalmente insonoro, frio e de cor azul. Na parte circular, pelo contrário, havia uma luz vermelha, calefação por infravermelho a 45º e muitíssimo barulho. Quando se passava pela

interseção imaginária entre o trapézio e o círculo, o ambiente mudava por completo.
Decididamente estou convencido de que o continente pode provocar uma mutação do conteúdo. O habitante de uma casa com paredes imateriais terá, é óbvio, outro talante intelectual e outro modo de criar o porvir (o seu e o da sociedade), distantes do que têm os habitantes das tradicionais colméias que circundam os grandes núcleos urbanos.
Quanto ao mais, não é por acaso a arquitetura o melhor e mais cômodo parâmetro do significado de uma época ou de um reino? Rogo ao leitor que me perdoe se repito tantos lugares-comuns, mas o certo é que, passo a passo, mediante esta progressão da evidência, torna-se mais fácil conseguir que ao final se aceite uma verdade paradoxal. Vamos tenta!

Das pirâmides à limpeza

Cada um dos "reinos", quer dizer, cada uma das épocas, cada uma das eras (cuja sucessão compõe a história da humanidade) pode ser simbolizada com um monumento que expressa por si só, com uma evidência indiscutível, a verdade e o valor, a essência e a existência de um certo momento de civilização.
Será preciso ilustrar esta proposição com exemplos concretos? Talvez sim, pois que este tema constitui um dos preferidos nas conversações mundanas. Vejamos: as pirâmides representam perfeitamente o Egito dos faraós, explicam à sua maneira as causas e os efeitos de seu progresso em relação ao resto do gênero humano. O templo de Angkor e os hieróglifos de pedra são suficientes para resolver o enigma khmer. Quanto ao famoso milagre grego, o que melhor desvela seus segredos são o Partenon e o Erectéion. Sem falar no terrível peso da história romana - simbolizado por suas leis, seus deuses, seus jogos, o César e a plebe - de que nos restou aquela redução em escala que conhecemos com o nome de Coliseu, "montão de pedras assentado sobre um montão de glória.*

* Vitor Hugo qualificou com estas palavras o Arco do Triunfo, de Paris; mas em minha opinião, esta imagem evoca com maior exatidão o Coliseu, de Roma.

Poderíamos seguir acumulando provas, posto que basta sobrevoar os séculos, detendo-se em cada etapa no monumento mais significativo, para demonstrar quão inequívoco resulta semelhante método. Vejamos alguns exemplos mais.

A catedral de Chartres, essa Broceliândia de pedra da cristandade, ilustra muito melhor que todas as exegeses a primavera mística de uma raça da qual nós somos, hoje, tão só o inverno, desprovido de seiva.

O castelo de Versalhes e o Hôtel des Invalides manifestam bem claramente o porquê e o como da grandeza que distinguiu a época de Luís XIV. A de Luís XV, por certo, não foi menor; inclusive foi um pouco maior, posto que à grandeza acrescentou a graça. "Artifício de artífice" que, ao final de uma festa de gosto e elegância, fez com que os arquitetos daquele tempo semeassem por toda a França um sem-fim de obras-primas que hoje nos recordam - quase em cada esquina dos bons bairros - como o "Ancien Régime" se identificava verdadeiramente com a alegria de viver.

O eclipse da civilização que se seguiu a esta época se manifestou, se assim se pode dizer, com uma ausência de arquitetura. A única coisa que a Revolução Francesa ergueu à guisa de monumento foram os postes da guilhotina.

E assim até os dias de hoje, nos quais nossa teoria sobre a significação dos monumentos arquitetônicos encontrará novas verificações.

A Terceira República tem a sorte de estar representada pela Torre Eiffel e a desgraça de ter sofrido, desde a Grande Guerra, uma erupção de monumentos aos mortos de uma feiúra teratológica que não respeitou um só município do território francês.

Da Quarta República não se pode achar mais que um símbolo arquitetônico, aliás bastante medíocre: um conjunto habitacional com

paredes de material sintético e telhados porosos.
E quanto à Quinta República, sua originalidade (única na história da humanidade) é a de ter exprimido sua grandeza não mediante um monumento, mas através de uma grande faxina. Com efeito, o testemunho legado à posteridade por esta época não será nem um monumento, nem uma barraca: é um "banho geral". As torrentes de detergente que banharam todas as fachadas parisienses devolveram à cidade uma maravilhosa e comovedora juventude. E esta limpeza da decoração herdada dos séculos anteriores é, afinal de contas, muito mais significativa do reinado gaullista que a redução da pátria aos limites do hexágono* ou a explosão da primeira bomba atômica francesa.

* Os franceses se referem à forma geral de seu país corno um hexágono. [N. do T.].

2. AS SETE PRAGAS

O homem só está sempre em má companhia.
Paul Valéry

A arquitetura é a primeira das Belas-Artes.
Por que tal proeminência? Porque a arquitetura é a única entre as artes decorativas ou de habilidade que se pode considerar responsável pela felicidade e segurança dos homens.
Sempre, no meu entender, "a beleza não e mais que uma promessa de felicidade", como dizia Stendhal. Promessa que nunca é mantida por nenhuma das artes produtoras de beleza, excetuando a arquitetura. E, quanto à segurança, a arquitetura é também a única que pode proporcioná-la.
A arquitetura está cheia de sentido e força: possui uma vocação ao mesmo tempo estética e social. Conforme a decoração por ela criada,

seja mais ou menos bela, conforme as casas por ela erigidas ofereçam a seus habitantes mais ou menos comodidades materiais e morais, mais ou menos afinidades ao espírito e ao senso de cada um, os homens serão modificados, serão enfim mais ou menos felizes.

Por acaso haverá algo mais importante que a felicidade? Não é ela o objetivo final de todas as esperanças, de todos os desejos, de todos os esforços? Por acaso o desejo de alcançá-la não serve, na maioria das vezes, para justificar tanto as pequenas baixezas como os grandes vícios - e inclusive os crimes?

Pois bem: já que a casa pode decidir sobre a fortuna ou a desgraça de seus habitantes, nunca será bastante o cuidado que se aplique na escolha da melhor... antes de se instalar nela. Nem a higiene, nem o conforto, nem as comodidades ou a melhor disposição de seus distintos elementos constituem motivos suficientes para se decidir. Muito mais importante que tudo isto é o fator que eu chamaria de conformidade: antes de mais nada, trata-se de saber se é benéfica ou maléfica para eles, se protege sua saúde ou ajuda a miná-la... em suma, se contribui para sua felicidade ou para sua desgraça.

Porém, será possível saber disto antes de, como dizem os corretores imobiliários, "visitar o imóvel"? Existe algum modo de descobrir a malignidade de uma casa antes de verificá-la ou mesmo vivendo nela?

Se não estivesse em condições de responder afirmativamente a esta pergunta com a mais absoluta certeza, não me acharia agora ocupado em escrever este livro.

Na verdade, meu propósito não é outro senão informar a todos quantos queiram continuar lendo sobre:

1. Como detectar as casas perigosas;
2. Como purificar, neutralizar, tornar inofensivas as casas perigosas ou malditas quando alguém tem a desgraça de se ver obrigado a viver nelas;
3. Que precauções é conveniente adotar antes de construir ou comprar uma casa.

Apanhado na Armadilha

A beleza, o encanto, o conforto de uma casa ou de um apartamento são fáceis de apreciar. Uma simples visita do comprador eventual ou do candidato a inquilino bastará para comprovar as dimensões do lugar, sua iluminação, a distribuição dos aposentos, as instalações, a quantidade de ruído, o panorama, a ventilação, a vizinhança... e muitas coisas mais.

Não obstante, o mais meticuloso visitante poderá saber, no momento de tomar sua decisão, se essa casa lhe convém realmente. O arquiteto, o higienista, o decorador ou qualquer outro artífice serão incapazes de lhe informar adequadamente a este respeito, não poderão colocá-lo de sobreaviso, nem lhe advertir: Cuidado! Esta casa que lhe parece tão bonita, tão confortável, tão bem situada, é perigosa para você. Pode acarretar-lhe infortúnios ou enfermidades. Não se instale nela sob pretexto algum antes de ter consultado um especialista que lhe garanta a possibilidade de tornar sua casa saudável e inofensiva.

Ao pisar pela primeira vez na casa recém comprada ou alugada, o novo ocupante pode estar seguro de que penetra numa verdadeira armadilha que, com a aparência de uma caixa mágica de quatro paredes, um teto e um assoalho, influirá irremediavelmente em seu destino. De fato, a casa - seja familiar ou individual - aprisiona o homem numa rede de linhas de força que condicionam tanto sua saúde como sua felicidade e estado mental.

Sim: em sua casa, o homem está numa armadilha. Nesse lugar onde vive, onde dorme, onde se integra a uma comunidade humana e ao mesmo tempo a um ambiente geográfico, o homem corre o risco de se ver bombardeado, trespassado, triturado, condicionado pelas forças que nascem e emanam do subsolo, dos alicerces da casa ou das chuvas imateriais que se precipitam do cosmos, ou mesmo dos materiais empregados para a construção do edifício, ou de linhas inventadas por um arquiteto irresponsável, ou de objetos e decoração

cuja geometria pode irradiar "ondas de forma" mais ou menos violentas, ou dos mistérios simbólicos ou analógicos que regem de um modo inexplicável tantas influências ocultas, ou da memória das paredes que, tendo conhecido no decurso dos anos acontecimentos dramáticos ou penosos, irradiam ainda a desgraça ou o crime até o extremo de corromper o ar que respiram os atuais habitantes...

Por estas razões - uma dentre elas, ou várias - a casa (ou parte dela) converte-se numa caixa de ressonância dentro da qual seu ocupante acha-se reduzido a um simples joguete de todas essas forças múltiplas desencadeadas.

Certamente existem casas neutras que não influem em nada em quem as habita, exceto por sua comodidade ou incomodidade. Certamente é muito diferente viver num palácio ou numa choupana, num sétimo andar ensolarado ou num andar térreo que dá para um escuro pátio interno, ocupar duas pessoas um apartamento de quatro quartos e grande luxo, ou quatro um pequeno estúdio-kitchenette. Mas todas estas vantagens ou inconvenientes - conseqüência inevitável da desigualdade econômica - saltam à vista: não são mais que situações conjunturais isentas tanto de mistério quanto de remédio. Pelo contrário, o que se pode combater ou prevenir são as influências invisíveis, objeto do presente estudo; quer dizer, aquelas que, sem que ninguém o saiba, emanam das paredes; aquelas que decidem o destino de quem habita entre elas.

A ninguém passa desapercebida a utilidade de poder decifrar tais influências, antes de ser vítima delas, e óbvio, não? Quanta gente viveu toda a vida com saúde precária ou morreu prematuramente porque ignorava que os alicerces de sua casa se apoiavam sobre uma falha geológica ou eram atravessados por uma corrente telúrica? Quantos tiveram suas oportunidades malogradas, arruinaram sua felicidade familiar só pelo fato de habitar, sem saber, uma casa maléfica ou maldita!

Em contrapartida, alguns afortunados alcançaram a felicidade simplesmente porque viviam em casas cujas emanações invisíveis favoreciam seus empreendimentos, confortavam sua saúde, criavam

em torno deles um clima favorável.
Porque efetivamente também existem as casas benéficas: quem as habita encontra uma tão perfeita harmonia com o lugar que sua fortuna é intensificada ao ponto de adquirir uma vibração extraordinária. Esta espécie de refúgio privilegiado predispõe â felicidade, cria condições necessárias para uma vida ditosa, em suma, são benéficas... e são com a mesma força, com a mesma evidência com que outras casas manifestam sua maleficência.
A melhor qualidade de uma casa não pode ser mais que proporcionar a felicidade a seus ocupantes. Semelhante vantagem devidamente reconhecida e provada - deveria bastar para duplicar seu preço de venda ou de aluguel. Mas quem se atreveria a tomar isto em consideração? Por acaso o arrendatário e o arrendador declararam alguma vez perante o notário que a residência objeto de seu contrato é benéfica, ou pelo menos que não é maléfica? Parece claro que tais epítetos não se acomodam demasiado ao espírito das transações imobiliárias.
Tanto pior, porque segundo meu modo de ver é injusto que as casas benéficas não gozem, enquanto tais, de um valor suplementar, dado que as casas maléficas, por sua parte, sofrem uma efetiva depreciação. Há edifícios, apartamentos, que são praticamente invendáveis por terem má reputação e, como todo mundo sabe, seja calúnia ou maledicência, esta classe de acusação divulga-se rápida e amplamente, tanto na credulidade como no temor supersticioso dos possíveis compradores.

O bom negócio de Maurice Besson

O célebre curandeiro Maurice Besson confiou-me um dia, falando destes temas, que havia comprado por um preço muito inferior a seu valor real a bonita villa que possui em Panizol, perto de Limoges. Na região, esta casa era considerada por todos como causadora de infortúnios: seus primitivos habitantes haviam morrido de câncer. Evidentemente, Maurice Besson não era o tipo de homem que se

deixa intimidar por uma ameaça de tal natureza. Ademais, tinha a seu favor os conhecimentos e a capacidade suficientes para conjurar o malefício daquela casa. Assim, não vacilou em apresentar uma oferta, realizando assim um negócio muito vantajoso. Uma vez de posse da villa, purificou-a de toda influência negativa (segundo um procedimento ao qual me refiro em outro capítulo deste livro), e desde então a família Besson vive feliz e gozando de impecável saúde na Villa Chatanika, onde antes imperavam o infortúnio e a enfermidade.

Felicidade a domicílio

Quando se habita uma casa "neutra" ou benéfica, ter conhecimento disto não oferece muito interesse. O fato de sabê-lo não alterará em absoluto o comportamento de quem a habita. Mas, quando se ocupa uma casa maléfica, é da maior importância estar informado disto com toda a certeza: só assim se terá possibilidade ou de abandoná-la o quanto antes (a pior mudança é sempre melhor que padecer de um fatal infortúnio), ou de saneá-la seguindo os procedimentos adequados, relativamente simples na maioria dos casos. Explicar estes procedimentos - alguns dos quais são puramente científicos, ao passo que os demais concernem, em maior ou menor grau, a urna magia empírica - constitui precisamente o principal objetivo deste estudo. É claro que nosso propósito tropeça numa dificuldade: os procedimentos variam segundo a natureza do malefício. E se por um lado constatar os efeitos está ao alcance de qualquer observador honesto, por outro lado encontrar as causas exige conhecimentos e técnica que não se ensinam em universidade nenhuma. Assim, se se deseja obter resultados úteis, a primeira coisa que se deve fazer é estabelecer um diagnóstico que não seja aproximativo, mas, ao contrário, rigorosamente preciso, com o objetivo de que o remédio adeqüe-se com toda a exatidão ao mal.

De qualquer modo, o mais importante é não adotar com respeito â casa uma atitude cega e passiva. Antes de mais nada, não resignar-se, mas indagar de onde procede o malefício a fim de poder remediá-

Io. A primeira preocupação do morador deve ser a de desentranhar o mistério das paredes entre as quais vive, e seu primeiro dever é tomar as conseqüentes precauções e medidas úteis para que a felicidade venha morar com ele.

As causas do malefício

São muito os correspondentes (amigos ou desconhecidos) que me escreveram para apontar um grande número de casas maléficas. Todos eles chamavam-me a atenção para provas e referências concretas. Assim, pois, seria fácil para mim verificar cada caso em particular. Mas onde achar o tempo e o dinheiro necessários para levar a cabo uma tal investigação? E ademais, com que objetivo?
Meu propósito nunca será convencer alguém de que realmente existem lugares maléficos que acarretam o infortúnio a quem os ocupa. Uma demonstração em regra, baseada em constatações irrefutáveis, seria incapaz de transformar em convicção a dúvida de um cético. Se o afetado pelo malefício é um racionalista, nunca permitirá que se debilite seu ceticismo, e, se se tratar de um supersticioso, atribuirá sua desgraça à má sorte, quando, com toda a evidência, a causa for unicamente fortuita, ou natural. Nada é mais infrutífero que tratar de converter com provas; um raciocínio jamais fez ninguém mudar de opinião*.

* "As opiniões se discutem, mas as convicções só se dirimem a tiros", escreveu T. E. Lawrence em Os Sete Pilares da Sabedoria.

Dirijo-me a todos aqueles que sabem (por experiência própria ou pela fé) quão perigoso é desafiar os tabus, e faço-o com o desejo de lhes oferecer o modo de o fazer impunemente.
Dirijo-me em particular a todos aqueles que se inquietam ante a possibilidade de arriscar sua saúde, sua felicidade ou sua ventura só pelo fato de penetrar alegremente numa casa nova; a todos aqueles que desejam conhecer as precauções que convém adotar antes de se

construir a própria "casinha no campo" para os fins de semana; a todos aqueles que se vêem na necessidade de sanear uma residência maldita para poder sobreviver sem ter de abandoná-la.

Todos esses moradores, inquietos por uma ou outra razão, antes de serem convencidos com provas e argumentos de uma realidade que não discutem nem põem em dúvida, necessitam que se os tranqüilize e ajude. Sem dúvida, semelhante empenho nos coloca frente a uma matéria tão rica e sugestiva quão difícil de programar.

Um programa lógico seria estudar, uma depois da outra, depois de havê-las determinado, as distintas causas que podem converter em maléfica uma casa e em perigosa a estadia demorada em certos lugares. A seguir, seria preciso estabelecer os métodos práticos, quer para suprimir a causa, quer para combater seu efeito, isto é, neutralizar o malefício de um modo ou outro. E finalmente, depois do diagnóstico, o remédio. De acordo?

Por último - e mesmo tendo vacilado muito antes de adotar a classificação seguinte - quero consignar que, no meu entender, as causas que podem provocar mal-estar, doença ou infortúnio nos ocupantes de uma residência qualquer são sete:

1. **Alicerce**: casa edificada sobre um terreno impermeável; sobre uma corrente de água subterrânea ou uma jazida natural, uma falha geológica ou uma cavidade fechada; num local vulnerável às infiltrações elétricas ou infestado (por qualquer causa) por ondas nocivas.

2. **Ondas de forma**: são, por si sós, responsáveis.

3. **Ionização possível** do ar, por uma ou outra razão.

4. **Os materiais** de que está feita a casa (os móveis e demais objetos que abriga), maléficos por natureza.

5. A casa, em sua totalidade ou só em parte, sofreu uma **maldição** ou

uma **proibição** (neste último caso, trata-se do curioso mistério do "santuário").

6. **A memória das paredes**, o **mau hálito do passado** envenenam a atmosfera do presente.

7. A **má sorte**, ou o **mau olhado** de um ou vários moradores acabam impregnando a decoração e o ambiente, que passam a emitir ondas maléficas: reflexos, ecos, contragolpes, carambolas de um bilhar detestável que moradia e moradores intercambiam indefinidamente com ondas cuja maledicência aumenta em cadeia.

Assim, pois, a enfermidade, a nocividade, o vício de uma casa podem provir de uma destas sete causas que são (utilizando um inexcusável jogo de palavras) como as sete pragas dos gessos, cada uma das quais é poderosa o suficiente para infestar o gesso e as pedras, os alicerces e os revestimentos; em suma, para converter uma casa em inabitável ou, no mínimo, perigosa para uma estadia prolongada.

3. AS CASAS DE CÂNCER

O epitélio cutâneo é o que nos faz partícipes do equilíbrio universal, adaptados do exterior para o interior.
Léon Daudet

Evidentemente, trata-se apenas de um modo de dizer. Sem dúvida não será demasiado começar estabelecendo algumas definições a propósito de semelhante qualificação, excessiva na maioria dos casos. Com efeito, as "casas de câncer" não são, por vezes, mais que simples casas de alergia, de reumatismo, de asma ou de outras enfermidades mais ou menos psicossomáticas. Por outro lado, independentemente de seu grau de nocividade, nenhuma casa nunca teve o privilégio maléfico de contaminar todas as pessoas que viveram

entre suas paredes. Na verdade, as casas de câncer perdoam a muito mais moradores do que matam. Não obstante, ninguém pode nos negar o direito de designá-las por esse apelido infamante quando as vítimas do terrível mal são muito mais numerosas do que permitiria supor o cálculo probabilístico ou as médias estatísticas.

Com respeito aos sobreviventes, parece que o mais lógico seria perguntar-se se sua imunidade se deve só ao acaso ou à prevenção.

Pois bem, a resposta correta é: nem um, nem outro.

Por si mesmo, cada ser vem ao mundo com predisposição para uma certa enfermidade: um pegará mais facilmente a tuberculose; outro, a poliomielite; outro, o câncer... Trata-se de uma espécie de vocação patológica, mais ou menos acentuada, pessoal em cada indivíduo e que, ademais, não se realizará obrigatoriamente. Esta predisposição inclusive pode permanecer neutralizada indefinidamente se o indivíduo em questão vive num ambiente sadio e não é atacado por nenhum princípio maligno. Mas, ao contrário, consumir-se-á indefectivelmente na doença prevista se o organismo do paciente não for capaz de opor resistência suficiente às agressões ambientais. Tal é a razão pela qual, nas casas de câncer, os moradores "predispostos" congenitamente a este mal se vêem afetados por ele, ao passo que os demais resistem melhor à sua acometida.

Para ilustrar com um exemplo, bastará minha própria experiência: nasci em Paris, na rua du Bac, numa casa de câncer; durante os vinte anos em que vivi ali, dez de meus vizinhos morreram de câncer. Eu sou parte dos sobreviventes.

Não existe nenhuma razão que possa explicar validamente semelhante taxa de mortalidade entre a povoação aristocrática e bem alimentada daquele edifício impecável... ainda que (ou precisamente por isso) de construção antiga. A fachada sul tinha à frente uma vasta extensão de jardins, enquanto que a fachada norte dava para um pátio calçado de pedras em que outrora as carruagens evoluíam. Porém, apesar de sua honorável aparência, é indubitável que minha casa natal "favorecia" o câncer, embora constatar o fato não signifique explicá-lo. O problema, por conseguinte, continua insolúvel: por que e

como pode uma casa ter uma influência cancerígena sobre seus habitantes?
Na atualidade estou em condições de dar uma boa resposta a estas duas questões, coisa que me disponho a fazer a partir da vertente dupla da tese e da hipótese, e apresentando os documentos, argumentos e provas que pude reunir. No entanto, devo dizer que durante anos minha busca incessante só encontrou a ironia ou o desprezo condescendente de todos aqueles a quem interrogava sobre o tema. Arquitetos, mestres-de-obras, médicos, farmacêuticos, biólogos, químicos, físicos, geólogos, em suma, todas as pessoas sérias, influentes, com prestígio social e cultural, davam-me a entender que minhas perguntas lhes pareciam próprias de um obscurantista retrógrado e puerilmente crédulo. As casas de câncer, respondiam-me, não só não existem, como não podem existir: seria anti-científico, irrazoável e ridiculamente supersticioso crer que uma casa construída conforme as normas do urbanismo e respeitando as regras da higiene social pudesse ter uma influência perniciosa ou maléfica de qualquer tipo sobre seus habitantes.
É claro, semelhante unanimidade reprovadora não me afastou em nenhum momento de minha convicção, pois quanto mais progredia em minhas pesquisas, mais casas de câncer descobria. Não obstante, meu espírito não deixava de sentir uma evidente perturbação ante o fato de não encontrar nenhuma explicação razoável para este mistério, nenhuma resposta para as duas perguntas que inevitavelmente se colocam cada vez que se constatam os efeitos de uma causa ignorada: por que? Como?

Assassinos por omissão

Todas as avestruzes da ciência nas quais tropecei, ao solicitar respeitosamente sua opinião a respeito, esconderam temerosamente debaixo da areia dos preconceitos acadêmicos suas pequenas cabeças cheias (mas chochas), antes que se atrever a enfrentar este terrível problema para buscar o modo de solucioná-lo. O que foi dito

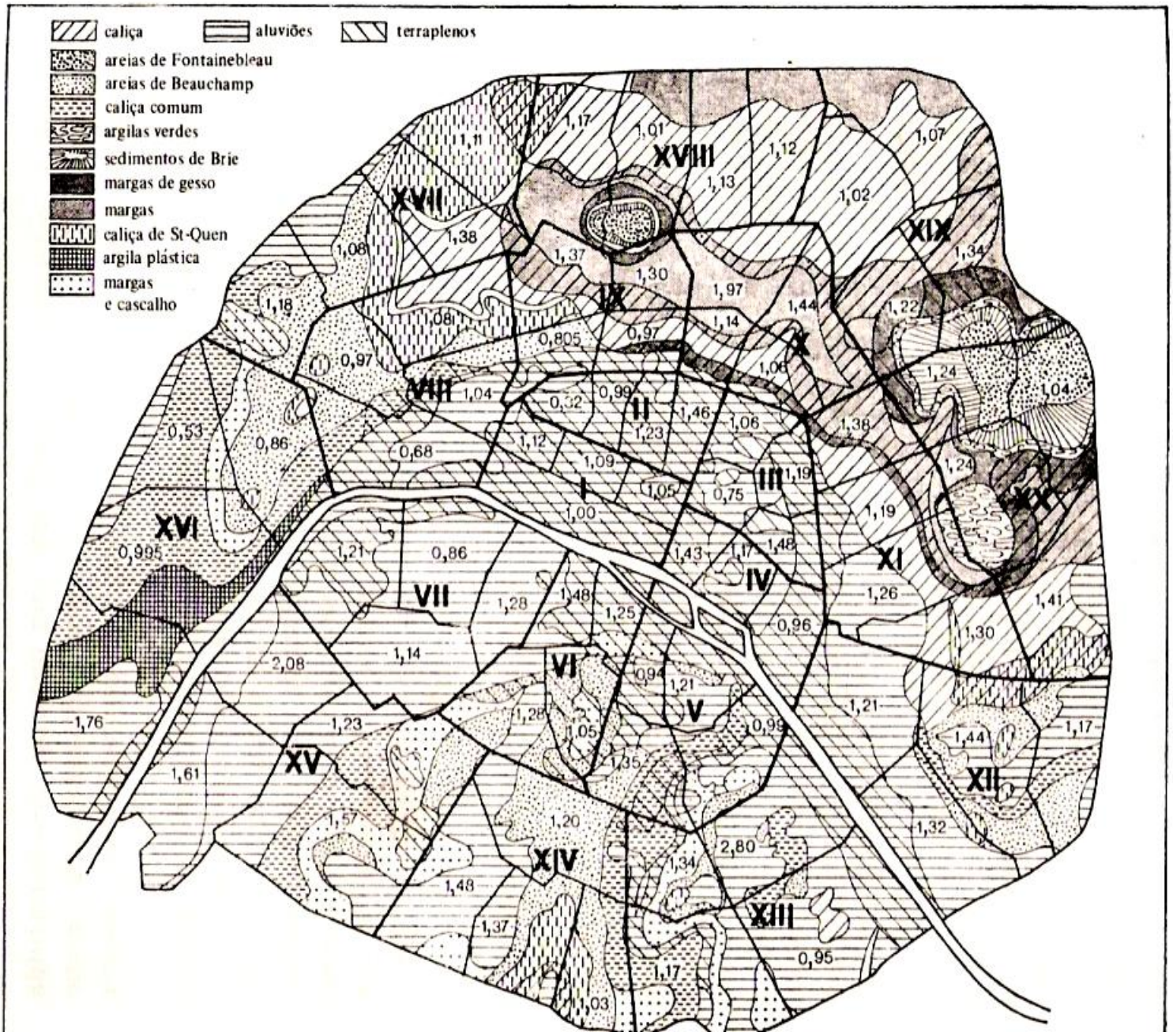
acima é a tal ponto certo que resultou praticamente impossível obter, por parte dessas pessoas inteligentes e socialmente integradas, o Menor esforço imaginativo, a mais ínfima das concessões que lhes permitiria adentrar ao menos um passo no outro lado da fronteira atual de seus conhecimentos, suas certezas, seus raciocínios.

Apesar de tudo, e depois de ter suportado estoicamente não poucos insultos, terminei por encontrar alguns profissionais da construção (ou seja, da ciência) que, mais avisados e, sobretudo, estando melhor informados das realidades de nosso mundo, admitiram (sem conseguir explicá-lo, porém) que determinadas casas exercem, efetivamente, uma influência perniciosa sobre a saúde de quem a habita e que o câncer, em especial, podia muito bem ser o resultado de uma dessas agressões.

Eu sei, e acredito, porque eu mesmo pude constatar muitas vezes - disse-me um célebre arquiteto parisiense. - Meu ofício é construir casas... e portanto prefiro que não sejam casas de câncer. Não desejo ser um assassino, nem mesmo por omissão! Em conseqüência, tratei de descobrir - empiricamente que precauções devia tomar sobre o terreno antes de alicerçar e levantar um imóvel. E, modéstia à parte, creio ter dado com algumas soluções simples e eficazes. Além do que o gasto em que isso implica é realmente insignificante, a ponto de nem figurar como item especial no orçamento, mas sim aparecer integrado em outro item tradicional e sem denominação particular. Deste modo, evito as perguntas mal intencionais ou irônicas e as eventuais brincadeiras, tão desagradáveis, de alguns colegas. Em resumo, sob nenhum pretexto quero ver propagar-se no ambiente profissional o rumor de que sou tolo o suficiente para crer no telurismo, nas ondas nocivas, nas casas de câncer e demais parlapatices supersticiosas.

Assim, era inútil pedir a este eminente arquiteto que me permitisse utilizar seu autorizado testemunho para justificar meus argumentos. Não proibiu que citasse suas palavras, mas que referisse seu nome. Seja como for, o certo é que graças a este especialista pude ao menos conhecer algumas das precauções que convém tomar antes

de construir uma casa, se se quiser protegê-la dos malefícios.



Influência da natureza geológica do solo sobre a densidade dos casos de câncer em Paris (segundo um mapa estabelecido por G. Lakhovshy).

A escolha do terreno

Em primeiro lugar, agora sei que a escolha do terreno onde se erguerá a casa tem importância considerável, vital mesmo, apesar de

poder parecer exagerado.
De fato, desta escolha pode depender a vida ou a morte, a saúde ou a enfermidade, a felicidade ou o infortúnio do casal de anciãos que decide construir urna casa de campo para sua aposentadoria, ou do jovem casal que busca uma casa para os fins de semana, ou da faml1ia numerosa que espera encontrar o espaço vital suficiente num casarão no subúrbio...
Antes de explicar a toda essa gente esperançosa as precauções indispensáveis que se deve tomar no momento de levantar a casa, quero resumir e esclarecer a tese exposta por G. Lakhovsky em sua Contribuição à Etiologia do Câncer.
Para este cientista, o câncer é "uma reação do organismo contra uma modificação de seu equilíbrio vibratório sob o efeito das radiações cósmicas. Quer essas radiações aumentem ou diminuam em intensidade, quer aumentem ou diminuam seu comprimento de onda, o equilíbrio oscilatório de nossas células modifica-se. Pois bem, as radiações cósmicas que sulcam o éter são em parte captadas pelo solo, posto que estas ondas penetram nele até uma profundidade apreciável. E é indiscutível que as condições desta - absorção modificam mais ou menos o campo eletromagnético dessas radiações na superfície do solo, que reemite nova radiação. Estas ditas radiações modificam, pois, as condições de vida da célula viva que vibra neste campo".
O sentido dessa extensa citação deve ser captado corretamente se se quiser compreender por que é tão importante a escolha do terreno antes de se construir uma casa.
A partir do momento em que sabemos que as ondas penetram tanto mais no solo quanto menos condutor ele for, está claro que, se se quiser possuir uma casa saudável, é preciso construí-Ia num terreno permeável às ondas nocivas (quer dizer, dielétrico), o qual absorverá as radiações até uma grande profundidade sem ocasionar nenhuma reação no campo superficial. Para evitar qualquer erro, precisamos que estes terrenos, dotados de fraca densidade nociva, compõem-se de areia, calcário, gesso, grés, rochas cristalinas primitivas e

determinados aluviões recentes ricos em areias e cascalhos.
Pelo contrário, deve-se desconfiar dos terrenos impermeáveis, e, por conseguinte, condutores de ondas nocivas, que devem ser considerados impróprios para qualquer construção perfeitamente salubre. Estes terrenos, de acentuada densidade nociva, compõem-se de argila plástica, margas de gesso, margas jurássicas, greda fosfatada e pirita de ferro, solos carboníferos e alguns minérios de ferro.
No primeiro caso (de um terreno permeável) o campo superficial não é modificado, mas no segundo (o de um terreno impermeável) as "radiações refletidas, refratadas e difundidas misturam-se com as primitivas para produzir um campo interferente e ondas estacionárias".
A conclusão de Lakhovsky parece-me muito pertinente: '"Tudo redunda no mesmo: conhecer a condutividade dos terrenos",
Assim, a primeira providência do candidato a proprietário imobiliário deveria ser informar-se sobre a composição geológica do terreno sobre o qual pensa erguer sua casa.
Um professor assistente da Faculdade de Medicina de Paris certa ocasião me fez confidência análoga à do arquiteto:
"Sei, pela experiência, que existem casas de câncer ,- manifestou-me. - Entretanto, ignoro os remédios ou as precauções que possam resultar eficazes contra esta misteriosa e maléfica influência de determinadas paredes. Em conseqüência, quando um paciente que habita uma dessas casas suspeitas vem me consultar, não posso fazer outra coisa senão limitar-me a prescrever que abandone o quanto antes sua casa. E pude constatar que os que me obedecem não tardam em se curar, enquanto que os outros, qualquer que seja a medicação a que se submetam, acabam perecendo."
Que lástima que o medo do ridículo converta, senão em mudos, em anônimos meus melhores auxiliares! Não me resta outra solução, pois, senão renunciar a conferir a mínima garantia oficial à opinião que defendo.
Por outro lado, tenho sido também proibido de trazer provas extraídas de referências verificáveis. De fato, as casas têm o direito, como os

indivíduos, de serem protegidas contra a difamação. E todos sabem que toda imputação injuriosa e difamatória, mesmo que corresponda à realidade, constitui delito. Em conclusão: se eu escrevesse que esta ou aquela casa é uma casa de câncer, seu proprietário poderia me processar, e possivelmente ganhar a causa.
No entanto, identifiquei uma centena de casas de câncer na França! Se pudesse tornaria pública sua localização exata, com o que resultaria fácil verificar o número de vítimas registradas e tratar de pôr fim a uma hecatombe que em muitos casos continua (sem que se faça nada, porque oficialmente ninguém crê nela).
Por exemplo, (um entre mil), em Metz há uma grande cervejaria - cujo nome e outros detalhes precisos não posso dar por discrição, se bem que todos os habitantes daquela cidade possam identificá-la facilmente - que mata cada proprietário sucessivo que explora o estabelecimento e que mora no apartamento situado em cima dos salões do café e restaurante. Todos morrem de câncer. A taxa de mortalidade é de uma vítima a cada cinco anos. E a hecatombe continua.
Como já disse anteriormente, não estou autorizado a formular um repertório de provas concretas. Estaria, então, em condições de tentar convencer teoricamente? Porque um cândido trouxa como eu, desprovido de todo e qualquer título ou verniz científico, unicamente pode fazer um papel ridículo quando se trata de se imiscuir num mistério que mantém alertas os pesquisadores e cientistas de todo o mundo: a natureza e origem do câncer.
Só o fato de pensar nisto me faz sentir pequeno, insignificante - eu que nada sei e que não pretendo outra coisa senão nada saber -, porque a existência das casas de câncer não pode ser explicada sem se admitir de antemão uma hipótese que os cancerólogos eminentes (ou distintos, seria melhor dizer?) considerariam provavelmente ridícula. Aqui me têm, pois, imerso numa situação verdadeiramente grotesca e nada confortável. Como sair deste atoleiro? Porém, o que tenho a dizer acerca dessas malditas casas - que existem, eu o sei muito bem, estou certo, inclusive estou disposto a jurá-lo, pois

conheço dezenas delas - parece-me importante o bastante para me fazer correr o risco de contar sem me envergonhar. Oxalá o gracioso deus do humor (a quem invoco cada manhã, ao despertar, e confesso meus pecados a cada noite, antes de dormir) haja por bem amparar-me e socorrer-me nesta empresa!

As doenças estranhas

Posto que devo tomar precauções estilísticas, aproveitarei minha vantagem para ampliar o campo de definição. As casas de câncer possuem uma especialidade espetacular e aterradora, é verdade, mas não detêm a exclusividade de serem malignas. Existem muitas outras casas em que nunca se constatou nenhum caso de câncer e que exercem também uma influência detestável sobre a saúde de seus ocupantes. Estas casas - que é melhor chamar de maléficas, mais do que malsãs, pois à primeira vista, são salubres oferecem uma ampla variedade de doenças de que são as únicas responsáveis: desde as enfermidades mais graves, como a esclerose em placas ou transtornos cardiovasculares, até indisposições mais benignas como depressão, fadiga crônica, hemicrania, insônia etc. De fato, estas casas perturbam o equilíbrio do organismo humano, provocando transtornos funcionais ou lesões orgânicas que os médicos constatam, sem descobrir suas causas. Se as conhecessem, não se surpreenderiam ao deparar com casos singulares cujo diagnóstico só representa para eles verdadeiros quebra-cabeças.
Por exemplo, que pensar dessas doenças estranhas que paradoxalmente não deixam em paz os que delas padecem senão quando estes saem de suas casas para ir trabalhar? Na fábrica, no escritório, na escola, tais indivíduos encontram um ambiente que opera o milagre de restabelecer-lhes a saúde perturbada pelas ondas nocivas que irradiam, sem que eles sequer suspeitem das paredes de suas casas. Depois de uma noite em casa, levantam-se fatigados, desprovidos de toda capacidade de resistência, e só começam a

sentir-se melhor quando abandonam as casas. Uma dura jornada de trabalho os restabelece, enquanto que descansar em casa os esgota! Algumas vezes, acontece o contrário: é o lugar de trabalho que está infestado de radiações nocivas, enquanto que a casa é perfeitamente sadia.

Em ambos os casos a situação resulta igualmente penosa. Por vezes, inclusive, agrava-se até limites dramáticos e se converte em irremediável, porque escapa à competência dos médicos: eles ignoram tudo acerca desta misteriosa etiologia.

Finalmente, ocorre um terceiro caso - o pior - no qual tanto o lar quanto o local de trabalho são maléficos em idêntico grau. As desgraçadas vítimas desta dupla agressão não têm salvação, a não ser que achem algum meio, violento ou disfarçado, de fugir de semelhante inferno, do contrário não tardarão a sucumbir à neurastenia, ou a leucemia, ou à depressão, ou à loucura, ou ao suicídio... Em resumo, estão desalojadas deste mundo e deverão, de bom grado ou pela força, logo se mudar para o outro.

A única possibilidade de oferecer resistência a uma agressão tão impressionante e exercida permanentemente, de dia e de noite, no trabalho e no lar, está em possuir um grande simpático em perfeito estado de funcionamento. Infelizmente, este regulador essencial de nossas funções vegetativas costuma encontrar-se mais ou menos decomposto, pela simples razão de que as células do corpo humano "descarregam-se" e as reservas de vitalidade do indivíduo diminuem, tal como acontece com um condensador elétrico que perde sua carga quando tem um contato com a terra. Por conseguinte, esta baixa do potencial provoca uma depressão e uma fadiga generalizadas, além de acarretar, a longo prazo, enfermidades crônicas que podem resultar mortais.

Quando um morador se vê atacado pelo câncer ou por qualquer outra perturbação patológica, e se comprovou que a moradia é efetivamente a causa de enfermidade, a cura desta deve bastar para a recuperação daquele.

Mas como "curar" uma casa? Como saber de onde provém sua

nocividade, quando na aparência está fisicamente sã?
Depois de ler o tratado de Física Microvibratória de A. de Bélizal e P. A. Morel, comecei a entrever a verdade. As explicações destes dois cientistas acerca das ondas nocivas e telurismo, assim como sua sugestiva teoria das "forças compensadas", constituem um sólido corpo doutrinário. Inspirando-me nele, poderia agora desenvolver uma tese magistral sobre o conjunto do problema das casas de câncer e acabar propondo uma solução coerente. Mas prefiro o evangelho ao catecismo, a parábola à teologia, a coisa vista à explicação sintetizada... Antes de me esforçar por redigir um resumo de aluno pedante, antes de me aventurar numa fria exposição de teorias - que, devo confessá-lo, não compreendo bem, apesar de me terem convencido -, prefiro tratar de despertar o interesse de meus leitores e obter seu assentimento recorrendo a duas ou três histórias vividas, autênticas, bem visíveis. Devo advertir de antemão que todas têm uma moralzinha simples, como acontece nas fábulas, e que ilustram com imagens concretas, as verdades abstratas que sempre nos vemos obrigados a enunciar com pedantismo.

Devo o conhecimento de tais relatos a um notável personagem, Maurice Graff, doutor em medicina homeopática pela Universidade de Sheffield (Grã-Bretanha), membro da Academia de Ciências de Nova Iorque e detentor de muitos outros títulos nada suspeitos para a ciência oficial. Seja como for, este franco-atirador da pesquisa (dotado, por acréscimo, do maravilhoso dom de curar) multiplicou, ao longo de sua carreira, os descobrimentos e as invenções que, se bem que em alguns casos não passam de simples divertimentos, em outros alcançaram a categoria de obras que abrem caminho para progressos técnicos ou terapêuticos suscetíveis de modificar as condições de vida dos homens do futuro.
Todos esses artigos científicos ou terapêuticos - que vão desde a almofada para insones até o aparelho que dissolve a celulite e elimina a fadiga, passando pelo frasco milagroso, que purifica os legumes de todo sinal dos adubos químicos que os fizeram crescer -, todos estes

inventos não são mais que aplicações acessórias e imaginadas no lazer cotidiano dentre as investigações mais sérias que realiza o doutor Maurice Graff há mais de quinze anos. Para justificar seus trabalhos e conquistar para eles um juízo favorável, não deixa passar por alto nenhuma ocasião que lhe permita referir-se ao exemplo de ilustres predecessores que, sem contar com diploma oficial algum, e amiúde sendo alvo da hostilidade de Academias e Universidades, fizeram descobertas de capital importância para a humanidade: Pasteur, Curie, Friedman, os irmãos Lumière...

Lembre-se - disse-me ele - que Gustave Le Bon foi acusado de loucura pela Academia de Ciências porque foi o primeiro a demonstrar como possível a desintegração da matéria. Foi necessária a explosão da primeira bomba atômica para que todo o mundo reconhecesse que ele teve razão muito cedo.

De minha modesta parte, de minha humilde situação de investigador independente, dediquei ao problema do câncer toda a capacidade de minha imaginação, enunciando hipóteses que logo procurei verificar experimentalmente. Pois bem, atualmente cheguei à conclusão - uma conclusão talvez provisória ou parcial, mas só se trata de uma etapa que deve permitir chegar mais longe - de que o câncer não provém nem de um ultra-vírus * nem de um meio bacteriológico ou microbiano, mas de um desequilíbrio das células devido a uma vibração que circunda nosso organismo, e também o ambiente em que vivemos.

Cada célula tem sua própria vida. Cada célula está rodeada por um filamento nervoso cujas minúsculas ramificações regulam a vida celular. Estes filamentos nervosos podem ser comparados a uma antena de rádio: detectam e captam as radiações do ambiente em que vivem e as retransmitem aos centros vitais da célula. Está demonstrado cientificamente que os nervos são bons condutores de eletricidade. Estas correntes, captadas pelos centros nervosos da célula, podem ser benignas ou nocivas, segundo os ambientes e os fatos. Se são benignas, como o magnetismo, proporcionam nova vitalidade à vida orgânica das células; mas, se são nocivas, como o telurismo, ocasionam um verdadeiro transtorno na vida dos tecidos e

glândulas, o que pode resultar numa proliferação anárquica das células: é o princípio da evolução cancerosa.

* Mesmo que o câncer se deva a um vírus, este vírus só poderá incidir sobre o organismo humano em função do desequilíbrio vibratório que tenha provocado nele a ruptura das forças eletromagnéticas. Tal é a opinião do doutor Huebner, chefe do serviço do virologia tumoral do Instituto Nacional do Câncer dos Estados Unidos. Este eminente cientista conseguiu em novembro de 1971, junto com três de seus colegas americanos, isolar num câncer humano o vírus responsável pela enfermidade, vírus que pertencia à classe "C". Com tal motivo não deixou de recordar a tese que vinha sustentando muito tempo antes: é certo que todos os tipos de câncer humano se devem aos vírus "C", mas todos nós nascemos com esses vírus, que se mantêm em estado parasitário e inofensivo até o dia em que um fator externo (radiações, traumatismo, envenenamento, desequilíbrio metabólico ou hormonal) lhes confere uma virulência assassina e que nada poderá deter.

Dentre os fatores externos que podem desencadear a evolução do câncer, o mais freqüente - e também mais perigoso, precisamente porque permanece ignorado - é uma perturbação do ambiente vibratório num lugar habitado.

Esta exposição - que amplia e completa a de Lakhovsky -, esta teoria das "vibrações provocadas pelo ambiente nos principais centros nervosos do corpo humano" contribui para nos oferecer uma explicação satisfatória do mistério das casas de câncer.

As histórias verídicas que a seguir vou relatar adquirem todo o seu valor enquanto provas e ilustrações. Por conseguinte, antes de transformá-las em novelas ou convertê-las em reportagem ao vivo, prefiro reproduzi-las com a concisão (e a força) de um informe administrativo dos fatos e seguindo escrupulosamente seu desenvolvimento cronológico.

Todos os zeladores morriam de câncer

O conselho municipal de Clermont-l'Hérault, pequena cidade vinícola do departamento do Hérault, decidiu um dia construir uma casa para o zelador do cemitério municipal.

Escolheu-se como lugar perfeito para construí-la um terreno situado junto à estrada, e atravessado pelo leito, seco havia muito tempo, de um antigo curso d'água. Com o objetivo de alicerçar a construção, cobriu-se o solo com uma camada de cimento; esta "sola" recobre, sem enchê-la por completo, a fossa constituída pelo leito do antigo arroio e obstrui seus dois extremos. Conseqüência: o ar encerrado hermeticamente nesta bolsa subterrânea não tarda em decompor-se e esta ionização libera radiações telúricas que invadem a casa, fazendo-a perigosa para seus habitantes.

O primeiro zelador que se instalou nesta casa não cumpriu nem dois anos de vida nela: primeiro sua mulher e depois ele morreram de câncer. Seu sucessor tampouco se saiu melhor: ao cabo de dois anos em sua família ocorreram quatro mortes por câncer. Um terceiro funcionário municipal - homem decidido e nada supersticioso - desafiou a maldição que parecia pesar sobre a casa do cemitério. Fez mal: sua valentia custou-lhe a vida, a ele e a outros dois membros de sua família. Balanço: nove mortes por câncer em seis anos, e numa mesma casa. É muito.

Era demais mesmo, na opinião unânime da cidadezinha. Chegou um momento em que ficou impossível encontrar candidato para este posto (outrora tão solicitado, e concedido como um favor) de zelador do cemitério municipal. O prefeito, o senhor Rouaud, compreendeu que devia tranqüilizar o quanto antes seus munícipes, descobrindo a causa real e natural de semelhante hecatombe. Então teve a idéia de recorrer a dois radiestesistas, conhecidos e apreciados na região por sua competência e honestidade.

Os dois adivinhos chegaram à conclusão, após um detalhado estudo

do lugar do drama, de que a causa desta epidemia anormal de câncer devia ser procurada na radiação nociva proveniente da camada de ar ionizado que ficava encerrada sob a camada de cimento. Recomendaram que fosse restabelecida a circulação de ar pelo antigo leito do riacho que passava por debaixo da casa. Assim se fez, perfurando o cimento nos dois extremos da fossa, e a ventilação ficou restabelecida.
Desde então nunca se produziu outro caso de câncer nesta casa. Foi suficiente sanear a casa para curar seus habitantes.

Uma chaminé obstruída

Vejamos outro exemplo, se possível mais edificante. Trata-se desta vez de um funcionário dos Correios e Telégrafos, o senhor Rousset, que vivia com sua família e seus três filhos numa antiga mansão aristocrática do Mont Pillat, na Rue des Carmes, Montpellier. Alguns meses depois de se ter instalado nessa casa, os cinco membros da família ficaram doentes. O médico diagnosticou uma anemia generalizada, devida a uma deficiência globular cuja causa permanecia inexplicável.
Ante o fracasso dos medicamentos prescritos e a piora dos pacientes, decidiu-se recorrer aos radiestesistas: o caso era desesperador. Depois de uma prospecção simples com o pêndulo, os radiestesistas descobriram que junto ao quarto do casal e dos filhos havia uma chaminé cuja existência ninguém conhecia. Era um velho tubo que fora condenado e tampado em suas duas extremidades, na época em que a antiga mansão fora modernizada e dividida em apartamentos. Tratava-se, pois, uma vez mais, de um caso característico de radiações nocivas provocadas pela ionização de uma camada de ar aprisionada num espaço hermeticamente fechado.
Bastou restabelecer a circulação de ar, desobstruindo a chaminé por seus dois extremos, para que toda a família do carteiro recuperasse a saúde. As análises demonstraram que os glóbulos brancos e os vermelhos voltavam a uma proporção normal. Esta cura surpreendeu

muito o médico, pois este ainda não sabia que às vezes se deve curar a casa para salvar os enfermos.

Definição de onda nociva

Estes dois exemplos mostram como atua o mecanismo de agressão das casas de câncer: são o campo onde as radiações nocivas provocam um determinado ambiente vibratório que perturba nos habitantes o funcionamento dos centros vitais. De acordo. Mas quais são a natureza e a origem destas ondas maléficas?

Quer se trate de ondas nocivas ou de correntes telúricas, a primeira coisa que devemos fazer é tratar de achar uma definição. A proposta por Bélizal e Morel me parece a mais precisa e completa: "Ondas 'transportadas', originadas por anomalias do subsolo, por correntes de água telúricas, ou outras causas, difundidas por ondas 'transportadoras', igualmente propagadas pelo subsolo influem no ritmo vibratório das células do ser vivo, provocando nele um desequilíbrio prejudicial para sua saúde".

Eis aqui, em minha opinião, uma excelente descrição, clara e precisa, que nos deve permitir observar e compreender melhor este misterioso fenômeno.

Entretanto, permitir-me-ei acrescer a esta definição uma precisão complementar, a título de atualização: essas ondas nocivas também podem ser engendradas pelos desperdícios envenenados que gera a vida moderna, pela fumaça das fábricas, pelas emanações de gás dos motores automobilísticos que contaminam a atmosfera, pelos resíduos químicos ou radiativos que contaminam as águas dos rios e inclusive do mar, pelos adubos químicos que envenenam todos os alimentos, etc.

Mas também existem outras fontes insuspeitas e terrivelmente misteriosas de tais ondas nocivas: são determinados objetos, figuras ou desenhos que, em razão de sua forma, emitem ondas que são conhecidas sob o nome - muito apropriado - de "ondas de forma", e cujos efeitos são verdadeiramente incríveis mesmo quando podem ser constatados a olho nu. Sobre este tema, voltarei a falar mais adiante.

As forças compensadas

Resta-nos ainda compreender a razão pela qual estas ondas nocivas só infestam alguns lugares, algumas residências. Por que estas forças invisíveis, misteriosas, e mais conhecidas por seus efeitos do que por sua natureza ou origem, atacam ao homem em uma casa e não em outra?

Para responder a esta pergunta vou referir-me de novo às explicações oferecidas por A. de Bélizal e P. A. Morel: "Para que a célula viva - escrevem estes autores - possa crescer, amadurecer, envelhecer e finalmente morrer (mas morrer por causa do envelhecimento e desgaste, não por enfermidade), é imprescindível que, ao longo de sua existência, vibre em equilíbrio entre duas forças: a) a força telúrica que emana do centro da Terra e tende a escapar para a estratosfera; b) a força cósmica que provém do cosmos, de nossa galáxia, de nosso sistema solar, e que constantemente deve bombardear a força telúrica para neutralizá-la.

Enquanto a célula viva se acha em equilíbrio entre estas duas forças, a despeito de outras causas secundárias acidentais, tem garantida sua imunidade a todos os males que põem em xeque a vida, mas, se por alguma razão, uma dessas duas forças falta - e sempre falta a força cósmica - então se produz rapidamente o desequilíbrio que ocasionará a enfermidade sob suas formas mais diversas.

"O estado de enfermidade provém, pois, de um desequilíbrio vibratório engendrado pelo que chamamos ruptura das forças compensadas."

Na prática, produz-se o seguinte fenômeno: quando a vibração telúrica, que é uma onda 'transportadora' deixa de ser 'compensada' pela vibração cósmica, produz-se uma onda 'transportada' que realiza uma drenagem das radiatividades, impurezas, venenos e forças maléficas de toda espécie que se acham na Terra. Evidentemente, tão impressionante e variada quantidade de matérias nocivas não chegará a constituir um perigo se não encontra meio de se difundir pela

atmosfera. Este meio, este veículo, é a onda telúrica 'transportadora', 'que desempenha na Terra o mesmo papel que a onda hertziana no éter em relação à onda modulada'.

A bússola das enfermidades

Toda casa edificada num lugar onde por uma ou outra razão existe uma ruptura das forças compensadas, é uma casa perigosa para quem vive habitualmente nela, quer dizer, falando propriamente, uma casa que mata.
Por outro lado, a experiência nos permite dizer ainda que, segundo a direção da linha de ruptura, os habitantes se verão ameaçados ou atacados por uma doença mais que por outra. Por exemplo: se a linha de ruptura está orientada na direção oeste-leste, favorecerá mais o desenvolvimento do câncer. Esta especificidade, sem dúvida, não é das características menores deste mistério ecológico. De fato, pode-se dizer que, neste prodigioso concerto de turbulências, cada freqüência tem seu próprio campo privilegiado e preferencial, no que tange às enfermidades.

Os Impactos do Raio

Dentre as numerosas observações e verificações realizadas por um engenheiro eletrônico, André Philippe, no que concerne às "ondas de forma" e à teoria das "forças compensadas", chamou-me particularmente a atenção a seguinte constatação: uma das propriedades das radiações nocivas do "verde negativo" é a de ionizar a atmosfera, o que quer dizer (singular e notável conseqüência!) que o raio só poderá cair nos lugares onde existam correntes de água subterrâneas, que é onde precisamente se manifesta na superfície a radiação "verde negativo".
No decurso de seus passeios pelo campo, qualquer um que sinta curiosidade por estas novas leis físicas poderá verificar facilmente que, com efeito, todos os impactos do raio - quer se trate de árvores,

quer de campos cultivados, postes e rochas - estão localizados em "uma ruptura das forças compensadas". Só a poderosa atração de um pára-raios próximo é capaz de desviar de seu objetivo natural o fogo celeste.
Portanto, associando o poder das pontas e o da ionização seria possível domesticar o raio, organizar os alvos de seu impacto, torná-lo definitivamente inofensivo. Benjamin Franklin deve revolver-se em sua tumba!

As enfermidades "domiciliares"

Qualquer que seja a origem das ondas nocivas, não é difícil admitir que o homem é particularmente vulnerável às mesmas quando as sofre no ambiente fechado de sua casa. De fato, em sua casa o homem está encerrado, banhado durante longas horas no ambiente perturbador que manifestará sua predisposição congênita a uma determinada enfermidade.
No caso de uma doença microbiana contagiosa, sempre se tentará justificar a casa sob o pretexto de que a contaminação pode ocorrer no exterior. Certo, mas o micróbio que causa o mal não teria podido proliferar vitoriosamente se não encontrasse um organismo preparado para a derrota por um desequilíbrio vibratório de seus centros nervosos. Assim, pois, deve-se responsabilizar as radiações telúricas - sem medo de equívoco - quando se tem a segurança de que atravessam a casa do enfermo.
Mas, quando se trata de doenças psicossomáticas, de um desses transtornos inexplicáveis que não têm etiologia nem evolução, nem sintomas definidos, que nem sequer foram batizados em nenhuma língua, que desalentam os médicos ao mesmo tempo que aumentam suas fortunas - pois lhes proporcionam clientela tão numerosa quão incurável -, então se pode afirmar que de 70 a 100 por cento de tais doenças são motivadas direta e exclusivamente pelo malefício da casa onde vive o afetado.
Estas enfermidades, que me permitirei chamar "domiciliares", porque

provêm do domicílio do doente, só têm uma causa, mesmo quando suas manifestações são abundantes e variadas.
Os médicos costumam começar sempre tentando defini-las, para tratá-las através do órgão cuja função parecem perturbar. E quando constatam a ineficácia do tratamento, limitam-se a prescrever tranqüilizantes ("São os nervos") ou tônicos ("Não é nada; só um pequeno esgotamento"), ou mesmo remédios para restabelecer o metabolismo ("Os intercâmbios são falhos"). Naturalmente, tudo em vão: a causa real do mal permanece ignorada e ativa.
Talvez agora se compreenda melhor por que abundam tanto os enfermos que são considerados erroneamente imaginários, gente fatigada, com esgotamento nervoso ou muscular sem razão clínica válida, os insones, os aerófagos, os afetados por tabagismo e que não fumam, os dispépticos sem úlcera, os falsos hipocondríacos, que sofrem realmente doenças que não têm, mesmo que amiúde sejam levados à tumba... Tudo isso, enfim, em quantidade capaz de levar à falência a Previdência Social, que deve reembolsar os gastos médicos ou farmacêuticos dessa multidão de vítimas das doenças “domiciliares", dessa multidão de enfermos que seriam gente sadia e não custariam nada ao governo se as moradias onde vivem, as fábricas e os escritórios onde trabalham estivessem purificados das ondas nocivas que os infestam.

O Crime Perfeito existe

Se houvesse unicamente casas que fazem adoecer, poderíamos a rigor entabular urna discussão acadêmica com os céticos e os incrédulos que se negam a aceitar tanto a existência do telurismo quanto das forças invisíveis. Mas, acontece que há também, no sentido mais estrito e cru do termo, casas que matam, em especial as casas de câncer.
Ante semelhante realidade, não nos podemos esquivar a tomar a palavra para dizer às autoridades responsáveis que, ao não tomarem as medidas necessárias para que as casas de câncer sejam

saneadas ou demolidas, faltam para com seu primeiro dever de governantes: proteger a saúde dos cidadãos.

Suprimir as favelas: muito bem! Guerra aos cortiços: perfeito! Sanear os bairros velhos: adiante! O mínimo que se pode pedir ao urbanismo e aos serviços de higiene oficiais é que construam residências confortáveis, bem ventiladas e ensolaradas. Mas a tarefa mais importante continua sem se realizar: criar um corpo de funcionários especializados que sejam capazes de descobrir, localizar e logo neutralizar o mais grave de todos os perigos que ameaçam a saúde dos seres humanos: essas ondas nocivas que invadem determinadas casas e provocam nelas uma perturbação do ambiente vibratório suscetível de perturbar perigosamente o funcionamento dos principais centros nervosos do corpo humano.

De minha parte, afirmo que é muito mais sadio e menos perigoso viver num barraco junto a um esgoto que em alguns imóveis luxuosos em bairros elegantes que se ergam sobre uma linha de ruptura das forças compensadas.

É certo que ministros e funcionários responsáveis continuam rindo dessas nossas frivolidades. Nossa inquietude e indignação os fazem rir.

"Casas que matam? - respondem-nos eles. - Isso é tema para alguma novela de terror ou filme de ficção científica! Não é sério. Já temos trabalho bastante com nossos grandiosos projetos urbanísticos e com o modo de recompensar por seus esforços nossos devotos construtores... E não venham intranqüilizar nossas consciências com suas ridículas histórias de telurismo assassino!"

Eis aqui, resumida nestas palavras, a prova de que o crime perfeito existe.

Sim, um crime perfeitamente perfeito (se me permitem a expressão), posto que não só o assassino está a salvo de toda suspeita, mas ademais a vítima tem todo o aspecto de ter perecido por morte natural ou acidental.

Quando o autor do crime perfeito é um ser humano, na maioria das vezes (inclusive nas novelas policiais) acaba sendo descoberto e

castigado. Mas, quando o assassino é uma casa, o crime converte-se em mais-que-perfeito, já que ninguém (nem a polícia, nem os juízes, nem os urbanistas, nem os arquitetos, nem os médicos, nem o governo, nem a imprensa, nem a televisão - e nem sequer as vítimas!), absolutamente ninguém quer crer na inverossímil eventualidade de que uma casa possa matar... Ninguém, salvo alguns loucos como eu.
Apesar de tudo, as casas que matam são incontáveis. Quem não sabe de pelo menos uma em sua vizinhança? De início, seria preciso ter a coragem de assinalá-las com o dedo, acusadoramente. Mas de que serviria fazer uma lista? Todos os casos são parecidos; só o que varia é o número de vítimas por metro quadrado e por ano. Para que estabelecer uma fastidiosa estatística de tão horrível hecatombe?

Uma só vitima por contrato de venda

Esses dramas ecológicos convertem-se, por vezes, em coisas ainda mais misteriosas porque o assassino leva uma máscara por detrás da qual nem sempre se oculta aquele a quem se espera encontrar. Antes de poder acusá-lo nominalmente, será preciso levar a investigação muito além da pressuposição. Crê-se que se trate simplesmente de uma casa de câncer, e depois se descobre que as vítimas sucumbiram aos golpes de uma fatalidade que nada tem de patológica: são, melhor dizendo, personagens de um tiro ao alvo e de um sortilégio organizado por uma força (ia escrever uma farsa, mas não me atrevi) desconhecida.
Penso, por exemplo, neste caso estranho (e bastante assustador) que me foi comunicado sem mais explicações. Refere-se a uma casa situada em Plouguenast, Côtes-du-Nord. "A casa - diziam-me numa carta - foi construída cerca de 1890 ou 1900 por iniciativa do cura do povoado, que não queria viver no presbitério. Morreu daquela morte súbita que diariamente pedia a Deus, enquanto lia seu breviário. O segundo proprietário da casa pereceu do mesmo modo; o terceiro, também. O quarto foi um capitão de barco que morreu também

subitamente - ainda não havia completado cinqüenta anos - alguns meses depois de ter tomado posse de seu lar. Desde então, a casa permanece desabitada. Por certo que será preciso aguardar a mudança do novo proprietário para consignar mais uma morte..."
A pessoa que me comunicou este caso tinha nascido nessa casa e sua avó, que foi uma das proprietárias, morreu nela. Mas o que mais surpreendia a esta pessoa em tão inexorável sucessão de falecimentos súbitos era que só se produzia uma vítima a cada mudança de dono. De fato, nenhum outro membro das famílias que sucessivamente ocuparam a casa foi afetado pela maldição. É para crer que uma Nêmesis parcimoniosa se contentasse, cada vez que a propriedade trocava de mãos - a título de comissão -, com deduzir uma só vítima por contrato de venda!

A hecatombe continuará

Vejamos outro caso em que a hecatombe, começada por volta de 1937 (segundo meus dados, talvez tenha começado muito antes), continua. Nesta casa, detrás de cada cadáver, ao final de cada capítulo cruel, aparece escrita com tinta invisível a terrível menção que ninguém quer aceitar: "Continuará".
A simples vista se adivinha tratar-se de uma casa maldita. Na estrada Nacional 6, a poucos quilômetros de Sens, no 'povoado de R..., há duas pensões, situadas quase frente a frente: uma está sempre cheia de fregueses, ao passo que na outra nunca há ninguém. A recordação dos crimes e dramas que ali tiveram lugar está tão presente nas pessoas que todos evitam sequer se aproximar.
De minha parte, limitar-me-ei à estrita enumeração dos fatos que conheço. Depois, que cada qual tire suas próprias conclusões.
Em 1937 ou 1938, o proprietário da pensão matou sua mulher e duas filhas, e se suicidou em seguida. Em 1944, o novo proprietário também se suicida, depois de ter realizado negócios extraordinariamente rentáveis no mercado negro. Em 1947, o novo dono mata sua mulher e se suicida. Em 1952, o ex-cantor do "Liberty'

s" (cabaré parisiense de reputação muito particular) enlouquece depois de se ter refugiado neste albergue maldito com o objetivo de viver em paz e tranqüilidade seus últimos anos.
Até quando haverá vítimas a cada troca de dono? Continuará...

A memória de uma poetisa

Léon Daudet tinha razão quando escreveu que "a natureza não é simples, nem clara". Damo-nos conta disto quando estudamos as nocividades que infestam algumas casas e procuramos investigar suas causas. Com efeito, a princípio cremos que só se trata de uma ruptura das forças compensadas, ou de radiações emitidas por uma jazida mineral, ou de um fenômeno de Faraday, ou de uma irritabilidade dos materiais (causas, todas elas, fisicamente reconhecíveis)... e logo nos damos conta, pela experiência, que o humor e a enfermidade precipitam-se sobre tal casa de muito mais alto, que o malefício é lançado sobre esses seres por determinadas forças desconhecidas que não dominamos, que devemos saber reconhecer e às quais nos devemos adaptar.
Tomemos um exemplo, dentre cem: no número 3 da praça La Bruyère, em Paris, uma poetisa se fez célebre, não por seus poemas, mas por um crime surpreendente. Ajudada por seu filho, assassinou seu pacífico marido, pôs o cadáver num baú e foi depositá-lo na estação ferroviária de Lyon. Trata-se da Sra. Bessarabo, que deixou seu nome inscrito na galeria dos monstros sagrados do crime.
Um antiquário, que vivia nesse mesmo edifício, registrou as conseqüências do malefício inato: não matou ninguém, mas viu como apodreciam todas as plantas exóticas ou comuns que cultivava para as utilizar em delicadas experiências botânicas, em particular as espécies que cultivava em balões de vidro, que davam grãos envenenados com o verdete. O mesmo sucedia com os objetos de prata que expunha em sua loja: eram atacados por um mal estranho, corroídos por uma lepra que nenhum produto químico podia eliminar. E em outro sentido, mais íntimo, o antiquário recebeu tantas ofensas

dessa casa que finalmente teve de se mudar.
O número 3 da praça La Bruyère foi moeda corrente na delegacia de polícia do bairro e ocupou freqüentemente as seções de acontecimentos mais ou menos trágicos que tanto cultivam os periódicos: aquecedor de banheiro que explode; tentativa de suicídio; drama causado por ciúmes, etc. Em suma, é uma casa com um volumoso histórico de casos. Talvez seja excessivo qualificá-la de "casa que mata", mas para começar trata-se de uma casa onde se mata e onde é perigoso viver.
Ao sabermos que esta casa se ergue sobre um afluente subterrâneo da Grande Batelière, sentimo-nos tentados a ver nesta "ruptura das forças compensadas" a causa exclusiva de todas as desgraças que ocorreram nela.
Mas isto, que é indubitavelmente certo no caso de muitos dos males que seus habitantes devem ter sofrido, não explica outros malefícios que forçosamente devem ter outras origens. Por diversas razões, não posso dizer tudo o que sei acerca dos acontecimentos que ali ocorreram, e, por conseguinte, não me resta outra saída senão empenhar minha palavra para afirmar que uma maldição pesa sobre determinados aposentos daquela casa. O pior, não obstante, é que a epidemia de infortúnios prosseguirá até que se tenha procedido, tanto no plano geofísico quanto no plano mágico, ao saneamento e purificação de uma casa insana e maldita.
Se me atrevi a indicar a localização exata deste caso, com o nome da rua e seu número, isto se deve unicamente a que a casa em questão converteu-se, depois do crime da senhora Bessarabo, em lugar de peregrinação e em monumento curioso, como poderia ser, por exemplo, a casa de campo de Landru em Gambais. Assim,
pois, seria difícil estragar ainda mais a sua reputação.

Os infortúnios de uma cigarra

Eis aqui outro exemplo - importante e trágico o bastante para que eu não resista à sombria tentação de citá-lo - que me foi transmitido por

uma artista lírica que adquiriu uma boa experiência da desgraça através de um apartamento de conjunto habitacional onde viveu durante 13 anos. O apartamento estava situado no XIX Distrito de Paris. Poucos dias depois de se mudar para lá, sua mãe morreu. Depois, ela teve de se submeter a uma grave operação cirúrgica. Mas o malefício não se limitava unicamente à sua saúde, mas também acabou com sua boa sorte, comprometeu sua carreira profissional e destruiu sua felicidade sentimental.

De fato, esta mulher tinha um amigo muito querido que via diariamente e que, depois de vinte e sete anos de relação, trazia-lhe a segurança de um afeto generoso. Pois bem: este homem morreu subitamente naquele apartamento, que não era seu domicílio legal. Não é difícil imaginar as complicações sociais e financeiras que conheceu, a partir de então a que durante tanto tempo fora apenas "a outra", embora a mais amada.

A morte de seu amigo deixava esta mulher sem o menor apoio, sem recurso algum e sem trabalho, pois se aproximava dos sessenta anos, e nesta idade fica difícil obter contratos para uma artista lírica.

E então? - poderá perguntar o leitor. Já sabemos da fábula da "Cigarra e a Formiga", mas que relação existe entre a história triste e o malefício das pedras? Nada demonstra que os infortúnios desta cigarra sejam devidos ao fato de viver num conjunto habitacional amaldiçoado!

Como não? A demonstração é bem simples: durante os treze anos em que a cantora viveu neste edifício, nem uma só das 55 famílias que viviam nos outros apartamentos foi tratada com indulgência pela desgraça: suicídios, mortes súbitas, enfermidades graves, divórcios, desemprego, condenações, prisão, etc. Toda esta série de fatalidades não pode ser justificada recorrendo ao acaso ou a simples coincidência. Aqui uma vez mais nos encontramos em presença de uma dessas casas terríveis, que atacam a seus habitantes com uma constância implacável e em todas as frentes.

O raio surgia do talude

Quando alguém se profissionaliza na auscultação de casas, na investigação de seus vícios de construção ou de alicerçamento, deve usar a imaginação. As causas do malefício que ataca os moradores costumam ser numerosas e ocasionalmente singulares. Neste último caso deve-se pôr muita inventiva na hipótese e não se conformar com repetir os resultados rotineiros.

Acabo de citar dois exemplos muito característicos do que chamei perturbações "domiciliares", ocasionadas pela presença na casa de espaços vazios e fechados onde se produzira um fenômeno de ionização. Em ambos os casos havia bastado, para acabar com esta fonte terrível de ondas nocivas, desobstruir uma chaminé e um fosso, respectivamente, de tal modo que, ao restabelecer-se a circulação de ar, tanto o lugar como seus moradores recuperaram a saúde.

Mas o diagnóstico e o remédio não são sempre tão simples. Recordo-me de uma casa cujo problema me tirou o sono durante muitas semanas, antes de dar com sua solução.

Era uma pequena casa de campo provençal, construída num lugar seco e sadio, tão agradável à vista como à estada, e que transpirava felicidade e salubridade por todas as suas paredes. Uns amigos meus de Paris a restauraram com carinho e viviam nela como no paraíso - salvo por um grave inconveniente: não podiam dormir. E isto literalmente: era-lhes impossível conciliar o sono durante a noite. Afortunadamente lhes restava o recurso de cochilar durante o dia, no bosque. Mas à noite, em seu dormitório, não pregavam olho.

Curiosamente, esta insônia - que nenhum soporífero podia vencer - não lhes ocasionava nem depressão nem fadiga muscular, nem esgotamento nervoso. Pelo contrário: meus amigos tinham sempre a impressão de se acharem carregados de energia, como se seus acumuladores se tivessem recarregado durante aquelas noites em branco passadas na cama, alimentados por alguma poderosa e

misteriosa força. E assim gozavam de uma lucidez mental impecável e manifestavam um entusiasmo em relação a qualquer coisa que ultrapassava os limites do habitual.
Nestas condições, perguntar-se-á o leitor, de que se queixavam? Pois simplesmente os inquietava o fato de não dormir. A viagem através da vida (este deserto pavoroso) se faz demasiado longa quando não surgem no caminho, a intervalos regulares, esses oásis que são as horas de sono. Não se pode viver sem a pausa do sono, mesmo que não se evidenciem as conseqüências da fadiga. E tampouco se podem consagrar as vinte e quatro horas do dia ao trabalho ou ao prazer, porque, se não deixássemos pelo menos uma terça parte desse tempo se perder no nada, acabaríamos por enlouquecer. A pequena morte transitória que constitui o sono é indispensável para sobreviver com plena saúde mental: esta inegável verdade era o que angustiava o casal amigo que recorria a mim em busca de ajuda.
A primeira coisa que fiz foi verificar a orientação da cama: era perfeita. Depois, com o pêndulo, inspecionei cuidadosamente o chão, as paredes, o teto, os móveis, todos os objetos, sem encontrar o menor germe de radiações invisíveis. O terreno sobre o qual se erguia a casa era impecável: dielétrico, uma mistura de areia, grés e cascalho. Não existia o menor sinal de falha geológica, caverna, curso d'água subterrâneo ou filão mineral. Não havia nenhum cadáver enterrado, nenhum formigueiro, nenhum espaço vazio fechado. A linha elétrica de alta tensão passava a mais de um quilômetro da casa. As vigas, de carvalho, eram perfeitamente neutras. As telhas, muito antigas, não albergavam outro mistério senão a calorosa amizade de trezentos anos de sol.
No que concerne aos móveis e todos os objetos que enchiam a casa, nem um só escapou ao escrupuloso exame radiestésico a que os submeti. E, considerando que nada, nem a suspeita de um matiz, escapa ao pêndulo, não pude descobrir o menor indício de anormalidade, nenhuma radiação inquietante em toda a casa.
Quando ia dar-me por vencido, um incidente dos mais triviais veio mostrar-me a chave do enigma.

Com efeito, um dia a dona da casa viu-se atacada por um mal inexplicável. Ocorreu enquanto se achava num pequeno quarto na parte traseira da casa, e que dava para o que se chama, na linguagem técnica dos arquitetos, um "pátio inglês", quer dizer, uma espécie de trincheira, uma de cujas paredes era formada pelo talude cortado na ladeira da colina contra a qual se apoiava a casa. Ao agachar-se para pegar um livro deixado no chão, teve a impressão de receber em pleno coração uma punhalada que a fez cambalear a ponto de ter de se apoiar contra a parede para não cair. Estava à beira de um colapso.

Eu sabia que aquela jovem dona-de-casa gozava de perfeita saúde e, por conseguinte, supus em seguida que seu mal momentâneo podia muito bem ser motivado pela mesma radiação inexplicável que perturbava seu sono e que, até aquele momento, eu fora incapaz de desentranhar.

Minha amiga me levou ao lugar onde acabara de ser atacada pela força invisível. Pedi-lhe que se colocasse exatamente na mesma posição que ocupava quando sofreu aquele transtorno. Dobrou os joelhos, agachou-se. .. e pude ver como levava a mão ao coração e se levantava, vacilante. Assim que ficou de pé, o mal-estar passou. O problema estava resolvido.

A única falha do pêndulo é sua rigorosa precisão, o que faz com que às vezes resulte mais prático trabalhar sobre uma planta, ao invés de no local dos acontecimentos. O raio que atravessava a casa não passaria desapercebido de minhas pesquisas se eu praticasse meu exame radiestésico sobre um desenho. Em contrapartida, no que pese o minucioso de minha busca e acreditando eu ter passado meu Pêndulo por todas as partes, era evidente que sobre o terreno nunca cruzei (em ocasiões, por alguns centímetros) com o trajeto exato que seguia esta corrente que acabava de atingir minha amiga com a precisão retilínea de um laser. Assim, pois, para cruzar com ela, a única coisa que devia fazer era descobrir exatamente a que altura se propagava. Até aquele momento eu passara sempre à direita ou à esquerda, e, sobretudo, muito acima ou muito abaixo daquele trajeto,

como compreendi quando determinei que o raio invisível atravessava o dormitório - estranho detalhe - a uma altura de 50 cm do solo, quer dizer, exatamente à altura em que se encontrava o colchão onde meus amigos lutavam todas as noites contra a insônia. De início eu já passara meu pêndulo rasante ao chão, e também por cima da cama: em vão. A altura adequada era aquela em que se achava a mulher quando recebeu a aguilhoada inexplicável. A partir daí meu pêndulo me permitiu seguir com absoluta precisão a trajetória rigorosamente retilínea desse raio que atravessava toda a casa seguindo um eixo nordeste-sudoeste, a 50 em do solo, como um fio invisível cujo diâmetro oscilava aproximadamente entre 2 e 3 mm.

Esse raio tinha seu ponto de partida num ângulo do pequeno aposento, penetrava num armário situado no ângulo oposto, atravessava uma parede de 40 cm de espessura, desembocava no dormitório de meus amigos, roçava o colchão de sua cama percorrendo-o no sentido transversal (quer dizer, alcançava a primeira pessoa na altura da cabeça e a segunda na altura do plexo solar), e por fim se perdia na parede do fundo, num radiador do aquecimento central que desempenhava o papel de fio de terra. O raio não saía da casa. E, quando quis saber como entrava nela, descobri que surgia do talude do "pátio inglês".

Por conseguinte, para suprimir o raio só havia duas alternativas: secar a fonte de onde partia, ou devolvê-Io à terra antes de penetrar na casa. A segunda solução era, evidentemente, a mais simples. Foi a que aplicamos. Ao redor de uma estaca cravada no talude, justo no ponto de partida do raio, enrolamos um fio de cobre vermelho (o chamado "eletrolítico") de 10 mm de seção, enrolando sete voltas numa espiral (tanto na ciência como na simbologia ou magia, o número 7 é sempre significativo e eficaz), a última volta terminando num fio de terra.

Assim foi como o raio, colhido na armadilha das espirais, viu-se remetido de novo à terra, de onde havia saído, antes de poder exercer seu efeito nocivo ao penetrar na casa.

Atualmente, meus amigos podem dormir tranqüilamente, num sono só,

suas oito horas. Por outro lado, perderam aquela sensação de euforia nervosa e muscular que lhes proporcionava, inexplicavelmente, a passagem do raio.

A morte sulca comprimentos de onda

Para dar uma explicação científica verossímil de um raio com as características do anteriormente descrito, o melhor é referir-se às hipóteses propostas pelo doutor Peyré. Segundo este cientista (resumindo e simplificando), quando uma corrente telúrica que forma um campo elétrico horizontal à superfície do solo tropeça com um campo magnético integrado pela radiação cósmica que cai verticalmente, produz-se na vertical do ponto de cruzamento uma onda poderosíssima extremamente perigosa.

Qualquer que seja a origem ou a natureza de tais correntes telúricas, cujos efeitos experimentamos tão amiúde em nossas casas (tanto devido ao efeito de indução produzido no subsolo condutor pelas variações do campo magnético terrestre, como à emanação direta de uma aglomeração de minerais, ou provindo de falhas geológicas, cursos d'água subterrâneos, poços e leitos secos, covas ou chaminés tampadas e ionizadas...), não se pode negar a utilidade de saber que a intensidade e a potência dessas correntes aumentam com a proximidade de uma depressão atmosférica, especialmente antes de chover. Isto explica o recrudescimento (com freqüência observado, mas nunca justificado) dos transtornos patológicos do ser humano quando se produzem acidentes meteorológicos.

Estas correntes, tão perigosas e tão mal conhecidas, invadem tanto mais facilmente nossas casas quanto são canalizadas por todos os corpos que são bons condutores de eletricidade, em particular a água suja ou contaminada, os panos úmidos, as partículas de ferro, as armações metálicas, as canalizações etc. O perigo é hoje muito maior, pois as edificações modernas não estão isoladas eletricamente.

Em termos gerais pode-se afirmar - as estatísticas assim o demonstram - que os casos de câncer são muito mais numerosos nos

lugares úmidos que nas zonas secas.
Às vezes nos surpreende o fato de que, nas casas de câncer, a evolução do mal nem sempre é idêntica, indo desde o progresso lento ao rápido, havendo mesmo evolução espontânea e fulminante. Pois bem, uma mesma causa deve produzir, normalmente, os mesmos efeitos. Isto deveria nos levar a rechaçar a incriminação do telurismo, o que equivaleria, por tergiversação, a negar a existência das casas de câncer?
Semelhante raciocínio é errôneo. Precisamente na causa telúrica do câncer é que se há de buscar a explicação de diferenças na evolução do mal, evolução que será rápida ou lenta segundo a freqüência das radiações (mais ativas ou menos ativas) que modificam o ambiente vibratório onde vive imerso o enfermo.
Em resumo: a morte sulca os comprimentos de onda, as freqüências e as intensidades, do mesmo modo que o fazem uma sinfonia patética ou uma emissão radiofônica.
De minha parte, encontro uma prova suplementar particularmente perturbadora no fato de que a morte, antiga que é, tem muito arraigados em seu caráter manias e hábitos. E assim se compraz em intimar suas vítimas justo quando amanhece, na hora das execuções capitais.
As duas horas que precedem o nascer do Sol - ou, por outra, para simplificar: entre as duas e as quatro da madrugada no verão, e entre as três e as cinco no inverno (o Autor se refere ao hemisfério norte, em latitudes elevadas, não tropicais) - são sem dúvida alguma as mais perigosas para o enfermo e o agonizante. É o momento único em que o melhor lutador sente a necessidade de baixar a guarda, em que o espírito mais pertinaz sente a tentação de resignar à vontade de viver.
A margem das explicações sentimentais, a razão de ser deste mistério também tem uma base científica: está demonstrado que o campo elétrico terrestre horizontal inverte sua polaridade durante as duas horas que precedem a aurora. Este campo elétrico é normalmente negativo. Logo, ao se converter em positivo pela aurora, amplifica a intensidade das nocividades (quaisquer que sejam) que afetem nesse

momento ao enfermo ou ao insone, sendo então possível que provoque ou acelere o fatal desenlace.

4. OS "SANTUÁRIOS"

Quanto menor é a inteligência de um homem, menos mistério tem a existência para ele, pois todas as coisas lhe parecem levar em si mesmas sua explicação.
Schopenhauer

As radiações telúricas, cujos efeitos sobre os habitantes das casas que impregnam acabamos de constatar, são mensuráveis mediante a utilização de determinados aparelhos de física sensíveis às microvibrações. Assim, pois, fica difícil negar sua existência. São ondas concretas.

Existem outras ondas que com justiça podemos qualificar de abstratas (o que não quer dizer que estejam isentas de realidade): são aquelas que o doutor Leprince descreve e estuda em sua teoria das psiconas: as ondas do pensamento.

Estas ondas abstratas (e sua prova começa a ser apresentada de modo satisfatório pelos espíritos mais críticos) podem ser captadas e concretizadas sob determinadas formas. Podem produzir palavras, figuras, imagens, mensagens, por vezes inclusive sugestões detalhadas que são lançadas ou recebidas sob a forma de transmissão ou leitura do pensamento.

Neste campo realizaram-se algumas experiências, primeiro pelo doutor Leprince e depois pelos irmãos Servranx, de Bruxelas. Os pesquisadores americanos do Instituto Rhine desenvolveram tais trabalhos - mas os resultados obtidos ainda não foram publicados oficialmente. Ao que parece, são acusados de subjetivismo, pois variam segundo as pessoas que realizam as experiências: não são constantes. Mas são e bastam tal como são registradas -, se não para definir, ao menos para demonstrar a realidade das ondas abstratas.

Entrada proibida

Queria chamar a atenção do leitor sobre uma aplicação particular e muito misteriosa do poder das ondas do pensamento.
As ondas abstratas, empregadas judiciosamente e seguindo o ritual adequado, conseguem erigir um cercado duradouro em torno de determinados lugares que se deseje proteger contra toda intrusão estranha. A penetração em tais lugares estará proibida a qualquer um que não conheça a contra-senha, quer dizer, que não esteja de posse da modulação deste comprimento de onda.
É inútil sorrir incredulamente. Trata-se de um fato verificável na realidade cotidiana e que precisamente me proponho fazer o leitor verificar com a ajuda de alguns exemplos vividos.
Deparamo-nos aqui com o extraordinário mistério dos "santuários", dos lugares consagrados, privilegiados ou proibidos. Antes de mais nada, vou chamar a atenção sobre a importância de se familiarizar com estas noções, se se deseja evitar amargos dissabores imobiliários. É questão de prudência e segurança.
É claro que os compradores e moradores de casas novas não se devem preocupar muito com a possibilidade de se depararem com tais problemas. Somente nas casas antigas encontram-se tais resíduos (eventualmente, muito desagradáveis) de ondas abstratas. Também são encontradas longe de toda edificação, em alguns rincões de parques, jardins, reservas florestais, encruzilhadas de estradas, pátios, cruzeiros, cavernas, dólmens, criptas, túmulos - enfim, ali onde o Espírito exalou algum dia ventos borrascosos que por vezes evocam ainda o hálito do além, e que possuem a faculdade de capturar e mesmo matar com suas garras invisíveis o passante mais indiferente. Nas igrejas e castelos existem esconderijos, recônditos, pedras sepulcrais, escadarias ocultas ou gabinetes secretos que podem estar proibidos mediante algum perigoso entretecimento de ondas abstratas. Inclusive há ruas que a placa correspondente protege, e

que se desintegram se o nome é mudado.
Lugares malditos, lugares benditos. Outrora, nossos ancestrais prestavam muita atenção a estas influências imateriais que impregnavam alguns locais. No campo, de geração em geração, as pessoas transmitiam estas lendas, cujo fundamento podia-se verificar muitas vezes no decurso de uma só vida. No entanto, se os efeitos eram verificados, ninguém investigava as causas. As pessoas contentavam-se em constatar que este ou aquele açude estava maldito: os animais que ali bebiam inchavam ou morriam; passar por esta encruzilhada ou aquele cruzeiro à meia-noite causava uma doença dos ossos... Os lugares personificados com nomes tinham, sem exceção, um significado concreto: o Vale do Inferno, o Prado Maldito, a Pedra Assassina, a Sombra do Mal-Nascido, a Pata Fendida...
Inversamente, também eram conhecidos e apreciados: o Passo da Boa Viagem, o Anjo Sorridente, a Rocha Cantadora...
Se remontarmos mais longe, até a noite dos tempos, observamos que os santuários consagrados a uma divindade sucedem-se e se superpõem no decurso dos séculos (as religiões, como os pregos, empurram-se e se substituem urnas às outras), exatamente ali onde se acumulam as alusões místicas. Lugares favoráveis, predestinados às orações e à fé, em Chartres, em Puy, em Paris... Por onde quer que deparemos com os degraus da interminável escadaria que leva o homem até o céu, alguns degraus aprofundados sob o peso dos pés de Nossa Senhora.
Outro tanto sucede com os lugares malditos: os crimes, os acidentes, as enfermidades, as desgraças, os dissabores reproduzem-se e se repetem neles ao ritmo de uma determinada freqüência, de acordo com as exigências da fatalidade, até que o ponto nevrálgico seja liberado de um modo ou outro do malefício que a impregna.

Marcos malditos

Em presença de um desses famosos "pontos negros da estrada",

onde as vítimas do Baal automobilístico são sacrificadas em maior quantidade que outrora, de ordinário basta sinalizar uma curva, suprimir um cruzamento, regulamentar uma passagem de pedestres, nivelar uma valeta ou acrescentar uma placa indicadora para que os acidentes cessem de acontecer num tal lugar. Mas por vezes os engenheiros civis mostram-se impotentes para deter o livre-arbítrio da fatalidade.

Estes lugares são manifestamente malditos, ou melhor, foram "consagrados" desde há muito e mediante uma cláusula de "proibida a passagem a profanos". Mas o traçado das modernas estradas não respeitou, como era de se supor, semelhantes tabus invisíveis, e o resultado está bem à vista nas crônicas policiais. Em minha opinião, estas barreiras erigidas há tanto tempo por ondas de pensamento persistirão, continuarão sendo eficazes e perigosas enquanto não haja um iniciado que as derrube, disperse, volatilize, utilizando as formalidades rituais adequadas. Ninguém pode negar que as técnicas e as ciências exatas fazem muito em favor de nosso conforto, mas me vejo na necessidade de reconhecer que, ante certos sítios reservados, para resolver os problemas de segurança, é muito melhor recorrer ao bruxo que chamar o engenheiro.

O mago e o engenheiro

Se tivesse de escrever uma reportagem para a imprensa sensacionalista, não vacilaria em narrar com todo o luxo de pitorescos detalhes como procederam dois amigos meus, especialistas em santuários, para tratar de neutralizar alguns "pontos negros" particularmente mortíferos da rede rodoviária. Mas o público deste livro é mais restrito e mais sério que o de um semanário de grande tiragem, o que me dispensa pormenorizar as graciosas cerimônias que tive ocasião de presenciar e as excêntricas macaquices que cada um deles realizou nas margens da estrada, para estupefação dos automobilistas que olhavam, sem nada saber de sua condição de conjuradores de ondas abstratas.

O espetáculo era certamente cômico, mas o resultado obtido não se presta ao riso.
Havíamos escolhido três pontos célebres pelo número e pela qualidade das vítimas cobradas. O primeiro estava localizado na famosa Nacional 1, a rota dos Três Mosqueteiros, o caminho que os membros da cúria e das finanças deixaram semeado de cadáveres na valeta; o segundo, determinado com a maior precisão ao longo da Nacional 6, era aquele onde um jovem e simpático Prêmio Nobel, que possuía todas as graças exceto a do estilo, perdeu todas as probabilidades de sobreviver à sua glória, enquanto que um filho das Letras maravilhosamente dotado mas menos recompensado ganhava, no mesmo lugar, seus galões de imortalidade ao incorporar-se ao cortejo das vítimas motorizadas; o terceiro ponto, situado na estrada do Esterel, constituía com toda a evidência o antro do Minotauro: ali acudiam as jovens de pele suave e fronte iluminada pelos focos da popularidade, para se entregar a intervalos regulares ao apetite do monstro. Pois bem: a partir da intervenção dos especialistas, que eu saiba, não voltaram a se produzir mais acidentes na interseção destas coordenadas fatídicas...
Por conseguinte, não vacilo em afirmar, com toda a seriedade de que sou capaz, que este modo insólito de resolver os problemas da segurança na estrada deve servir como exemplo, como um exemplo a seguir. Onde se constatar que os acidentes de tráfego repetem-se com freqüência inexplicável segundo as razões materiais evidentes, não será ridículo nem desonroso tentar livrar-se do mal por meio de soluções insólitas. Talvez comprovemos que o mago seja mais eficaz que o engenheiro. Os resultados dirão a última palavra.

Nêmesis com cabeça rastreadora

A anterior digressão automobilística é só aparente; na realidade, aparta-se muito pouco do tema do presente livro, pois não existe nenhuma diferença de natureza entre a força invisível que obriga um veículo a afastar-se da linha reta em seu curso por uma boa estrada e

aquela outra força, igualmente invisível, que se exerce no interior de quatro paredes, num lugar fechado.
O lugar, maldito ou bendito, o "santuário", pode ter sido constituído tanto no interior como no exterior de um edifício, ser só um altar numa igreja ou um armário numa casa.
O que de fato merece ser estudado com atenção são os procedimentos empregados para a consagração, procedimentos que variam segundo a dedicação escolhida. Tenha-se em conta que um lugar, qualquer que seja, pode ser consagrado tanto a Deus, a um santo, a um herói ou a um gênio, como a um demônio, a um espírito inferior, inclusive a um mito, a uma virtude ou a uma abstração, às vezes a um ser amado, morto ou vivo, e até a si mesmo, por que não?
Os efeitos da consagração variam segundo as intenções que abrigue o consagrante. Em certas ocasiões trata-se só de uma simples cerimônia verbal. E também as consagrações que realiza o novo clero sem latim costumam estar - com a ajuda da rotina e da falta de fé - desprovidas de valor e fervor.
Certamente a consagração será mais sólida ou menos sólida, mais ou menos perdurável, segundo a força espiritual e o grau de iniciação que possua o consagrante. Não se deve estranhar, pois, que uma cerimônia celebrada sob uma forma radicalmente laica possa resultar às vezes muito mais eficaz que os ritos executados por ungidos indignos. Encontramos um exemplo nos mictórios públicos onde alguns grafitti - graças à força do desejo ou do ódio de seu autor - convertem-se de algum modo em espiritualmente radiativos. Outro exemplo: algumas placas comemorativas colocadas em certos imóveis protegem do mal e atraem a boa sorte muito melhor que todas as sub invocatione dos frontispícios dos templos.
Quando levada à cabo seguindo as regras e com a força desejada, a dedicação pode perdurar eternamente e não se apagará nem se evaporará ou se desgastará, se dedicada a um herói, uma divindade, um mito ou um símbolo. Nem sequer o sacrilégio poderá suprimi-la; no máximo ofuscá-la e, ao mesmo tempo, exacerbá-la. No caso de se ter celebrado em público, só uma cerimônia expiatória, igualmente

pública, será capaz de restabelecer a harmonia rompida.
Se se trata de um sacrilégio clandestino, a reparação será impossível. Neste caso não existe a menor possibilidade de defesa nem de proteção para o autor do sacrilégio, que se terá convertido no alvo do bumerangue lançado por suas próprias mãos. Quando nenhuma expiação reparou a afronta, o golpe se volta contra quem o propiciou, às vezes com terrível violência, sem que possa esperar a menor possibilidade de escapar. Por mais longe que vá, por muito que se esconda, a Nêmesis com cabeça rastreadora, impelida por sua ação mesma, saberá encontrá-lo e acabar com ele inevitavelmente.

Um bebê com cabeça de cachorro

Uma anedota um tanto horrível, será suficiente para ilustrar o que acabo de dizer.
Faz uns dez anos, um jovem amigo meu, que então estudava medicina, entrou um dia na igreja de São Roque, em Paris, acompanhado por uma prostituta, e, enquanto se desenrolava o ofício, o casal, escondido num confessionário, entregou-se à fornicação.
Fiel a seu ateísmo, à sua agressiva irreligiosidade, o jovem levou a cabo a sua "proeza" como um sacrilégio deliberado e não só como uma dessas farsas escandalosas de que são aficcionados os estudantes de medicina.
Passaram os anos. O estudante, já doutor em medicina, contraiu matrimônio com uma chefa das escoteiras. Ambos formavam um casal simpático e sadio, com muitas possibilidades de felicidade familiar e êxito social.
A única coisa que faltava a seu futuro promissor era um filho. E este chegou, transcorridos nove meses, do modo mais natural do mundo... Era um monstro com cabeça de cachorro, uma espécie de gelatina violácea e viscosa, informe e purulenta, de cuja fronte sobressaía um inchaço que lembrava vagamente a efígie de São Roque.
O bebê viveu um ano; muito mais do que o pai necessitava, se não para expiar, ao menos para se sentir arrependido.

Série trágica em Uruffe

A história que acabo de contar, protagonizada por um homem que conheci muito bem, me leva a interpretar analogamente aqueles casos em que uma incompreensível Nêmesis parece perseguir os sucessivos moradores de um mesmo lugar .

Vejamos um caso concreto: o da igreja de Uruffe, um de cujos párocos, o padre Desnoyers, perpetrou nela um crime tão estranho quão atroz. Com efeito, a 1º. de dezembro de 1956, depois de ter crivado de tiros sua amante, que se achava no oitavo mês de gravidez, o sacerdote praticou, no corpo ainda quente de sua vítima, uma cesariana monstruosa, arrancou de suas entranhas o filho (que também era seu) vivo e com os olhos já abertos batizou-o - e finalmente o apunhalou pelas costas, atravessando-lhe o coração, e desfigurou-lhe o rosto com uma multidão de cortes. Um crime realmente extraordinário, quer pelo horrível das circunstâncias, como pelos motivos do assassino! Como explicá-lo? Muito simples: vinculando-o a uma maldição muito antiga proferida - ignoro por que razão - pelo consagrante do primitivo "santuário" contra todo eventual violador.

O fato de que esse lugar, protegido por uma rede de ondas abstratas, se convertesse mais tarde em igreja, com o que se beneficiava de uma nova consagração, não altera minimamente a fatalidade ali reinante nem neutraliza o poder da Nêmesis. Enquanto não se realize a cerimônia pertinente, a igreja de Uruffe continuará sendo perigosa para o sacerdote que ostente nela sua autoridade litúrgica.

A prova disso temos em que o sucessor do padre Desnoyers nesta paróquia condenada por um tabu pereceu de morte violenta: tinha viajado em peregrinação à Terra Santa, talvez para expiar o crime de seu predecessor, e foi assassinado por bandidos. E se remontarmos ao passado encontraremos outra vítima para acrescentar à trágica lista: o sacerdote que ocupava a paróquia de Uruffe imediatamente

antes de chegar a ela o mencionado padre Desnoyers, matou-se descendo os degraus do altar depois de ter rezado a missa. Um acidente único, sem precedentes nos anais eclesiásticos!
Assim, pois, a três párocos de Uruffe sobreveio sucessivamente algum estranho percalço. Se me sobrasse tempo para dedicar à curiosidade, certamente encontraria nos arquivos da igreja ou da comunidade o testemunho de outras vítimas da maldição lançada (no passado ou recentemente?) por um desconhecido dominador das ondas contra os eventuais violadores de seu "santuário". Os historiadores do esotérico podem investigar nesta direção; não ficarão decepcionados. De nossa parte, abandonamos aqui esta estrada: uma série de três nos parece já significativa.

As dezoito vitimas do faraó

Quando se estuda o mistério dos "santuários", quando se procura compreender em que consistem as defesas invisíveis que os protegem, é impossível aludir ao menos uma vez ao que, segundo as normas do jargão policial, pode-se intitular "o caso Tutankâmon": todos os que violaram a tumba deste faraó, exceto um, foram "castigados". O modo pelo qual se desenrolou cada uma de tais mortes parece indicar que a proteção do santuário continua vigente, transcorridos mais de 3.500 anos, com uma eficácia tão perfeita quão terrível.
Evidentemente esta explicação supersticiosa provoca um sorriso dos racionalistas. Para eles, a morte das dezoito presumíveis vítimas da maldição de Tutankâmon só é, na realidade, morte natural. O fato de que essas dezoito pessoas pereceram prematuramente e em circunstâncias estranhas constitui fruto do azar, pura coincidência.
Cada vez que a razão triunfa sobre a superstição, há que sentir-se satisfeito e aplaudir: bravo! Não obstante, e sem ânimo de querer entabular nenhuma discussão a este respeito nem aventurar o menor comentário, parece-me no mínimo interessante oferecer ao leitor a possibilidade de elaborar uma opinião pessoal sobre o caso. Um breve

repassar cronológico dos fatos indiscutíveis pode permitir que cada leitor extraia, com toda honestidade, a conclusão que considerar mais oportuna.

A 25 de novembro de 1922 é descoberta a tumba de um faraó da XVIII dinastia, Tutankâmon, por dois ingleses: lorde Carnarvon e Howard Carter. A tumba contém "o mais fabuloso tesouro arqueológico de todos os tempos".

Na entrada da tumba, aparece a seguinte inscrição: *A morte roçará com suas asas a quem tocar o faraó.*

Seriam necessários dez anos para levar a cabo a inspeção de todas as câmaras do mausoléu e retirar delas a totalidade do fabuloso tesouro. Porém, muito antes de chegar ao término dos trabalhos, já se havia iniciado a hecatombe.

O primeiro nome que encontramos na trágica lista é o de lorde Carnarvon. Em sua agonia, ouviram-no pronunciar repetidas vezes o nome de Tutankâmon, e suas últimas palavras foram: "Acabou-se. Ouvi o chamado. Estou preparado". No mesmo instante - simples coincidência, evidentemente - apagaram-se todas as luzes da casa. A enfermidade que causou a morte de lorde Carnarvon nunca foi declarada. Os médicos supuseram que sucumbiu a uma picada de mosquito!

Seis meses mais tarde, seu amigo, o coronel Aubrey Herbert, morria por sua vez de um mal inexplicável; pouco depois também sucumbia a enfermeira que cuidara dele...

O secretário particular de Howard Carter, Richard Bethell, que foi um dos primeiros a penetrar na tumba, foi igualmente um dos primeiros a morrer.

Um amigo íntimo de Carter, o professor La Fleur, a quem a curiosidade científica levara a Luxor para presenciar os trabalhos, adoeceu misteriosamente duas semanas depois de sua chegada, e morreu. Também morreu o cientista Arthur Mace: depois de ter penetrado nas câmaras secretas do mausoléu, sentiu que as forças o abandonavam e teve de recostar-se - para nunca mais se levantar.

O doutor Evelyn White, célebre arqueólogo que fora um dos primeiros,

depois de Carter, a penetrar na câmara onde se achava a múmia do faraó, teve um final ainda mais trágico: enforcou-se. Para explicar seu gesto desesperado, deixou escrito em sua carta de despedida: "Sucumbi a uma maldição que me forçou a desaparecer".

Outro cientista inglês, funcionário do governo egípcio, Archibald Douglas Reed, recebeu o encargo de radiografar a múmia antes de trasladarem-na ao museu do Cairo. No dia seguinte ao exame radiográfico, Reed se sentiu subitamente enfermo; três dias depois morria. Era homem sadio, de constituição robusta. Ainda se ignora a doença que acabou com ele.

Ante a inquietação provocada na opinião pública por esta sucessão de mortes misteriosas, um alto funcionário do governo egípcio comprometeu-se a esclarecer o caso e para tanto, decidiu encarregar-se pessoalmente das investigações. Não transcorreram muitos dias desde sua chegada ao cenário da tragédia quando, inesperadamente, sentiu-se mal e teve de regressar ao Cairo; poucas horas depois, estava morto.

No total, a lista alcançava dezoito nomes: dezoito pessoas que, sem exceção, de um modo ou outro, participaram da violação da sepultura de Tutankâmon. A estas pessoas deve-se acrescer algumas vítimas indiretas (se é que se pode chamá-las assim), que jamais puseram pessoalmente os pés no mausoléu, se bem que pertencessem à família de algum dos violadores, ou que tiveram ocasião de tocar em algum objeto sagrado do tesouro. Por exemplo: em 1939, com o motivo de festejar o ano novo muçulmano, a Rádio Nacional egípcia quis fazer seus ouvintes escutarem as trompas de guerra de Tutankâmon. O museu do Cairo concordou em emprestar os preciosos instrumentos, que mantinha encerrados em vitrinas haviam dezesseis anos. O veículo que as transportava do museu à rádio teve um acidente e seu chofer morreu. As trombetas não sofreram o menor dano. Minutos mais tarde, o músico que se dispunha a tocar uma delas caía fulminado aos pés do microfone.

"Snooker" de sortilégios

Outro exemplo de maldição: Mohammed Mehri, diretor do departamento de antiguidades egípcias do museu do Cairo, morreu repentinamente de hemorragia cerebral pouco depois de ter firmado, em 1967, acordo com o governo francês segundo o qual o tesouro de Tutankâmon abandonaria o Egito para se instalar temporariamente junto ao Sena: a exposição, que teve lugar no Petit Palais de Paris, prolongou-se durante vários meses, permitindo que mais de um milhão de visitantes contemplasse "ao vivo" a máscara de ouro do faraó efebo.
Anos mais tarde, o sucessor daquele infortunado funcionário foi vítima do mesmo "acidente", nas mesmas condições e pelas mesmas razões. Coincidência ou um snooker de sortilégios? Seja como for, o certo é que Gamal Mehrez, cuja morte foi anunciada pelos jornais de fevereiro de 1972, acabava de firmar um acordo para celebrar uma exposição de Tutankâmon em Londres quando lhe sobreveio uma hemorragia cerebral.
Até o próximo capítulo.

A arma total contra a má sorte

O mais estranho, em todo este assunto, é que só um homem livrou-se da maldição: precisamente o principal "culpado", aquele a quem coube realizar todo o trabalho, inventariar os achados, trasladar o tesouro, em suma o homem a quem coube a maior responsabilidade e a glória do descobrimento. De fato, Howard Carter viveu até 1939, ano em que faleceu à idade de 66 anos.
Certamente este fato constitui um argumento muito sólido em favor da tese racionalista, segundo a qual é impossível que uma maldição possa cair sobre os profanadores. Sempre é melhor atribuir os mistérios a causas naturais. Não obstante, e em atenção a quantos

não creiam que as coincidências sejam uma explicação satisfatória, acrescentarei uma informação que, se for certa, traz nova luz ao caso; devo-a a um diplomata belga residente no Cairo antes da guerra e que foi amigo pessoal de Howard Carter. Segundo este diplomata, Carter confessou-lhe estar de posse da couraça definitiva contra todas as desgraças que os mais poderosos magos ou bruxos pudessem dirigir-lhe, e que encontrara tão excepcional segredo protetor numa das tumbas descobertas por ele mesmo no Vale dos Reis, no início de sua carreira como egiptólogo. Tratava-se da tumba de um sacerdote chamado Húa, onde os corpos deste e de sua mulher estavam em perfeito estado de conservação. Na câmara mortuária, cujos selos estavam intactos, o morto preparara com toda evidência as boas-vindas à seu primeiro visitante, oferecendo-lhe o segredo da imunidade como que para premiar sua audácia.
Deveremos esperar que sejam examinados e publicados os volumosos arquivos deixados por Carter à posteridade, antes de conhecer o segredo em questão. Seus esboços e notas, suas fotografias e relatórios, que ocupam dezenas de caixas, devem estar apodrecendo em algum canto dos sótãos do British Museum, de Londres. Não é pelo menos surpreendente que, depois de trinta anos, a curiosidade dos numerosos investigadores apaixonados pelos mistérios egípcios tenha sido desatendida sistematicamente pela administração oficial? Existiria alguma razão de peso para manter ignorada esta impressionante documentação eivada de segredos?

"Post scriptum": um anel atlante

Alguns dias depois de aparecer a primeira edição deste livro, recebi uma resposta às duas perguntas com que terminava o parágrafo anterior. Permite-me incluir agora este post scriptum que satisfará, sem dúvida, a curiosidade dos leitores preocupados com este tema.
A resposta em questão me chegou em forma de carta e levava a assinatura: A. de Bélizal. Seu conteúdo, em essência, era o seguinte:
O segredo da imunidade de Howard Carter, não só o conheço, mas,

por herança, está em meu poder. Encontra-se atualmente em minha biblioteca, onde o senhor poderá vê-lo e tocá-lo, se este for o seu desejo. Trata-se de um anel de grés de Assuã, que o avô de minha esposa, o marquês de Agrain, egiptólogo de renome, trouxe consigo perto de 1860, depois de ter realizado algumas escavações no Vale dos Reis.

Naturalmente, aceitei de imediato o convite do sr. de Bélizal, e pude ter em minhas mãos o estranho e frágil anel de grés, fabricado há muitos milhares de anos e em cujo relevo desgastado podem se ver ainda as figuras geométricas que constituem seu único adorno: três retas, seis pontos e dois triângulos isósceles. Estas figuras parecem construídas, alinhadas, distribuídas, equilibradas de acordo com uma ordem e uma necessidade que têm um sentido esotérico... e que têm também virtudes e poderes que, graças a uma experimentação paciente e diversificada, pudemos descobrir com maravilhada surpresa de nossa parte.

Na verdade, este anel - que com toda probabilidade foi fabricado e esculpido pelos atlantes, cuja herança recolheram os egípcios da antiguidade - permite-nos penetrar no coração de um mistério desconcertante: o da inexplicável imunidade que garantem as ondas emitidas por determinadas "formas" privilegiadas contra toda agressão invisível proveniente do exterior. Existem "ondas de forma" (voltaremos a falar delas com mais detalhes em outro capítulo deste livro) que são capazes de criar uma barreira protetora intransponível, interceptar ou neutralizar todas as forças suscetíveis de perturbar o ambiente vibratório de uma casa, comprometer o equilíbrio (e por conseguinte a saúde, a felicidade, o destino) de um indivíduo. O anel atlante realiza este tipo de milagre. O sr. de Bélizal, mediante - experiências repetidas ao longo dos anos, desde que é proprietário do anel, pode comprová-lo; de minha parte, verifiquei com experiências pessoais suas conclusões.

As propriedades deste anel são extraordinárias, tanto que seria demasiado extenso expô-las em detalhe, à parte que isto me afastaria do tema do presente livro. Sem dúvida, não posso deixar de dizer que

sua eficácia manifesta-se, com assustadora evidência, em três campos: proteção, cura e intuição. O anel protege contra os perigos e imuniza contra as influências ou malefícios de qualquer natureza (tanto de origem geofísica como se devidos a uma perturbação qualquer do meio vibratório, inclusive se ocasionada por uma maldição, sortilégio, encantamento, qualquer tipo de agressão mágica etc.). Por exemplo - e diga-se de passagem que este não é o aspecto menos surpreendente do mistério -, aquele que leve este anel não pode ser vitima de um acidente automobilístico, a menos que esteja animado por uma vontade suicida.

A segunda propriedade do anel é a de curar, não, é claro, as doenças ou lesões orgânicas, mas restabelecer determinadas funções acidentalmente perturbadas e suprimir as dores subseqüentes. A precisão de sua eficácia pode ser acrescentada mediante o conhecimento das correspondências simbólicas que vinculam cada um dos dedos a um órgão ou a uma função. Por exemplo: o anular corresponde ao sistema gênito-urinário; assim, pois, dever-se-á pôr o anel neste dedo se a doença afeta a um órgão que seja parte deste sistema.

Por último, a terceira propriedade - a mais misteriosa – abre ao possuidor do anel perspectivas insuspeitas num campo que até o presente só conhecemos, e muito parcialmente, graças aos fenômenos metafísicos. O que levar o anel adquire sensibilidade para perceber determinadas comunicações que, de outro modo, ignoraria por completo. (Ademais, esta faculdade resulta dificilmente conciliável com a imunidade por isolamento que proporciona o anel contra toda influência exterior.) Neste sentido, as experiências, porém, ainda estão em curso, e não se pode afirmar que se tenha alcançado o limite no que concerne a surpresas. Minha opinião pessoal é que o grão-sacerdote Húa devia servir-se deste anel como um telégrafo sem fio, para se entender com os membros iniciados da sua ordem. Todos sabem que os sacerdotes dos faraós, herdeiros inegáveis dos fabulosos segredos dos atlantes, dominavam incríveis técnicas ocultas que a ciência de vanguarda começa, justamente agora, a redescobrir,

por outros caminhos. Este anel, cujas propriedades estudei com verdadeira paixão, parece ser o mais poderoso suporte da telepatia conhecido até o presente. Ou ao menos assim o creio.
De qualquer modo, o certo é que a eficácia do anel não provém nem da matéria de que é feito nem de algum tipo de "carga", seja esta magnética ou psíquica, religiosa ou mágica; tampouco se trata de um pentáculo personalizado, nem um talismã imantado, nem de uma medalha benta, nem de um sacramental, nem de um fetiche; e não tem nada em comum com nenhum desses artigos mais ou menos prometedores de felicidade ou bem estar inventados pela superstição popular ou pelo esoterismo esnobe. O anel atlante é o lugar e a fórmula (o que Arthur Rimbaud procurou em vão) de um dos milagres mais surpreendentes da física microvibratória: aquele cujos agentes invisíveis são as "ondas de forma".

A Previdência Social não paga o milagre

Existem "santuários" que, em lugar de estarem repletos de proibições, eriçados de ameaças, têm, pelo contrário, a vocação de atrair, de recompensar o visitante. É o caso dos lugares de peregrinação, milagrosos, e também o das fontes mágicas, de juventude ou de saúde, cuja tradição perpetuou-se desde a pré-história.
Tais lugares foram consagrados em tempos de antanho por santos ou gênios, e não - como sucede com nossos modernos "santuários" - por gente egoísta ou mesquinha, por sacerdotes da severidade, mais que da caridade, por guardiães do sublime segredo indiferentes aos irmãos humanos.
Ademais, resulta curioso e triste constatar que, contrariamente ao malefício, praticamente indelével, o favor sobrenatural que goza um "santuário" costuma evaporar-se com o tempo, como se se tratasse de um perfume. O Diabo tem melhor pontaria que Deus.
Um exemplo esclarecedor geográfico: em Puy-en-Yelay, frente à catedral, há uma lousa plana conhecida com o nome de "Pedra das Febres" e sobre a qual, se se está enfermo, basta recostar-se e

dormir, para ficar curado. Milagre? Talvez um milagre caduco e não reembolsável pela Previdência Social. Porque o certo é que ninguém mais se arrisca a experimentar esta terapêutica. A "Pedra das Febres" não tem um só cliente.
Em contrapartida, como afluem os turistas, cada domingo, sem apreensão, às ruínas do monastério de Franchard, no bosque de Fontainebleau! E mesmo que nenhum deles saia indene dali. Está comprovado que ninguém pode escapar - mais cedo ou mais tarde - do castigo deste lugar maldito, deste autêntico santuário do Maligno. Desde o século XII, quando foi construída a capela, até o século XVIII, em que foi abandonada sob seu manto de proteção mágica, todos os eremitas que nela buscaram refúgio pereceram assassinados. Hoje, a maldição continua vigente: nenhum visitante, por mais inocente que seja, poderá desafiá-la impunemente.

Uma santa de parada forçada

O cônego Migne, em seu Dicionário das Peregrinações, tentou, há mais de cem anos, recensear todos os lugares que havia na França, "especialmente destinados a receber as súplicas dos homens" e onde as orações tinham mais probabilidade de serem atendidas. A lista é longa, mas não exaustiva. A partir dessa obra, numerosos eruditos consagraram seus esforços à mesma investigação, e assim chegou até nós tal quantidade de riquezas espirituais, de promessas de assistência sobrenatural (esquecidas, mas não perdidas), que a confusão perante a necessidade de escolher paralisa-nos no momento de decidir a que santo nos encomendar. Por um momento, sentimos a tentação de ficar no pitoresco e anedótico, conscientes de que a realidade do milagre já não é senão a palha rejeitada pelos incrédulos.
Quem não recorda, por exemplo, que em Paris o número 9 da rua Antoinette san Rabboni cura a maldade dos maridos? Impossível, dir-se-á; mas é tão divertido que se menciona amiúde. Pelo contrário, são pouquíssimos os que sequer se atrevem a propagar a boa notícia de

que, na capela do convento de Picpus, existe uma virgem negra que, sob a apelação de Nossa Senhora da Paz, cura realmente a asma, a cegueira, as enfermidades cardíacas...
Outro exemplo? Santa Marina (perto de Pontoise) é urna santa de parada forçada. Sua especialidade: devolver a virgindade às moças que pecaram. Mas como hoje a virgindade está completamente depreciada, nenhuma súplica emanada de uma minissaia ou maxivestido pode obrigar Santa Marina a interceder. Sem dúvida todos a conhecem, porque sua especialidade é um bom pretexto para brincar... ao passo que ninguém mais se recorda (salvo, talvez, em Stival, no Morbihan) que São Mériadec ainda cura perfeitamente a surdez, ao repique dos sinos do domingo seguinte ao 7 de junho.

Porque caem as "telhas"

Desde a mais remota antiguidade as técnicas de consagração de um lugar mediante as ondas de pensamento foram empregadas constantemente por sacerdotes e iniciados. Esta é a razão para que subsistam ainda hoje tantos "santuários" invisíveis, dispersos um pouco por toda parte, e, sobretudo, ignorados por aqueles que os violam sem se dar conta, o que lhes acarreta um castigo absolutamente injusto.
Ninguém pode surpreender-se ao achar estes restos de tabus esquecidos - mesmo plenamente ativos - nos lugares tradicional e abertamente consagrados pela religião ou pela magia: as pirâmides, os dólmens, os templos, as igrejas etc. Mas, às vezes, ocorre encontrá-los nos lugares mais imprevistos, onde, é claro, nada indica visivelmente sua presença, onde nenhum aviso adverte o passante do risco que corre. Any trespasser will be prosecuted ("Qualquer invasor será processado"), reza o anúncio que se pode ler à entrada dos lugares proibidos, na Inglaterra. Quantos acidentes, quantas desgraças, quantas mortes poderiam ser evitadas se fosse possível colocar um aviso análogo diante de todos os "santuários" desconhecidos e cuja periculosidade persiste, imutável!

Que riscos corre, em que sanções incorre o imprudente, o ignorante que franqueia o portal proibido? Não é possível sabê-lo antes que suceda, porque cabe ao consagrante fixar o castigo. A importância da pena contra o violador não depende do valor do tesouro a proteger, mas unicamente da maior ou menor maldade do oficiante; de fato, este, ao projetar as ondas abstratas da proibição, associa a elas uma ameaça submetida a condições por ele escolhidas e deste modo as duas forças invisíveis ficam vinculadas entre si indissoluvelmente. Alguns bruxos malévolos exigem sempre uma barreira mortal para os transgressores; outros limitam o malefício à enfermidade, ou ao simples mal-estar; e, por último, os sacerdotes menos ferozes se contentam com castigos benignos. Tal é o caso das famosas "telhas" imprevisíveis e inexplicáveis que nos caem sobre a cabeça sem que possamos adivinhar de que telhado e que, na maioria das vezes, não têm outra origem senão a violação involuntária (no decurso de um passeio ou uma visita) de um santuário ignorado.

Nunca mais voltaremos ao bosque sagrado

Os "santuários" cujas fronteiras foram delimitadas em tempos remotos e em pleno campo, longe inclusive de todo recinto emparedado, são evidentemente os mais difíceis de detectar e por conseguinte os mais perigosos para o passante ou vagabundo. Sem dúvida, à medida que os acidentes vão sucedendo inexplicavelmente, a tradição oral, ajudada pela superstição, cria um clima de temor que afasta do lugar proibido a curiosos e imprudentes. Claro que, por vezes, este temor resulta tão delicioso que atrai os transgressores, ao invés de afastá-los.

O recato obriga-me a mascarar minhas palavras acerca deste tema, pelo que me limitarei a dirigir uma discreta sugestão àqueles de meus leitores que tiveram a sorte de visitar a Turquia. Neste país rústico e encantador ao mesmo tempo, os turistas de boa vontade se vêm surpreendidos por algumas histórias insólitas, que não figuram em nenhum guia e que, ademais, parecem rodeadas de um intrigante

mistério. Assim, os solteiros britânicos de ambos os sexos que chegam a Ancara são "alertados" imediatamente sobre um perigo que circula de boca em boca por todos os hoteleiros da cidade.
"My dear, pelo amor de Deus, principalmente não vá passear no bosque de...! - adverte a gente do país. - Está povoado por nativos de grande talhe e aspecto atraente, pacíficos e terríveis ao mesmo tempo, que infligem os últimos e mais deliciosos ultrajes a todo estrangeiro, homem ou mulher, que se aventura a invadir o seu território. Para bom entendedor..."
Pois bem, em que pese sua má reputação, este bosque está sempre concorridíssimo. Os turistas de ambos os sexos acodem a ele regularmente para se fazerem sodomizar... Porque este é o castigo previsto para os transgressores do mencionado "santuário", cuja consagração remonta à época em que o Império romano impunha sua paz e sua religião às colônias gregas da Ásia Menor, em que as sacerdotisas de Afrodite atraíam clientes a este bosque sagrado para se prostituir em honra da deusa, ao passo que não muito longe dali, perto de Éfeso, a Virgem Maria dormitava em outro santuário onde os enfermos de fato abandonavam suas muletas, uma vez consumado o milagre.

Quando o privilégio é vitalício

O "santuário" menos nobre, mas também o mais corrente, é aquele que determinados egoístas, intelectuais ou ocultistas consagram a si mesmos. Elegem um lugar preciso e, graças às técnicas clássicas da proibição mediante ondas de pensamento, convertem-no em inviolável para os demais, sob pena de sanções. Este recinto mágico pode encerrar tanto um hectare de bosque como a superfície de um anúncio publicitário, tanto um pátio como um rincão de jardim ou salão ou dormitório, o alto de um mirante como a profundeza de um sótão. Tudo é possível quando se domina o meio, e neste sentido posso afirmar que vi coisas realmente extraordinárias.
A característica mais original e importante dos santuários a que me

refiro consiste em que o efeito da consagração desaparece subitamente justo no instante em que morre o consagrante. Então, sem necessidade de cerimônia alguma, com o concurso exclusivo da força (invisível) das coisas, a proibição é levantada. Por que? Porque neste caso se trata de um privilégio vitalício, ao passo que a advocação feita a uma divindade ou um herói é indelével.
Assim, como um reflexo, apaga-se a cidadela imaterial que haviam erigido as ondas abstratas. Deste modo, o homem que profissional e localmente se constituíra em deus por sua própria vontade, encerrando-se num templo-fortaleza, o ser tão egoísta que já era incapaz de dizer eu, o orgulhoso forçado a se fundir no magma anônimo dos demais, acaba por não deixar a menor marca de sua passagem por este mundo.
Mas, enquanto vive o consagrante, e mesmo quando tenha abandonado seu santuário para se estabelecer muito longe daquele lugar, a proibição por ele decretada permanece ativa e qualquer um que a infrinja deve assumir a sanção prevista.
O único meio para levantar a proibição é levar a cabo a cerimônia adequada, o que evidentemente não está ao alcance de todo o mundo. De certo modo, quando se sabe interpretar os símbolos, basta adaptar analogicamente o procedimento que utilizaram os judeus da História Sagrada para derrubar as muralhas de Jericó, outro santuário inexpugnável.

A cifra decisiva

É possível que o leitor prefira, antes de saber como desfazer o encantamento que protege um santuário, como se "fecha", como se o consagra. Por vezes é necessário - e sempre, de qualquer modo, agradável - poder refugiar-se num lugar inacessível, onde se esteja realmente "em casa", ao abrigo de toda indiscreção, intrusão ou agressão estranha: um autêntico lugar de segurança! Como é lógico, não tenho a intenção de revelar os segredos da alta magia, que ademais não se prestam para ser motivo de jogos impensados. Mas

me parece perfeitamente lícito satisfazer a curiosidade do homem de bem que aspira conseguir o isolamento. Odi profanum vulgus et arceo... Para obedecer ao exemplo de Horácio, a seguir exponho as operações que devem ser efetuadas quando se deseja consagrar um santuário para si mesmo:
Depois de ter escolhido urna época de luz crescente*, em dia e hora determinadas**, dar sete vezes a volta completa no lugar que se deseja consagrar, começando pelo norte e seguindo o sentido horário***. A superfície do santuário - por maior ou menor que seja - deve expressar sempre a cifra decisiva; quer dizer, aquele número que, multiplicado por qualquer outro, dê sempre 9 quando se somam os algarismos do resultado****. As palavras (conjuro e oração) que hão de se pronunciar enquanto se realiza o percurso consagratório estão prefixadas num ritual mágico cujas variantes são mínimas de um continente para outro, de urna religião para outra, de uma época para outra *****.

* Busque-se no guia astrológico diário o lugar e a hora mais favoráveis para uma operação deste tipo.

** Determinadas pela concordância entre o perfil astral do consagrante e a personalidade daqueles dos 72 signos da tabela cabalística que influem nesse dia, hora e lugar.

*** O comprimento da passada deve ser constante e estar de acordo com o número áureo individual do consagrante.

**** Exemplos:

9 x 7 = 63; 6 + 3 =9
9 x 4 = 36; 3+6 = 9
9 x 9 = 81; 8 + 1 = 9
9 x 3 = 27; 2 + 7 =9
9 x 100 = 900; 9 + 0 + 0 =9

***** Estas palavras não são citadas *in extenso* em nenhum manual de magia. São textos realmente secretos, aos quais só se tem acesso com pleno direito quando se alcançou uma etapa de iniciação muito avançada. Entretanto, as redações incompletas que se podem achar nos livros especializados são suficientes para levar à cabo uma consagração menos efetiva, assim como também, na prática corrente, para todos aqueles que preferem divertir-se com balas, ao invés de brincar com bombas atômicas.

Uma vez realizada a consagração de acordo com os ritos, o "santuário" assim criado passa a pertencer de modo exclusivo ao consagrante e ninguém mais senão ele poderá penetrar em seu seio sem correr o risco do castigo previsto - mesmo que se trate de um ocupante legítimo, um novo proprietário legal e sincero que ignora absolutamente a existência da proibição que está infringindo... ou, inclusive, um parente que comete abuso de confiança, tal como nos conta Perrault em *O Barba Azul*, que não é outra coisa que a trágica história de uma esposa demasiado curiosa que viola um santuário.
Mas não é unicamente nas lendas e contos de fadas onde se pode encontrar exemplos desse gênero. De minha parte, conheço alguns casos memoráveis e dou fé de que são casos vividos. A seguir, referirei duas amostras grátis que me parecem particularmente significativas. Insisto no fato de serem histórias verídicas, baseadas em acontecimentos reais, e, por conseguinte, só posso aceitar discussão quanto à interpretação que se lhes queira dar .

Damabiah era um colaboracionista

No vale de Chevreuse, não longe da casa onde eu vivia então, residia, antes da guerra, um literato que não conhecia a fama, mas o talento, tão bom escritor quanto mago, e bastante interessado no estudo das chamadas ciências ocultas, pelas quais sentia verdadeira paixão. Era um homem agradável e muito culto, que possuía aquele

tipo de erudição detalhista e anedótica que enriquece o interlocutor, sem entediá-lo. Eu procurava visitá-lo tantas vezes quantas me era possível. Pois bem, para facilitar o relato, chamá-lo-ei a partir de agora de Damabiah, e que seu espírito descanse em paz!

Damabiah consagrara um santuário em sua casa de campo. Estava localizado num aposento que, com toda a evidência, fazia às vezes de gabinete de trabalho e laboratório mágico. Situada no andar térreo da casa e aberto só para o jardim (quer dizer, não se comunicava com o resto da casa), o aposento em questão caracterizava-se por um detalhe peculiar: para penetrar nele, era preciso descer três ou quatro degraus, pois seu piso estava ligeiramente abaixo do nível do solo. Como é natural, a todos era rigorosamente proibido entrar ali, o que não deixava de aumentar a curiosidade da criada. Um dia, aproveitando urna curta ausência do dono da casa, a boa mulher quis dar uma olhada no antro misterioso. Não pôde fazê-lo, porque assim que abriu a porta exterior, escorregou no primeiro degrau e torceu o tornozelo: teve de voltar para casa coxeando e sem ter podido "fazer a limpeza" no gabinete, como argumentou mais tarde, para explicar o sucedido.

Este "acidente de trabalho" que o próprio Damabiah contou-me e comentou constitui uma espécie de preâmbulo à sucessão de acontecimentos muito mais dramáticos que tiveram lugar posteriormente e que ilustram, com tanto mais vigor, o tema da inviolabilidade dos "santuários".

Durante a ocupação alemã, Damabiah mostrara-se abertamente partidário da política chamada de colaboração com a potência invasora; uma atitude no mínimo surpreendente num intelectual que, como era seu caso, estava mais familiarizado com os mistérios do ocultismo que com os da política... se bem que também seja possível que alguma das artes divinatórias que praticava, aliás com êxito, não lhe houvesse predito corretamente o futuro. Seja como for, Damabiah teve de fugir imediatamente antes da libertação para escapar às violências, e talvez à morte com que o ameaçavam os jovens (ainda clandestinos, mas não por muito tempo) da Resistência local. Saiu tão

depressa que não teve tempo de dessacralizar seu santuário.
Pouco tempo depois, apenas o primeiro casco de navio americano tendo aparecido no horizonte, mum grupo de jovens do povoado, com braçadeiras tricolores, correu até a casa de Damabiah, derrubou a porta e começou um saque em regra. Tudo foi bem enquanto não franquearam a entrada do santuário. Mas, quando o bando de jovens leões arremeteu contra a porta do gabinete de trabalho, o drama foi inevitável. O primeiro invasor, levado por seu próprio impulso, e não esperando encontrar degraus atrás da porta, perdeu o equilíbrio e caiu. Uma de suas mãos empunhava uma metralhadora, cujo manejo mal conhecia, e que desgraçadamente estava destravada. Em sua queda, segurou com mais força a arma e apertou o gatilho, provocando uma rajada que esvaziou o pente. Resultado: um de seus companheiros morto e outros quatro feridos.
Entrementes, chegou o prefeito da aldeia, a quem acabavam de informar da expedição organizada pelos jovens. Ao se inteirar do sucedido, deu ordem que se fechassem todas as portas e janelas da casa, lacradas por um oficial de justiça. Deste modo o "santuário" ficaria protegido de qualquer violação... pelo menos até que um juiz de instrução adotasse a perigosa decisão de abrir uma investigação legal na casa do abominável "colaborador" fugido.
Claro está que isto nunca aconteceu, porque Damabiah morreu antes de ser feito prisioneiro, e com sua morte ficou anulada a ação legal empreendida contra ele - ao mesmo tempo que a proibição de penetrar no "santuário". No futuro, ninguém mais correria o risco de cometer o delito de transgressão naquele lugar, e, portanto, ninguém voltaria a ser castigado por sacrilégio.

Perseguia o poder, não a sabedoria

Quando se começa a contar histórias, é difícil terminar. É muito mais

divertido que desenvolver teorias abstratas, não é verdade? A história ilumina a realidade com cores mais autênticas. A pintura figurativa será sempre melhor que a abstrata!

Quando falo dos "santuários", esta palavra traz à minha memória realidades concretas, homens a quem conheci e que tinham um rosto, um nome, um corpo, manias, costumes, modo de falar, sensibilidade... homens a quem não posso confundir com a massa anônima que se oculta detrás do pronome indefinido. Para mim, sua presença e sua recordação conferem força singular à história, e por isso me agradaria que esta não fosse - tampouco para o leitor *sine ictu*, qual palavrório ocioso de intelectuais, mas, pelo contrário, que calasse fundo, que fosse recebida como um testemunho vivo, como uma constatação de flagrante delito.

Todas estas precauções estilísticas justificam-se porque a seguir quero referir-me a um exemplo incrível e, sem dúvida, autêntico. O leitor pode julgar por si mesmo.

Meio por brincadeira, meio a sério, acabo de indicar (vejam-se as págs. 77-78) a receita exata das operações que devem ser realizadas para consagrar a si mesmo um "santuário". Não vacilei em tornar público este segredo terrível porque sei que ninguém poderá utilizá-lo em benefício próprio sem a colaboração de um iniciado do Templo. Deve ser considerado, pois, no mesmo sentido que dei ao revelá-lo, quer dizer, como elemento essencial de trabalho para iniciação dos neófitos e como pretexto de diversão para os aficcionados do pitoresco. Aqueles que estejam dotados e bem dirigidos não teriam dificuldade em desentranhar rapidamente este arcano menor; os demais, quando menos, não terão perdido seu tempo.

Uma vez assinalada esta reserva, passo aos fatos: há aproximadamente quinze anos cometi uma imprudência imperdoável ao revelar a um simples estudante de ciências ocultas a técnica precisa e completa que permite "fechar um santuário" para uso pessoal. O jovem se chamava Walter. Era um espírito encantador, um rapaz persuasivo, viril, sedento de toda classe de experiências que lhe pudessem proporcionar a ilusão de avançar ao menos um passo

no domínio de si mesmo e dos demais.
Para concluir seu retrato e tornar bem patente que nos colocamos num nível desinteressado para estudar estes problemas, precisarei que Walter era interno num hospital de Paris. Contudo, resolvi desconfiar, pois eu sabia que ele já tinha escolhido sua especialidade médica: a psiquiatria e a psicanálise. Pretender curar aos loucos requer que já se esteja louco! Mas acreditei que meu jovem discípulo estava em pleno juízo, equilibrado, quando na realidade estava já transtornado por estudos de ocultismo que realizava auto-didaticamente, sem mestre nem disciplina, à margem de seus estudos de disciplina. Procurava o poder, não a sabedoria, o que sempre é muito perigoso neste campo proibido aos profanos.
Seja como for, o certo é que eu lhe ensinei até os mínimos detalhes - como a um camarada, mais que a um aluno - todas as operações que anteriormente descrevi, neste mesmo capítulo, e que a mim mesmo foram ensinadas por um mestre... mesmo que eu nunca as tivesse posto em prática com fins pessoais.
Meu escrupuloso sentido docente levou-me inclusive a instruí-lo sobre como determinar seu número áureo pessoal, a indicar-lhe as regras de jejum que devia observar, a soletrar as palavras dos conjuros e as orações certas, a emitir as ondas de pensamento por meio dos melhores procedimentos empíricos... Resumindo, iniciei-o a fundo no segredo de todas estas práticas, sem imaginar em nenhum momento que lhe ocorreria passar da teoria à prática.
Mas foi justamente o que fez...
Um belo dia veio confiar-me triunfalmente que conseguira construir um santuário. A princípio acreditei que fizera sua experiência em casa, num canto onde amontoava seus livros e cachimbos. Era uma imprudência, mas isenta de conseqüências graves. Mas quando me anunciou com a maior tranqüilidade do mundo que delimitara seu "santuário" num lugar pouco freqüentado do Bois de Boulogne, entre o Jardim Zoológico e o pequeno lago, fui tomado pelo pânico.
- Você está louco! - Exclamei. Se por desgraça teve sucesso com o procedimento para a proibição, os passantes inocentes que cruzem

sua fronteira arriscam-se...
- Vejamos - interrompeu-me Walter. - Sejamos lógicos. Para verificar a eficácia das ondas abstratas é muito mais interessante e também mais convincente escolher uma parte de um parque público antes que um recanto de minha casa, não é? Claro que eu preferiria criar meu "santuário" nos Campos Elíseos ou nas Tulherias, numa cabina telefônica ou estação do metrô; a prova que pretendo conseguir resultaria muito mais evidente. Mas era impossível proceder à consagração em meio à multidão, com as gesticulações que ela comporta, sem que me tomassem por louco. Assim, tinha de buscar um lugar público que ao mesmo tempo fosse muito concorrido a certas horas do dia, e deserto em outras, para que eu pudesse levar a cabo na mais absoluta solidão as cerimônias pertinentes. Por isso escolhi, por fim, o tal lugar do Bois de Boulogne... Agora só me resta esperar o curso dos acontecimentos para saber se realmente adquiri o poder de um mago!
Eu estava consternado, aterrado perante semelhantes mostras de inconsciência e cinismo. Sentia-me como se tivesse dado uma caixa de fósforos a um menino, ensinando-lhe, ademais, a como se servir dela.
- Só me resta a esperança - imaginei - de que você tenha esquecido alguma fórmula ritual, com o que o santuário não estaria realmente fechado...
- Logo veremos... - limitou-se a responder Walter.
Que fazer? Eu já tivera numerosas ocasiões para verificar a realidade do "santuário", podendo constatar em todas elas que não se tratava nem de um engano nem de uma ilusão. A proibição de entrar percebia-se primeiro como uma dissuasão forte, ainda que imprecisa, que logo se transformava numa espécie de consciência confusa de que não era possível penetrar no lugar, exceto por uma violência; e finalmente, se se persistisse no afã de entrar nele, sob uma ou outra forma produzia-se o castigo, real e amiúde instantâneo.
De minha parte eu, que nunca cedera à tentação de criar para mim um "santuário" - sem dúvida, por covardia -, eu que jamais ousara

sequer utilizar meus conhecimentos em benefício próprio, agora me via enfrentando o fato consumado da insensatez de meu "aluno", e me sentia responsável.
- Escute - disse a Walter -, é absolutamente necessário anular o quanto antes a proibição que você estabeleceu abusiva e imprudentemente. Leve-me até seu santuário, e no caminho decidiremos o que se pode fazer para evitar o pior.
- A mim, o que me interessa acima de tudo, é obter uma confirmação concreta - replicou Walter. - Quero ter certeza, com fatos, de que tanto as forças invisíveis como as ondas abstratas, que até agora só conheço em teoria, são tão eficazes quanto parece. Se esta experiência que acabo de fazer tiver êxito, então até os mais céticos terão de se dobrar à evidência. E isto é importante, não é?
Com o carro, em um instante, chegamos ao Bois de Boulogne. Era meio-dia. O encantamento começara a ser efetivo desde as seis da manhã. Que teria acontecido desde aquela hora? Algum drama?
Walter conduziu-me até seu "santuário" e me indicou com exatidão quais eram seus limites: um retângulo de cinco por três metros, aproximadamente, cujos ângulos eram duas pequenas elevações, uma aveleira e uma grande rocha meio enterrada. O lugar era visivelmente pouco freqüentado.
Meu espírito albergava ainda uma esperança: que Walter houvesse aprendido mal a lição, que sua magia de aprendiz carecesse de eficácia. Para comprová-lo, pedi que me repetisse os cálculos, as fórmulas, as coordenadas astrais, a ordem dos ritos, as concordâncias analógicas... Era evidente que não havia esquecido nada, que respeitara todas as regras sem exceção, e que seu coeficiente de autoridade era o suficiente para desencadear a salva de ondas abstratas. Assim, pois, era muito pouco provável que o encantamento não se fechasse sobre aquele espaço. Contrariamente à crença dos profanos, a magia - seja alta, seja baixa, negra ou branca - é muito simples de praticar, está verdadeiramente ao alcance de todos. Não requer nenhum dom particular, basta ser meticuloso, preciso, ordenado e saber realizar no momento adequado os gestos

prescritos, pronunciar as palavras preestabelecidas. Um mínimo esforço da vontade (não maior, ademais, que o necessário para dar uma ordem a um subordinado, na vida cotidiana), e o extraordinário realiza-se!

Walter, compreendendo que eu duvidava de sua capacidade como aprendiz de feiticeiro, esperava que de um momento para outro se produzisse a confirmação surpreendente que rubricaria seu êxito e poria de manifesto o meu erro. Sua espera carecia, aparentemente, de toda apreensão.

- Veja! - logo exclamou. - Vamos sabê-Io bem depressa. Aproxima-se uma cobaia. Não tardaremos a comprovar se a tela de arame mágico funciona de verdade.

Efetivamente, um passante acabava de sair do caminho para adentrar pelo arvoredo. Dirigia-se para nós e, se não mudasse de direção, cruzaria o santuário de lado a lado.

Uma vaga sensação de angústia oprimia-me o coração desagradavelmente. Deveria eu intervir e obrigar o homem, de bom grado ou pela força, a voltar sobre seus passos?

Hoje, ao cabo de tantos anos, em minha memória ainda se projeta com nitidez cinematográfica a imagem daquele homem pobre e triste cujo destino, por minha causa, podia sofrer num instante alguma violência ignorada, alguma extorsão maldita. O homem avançava lentamente, com as mãos para trás, o rosto inclinado para o chão e um ar geral de despreocupação. Ainda vejo seu cabelo por cortar, seu boné enterrado na testa, seu jérsei de gola alta de cor cinza-miséria, sua calça de flanela com bolsos nos joelhos e reluzente pelo uso.

Um cético divertir-se-ia com aquele suspense e o tomaria como um filme de magia e ficção (onde o espectador finge crer no que sucede porque sabe que ao final as luzes do cinema se acenderão); enfim, não se inquietaria minimamente, convencido de que na vida real não existem dramas desta espécie. Mas eu, que acreditava na realidade das forças invisíveis - e em especial das ondas abstratas achava-me numa situação muito menos confortável, patética e ridícula ao mesmo tempo, apesar de ter um considerável senso de humor.

A cobaia, passo a passo, continuava avançando até o santuário.
- Não tardaremos a vê-lo... - murmurou Walter.
Uma vez frente à fronteira invisível, justo no instante em que se preparava para profanar com seu pé o interior do santuário, o homem imobilizou-se subitamente. Sem razão aparente. A única coisa certa é que se deteve, observou escrupulosamente uma pausa de alguns segundos, por fim deu um quarto de volta para a esquerda e prosseguiu seu melancólico passeio, como se costeasse um muro de verdade. Não havia prestado a menor atenção à nossa presença, provavelmente nem nos vira. Teria obedecido a uma ordem secreta, percebida tão-só por seu inconsciente, mas imperativa o bastante para obrigá-lo a mudar de direção?
- E então? - perguntou Walter, decepcionado.
- Que pensar agora? - respondi. - Se o que você buscava era uma prova capaz de convencer a um cético, isto é insuficiente. Mas se só queria confirmar sua convicção íntima, então o incidente é bem eloqüente. De qualquer modo, em minha opinião, o jogo durou o bastante. Agora, o que você deve fazer é desativar sua bomba, destruir seu "santuário" antes que se produza alguma desgraça...
- Nem pense! - replicou Walter. - É divertido demais para abandoná-lo agora! O jogo não fez mais que começar... Olhe! Aproximam-se duas novas cobaias.
Um casal de namorados, com efeito, aproximava-se do lugar fatídico. Eram muito jovens e alegres, ao contrário desses bobinhos que ficam só se olhando nos olhos. Riam, brincavam, desfaziam com freqüência seu abraço para fugir um do outro, deixando-se agarrar em seguida e celebrando com beijocas na ponta do nariz... Em suma: ofereciam um espetáculo agradável como poucos. Pouco a pouco se aproximaram do invisível santuário.
Perseguida pelo rapaz, a moça correu ao longo da fronteira invisível até chegar à rocha. Uma vez ali, em vez de franquear por pouco o fatídico limite, deixou-se cair no chão para esperar seu amigo, que se lançou sobre a grama, junto dela. Risos, luta, beijos. Levantaram-se. Um instante mais e a fronteira seria violada... Mas não. A moça logo

gritou: "Por aqui não; por ali!" Tudo havia terminado. O invasor desistira subitamente.
Estava claro que naquele dia nada aconteceria. Por outro lado, já se fazia tarde e era impossível ficarmos postados ali, frente ao santuário, durante todo o dia. É preciso resignar-se e deixar que o destino siga seu curso! Mas eu tomara uma decisão: antes da alba, no momento azado, voltaria para desfazer o encantamento, invertendo os ritos da consagração. Sem dizer nada a Walter, é claro. Preferia que ele acreditasse que tudo aquilo fora um exagero, uma brincadeira. Preferia desconcertá-lo, desiludi-lo, desenganá-lo da magia, persuadi-lo de que só se tratava de mentiras e erros, com o objetivo de lhe tirar para sempre a vontade de tentar novas experiências.
Assim, pois, na manhã seguinte levantei-me antes do nascer do sol e, quando o relógio assinalava as cinco, estava a caminho do Bois de Boulogne. Que tristeza, que frio sentia no mais fundo de meu ser! Dei com o santuário, delimitei cuidadosamente seus contornos e comecei a realizar meus exercícios mágicos, consistindo em gestos, passos e contrapassos, tudo salpicado de murmúrios incompreensíveis. Era um espetáculo insólito, que não deixaria de parecer ridículo e inquietante para qualquer espectador profano.
Achava-me em plena ação quando percebi que um guarda observava minha atuação com divertida curiosidade. A presença daquele espectador importuno deixou-me subitamente sem inspiração. Contrariado, interrompi minhas manobras cerimoniosas e esforcei-me por adotar um ar de naturalidade. Foi inútil. O guarda, tendo a atenção atraída pela coisa, e mostrando-se indulgente, interpelou-me:
- Divertindo-se?
- Não, senhor, não estou me divertindo, estou trabalhando - respondi-lhe, ofendido.
- Vamos, vamos! Então semear pó, ajoelhar-se a cada nove passos, cantarolar e dançar, não é uma brincadeira?
- Estou fazendo uma experiência...
- Faça o senhor o que quiser. Desde que não maltrate as plantas... Que é esse pó, um detergente ou um inseticida?

- É uma mistura de incenso e estoraque...
- E o senhor está semeando, para que brote?
- Não. Para que rebrote...
- Mas, para que rebrote tem que ter brotado antes, não é?
- Quando digo rebrotar quero dizer cassar...
- Como caçar? Caçar o quê? É proibido caçar no Bois de Boulogne!
- Não me refiro à caça! Quero dizer afugentar, expulsar...

Nosso diálogo parecia o de dois palhaços. O suspeito sempre cai na armadilha do interrogatório lógico. Se eu confessasse a verdade ao representante da autoridade, sem dúvida alguma tomar-me-ia por um louco fugido e me trancaria na enfermaria especial da delegacia. Era preferível, portanto, sair do atoleiro com mentiras mais ou menos bem urdidas. Mas como inventar urna história que satisfizesse a um tempo ao bom-senso e à curiosidade daquele funcionário? Evidentemente, a solução mais prudente era dar por terminada a entrevista e escapulir com o rabo entre as pernas. Foi o que fiz, deixando em suspenso a cerimônia mágica...

Na manhã seguinte, ao abrir o jornal, a primeira coisa que vi foi uma notícia destacada em manchete: "Mulher estrangulada é encontrada nua num recanto do Bois de Boulogne". A vítima, dizia-se, era uma prostituta.

Assim que terminei de ler sobre este acontecimento, meu telefone soou e pude ouvir uma voz apagada. Era Walter.

- Venho do Bois de Boulogne – disse-me. - Investiguei, verifiquei cuidadosamente o que aconteceu... Não há erro possível; a moça foi estrangulada esta noite em meu santuário... Você tinha razão: ninguém tem o direito de brincar levianamente com as forças selvagens. Esta prova me basta, e sobra. Fique tranqüilo: farei o necessário para abolir este santuário...

Walter cumpriu a sua palavra. Graças a Deus!

O mais inverossímil dos "santuários"

Existe outra espécie de "santuário" que ainda é mais misterioso, mais

abstrato, mais incrível. Neste caso tão extraordinário, a suspensão do uso, a proibição de entrar aplica-se não a um lugar delimitado no espaço, mas a uma obra intelectual, a um livro impresso ou manuscrito. Sob a ameaça de sanção proíbe-se assim que se revele aos profanos determinados textos que algum consagrante decidiu um dia proteger, manter secretos, reservados para o uso dos iniciados.
Na verdade se trata, na maioria das vezes, de livros que não devem ser traduzidos, divulgados em outra língua que não seja a do texto original, ou manuscritos que não têm direito a ser impressos, e inclusive de obras já publicadas, mas cujo editor seria castigado se a tiragem ultrapassasse uma certa cifra fatídica.
A existência de tais "santuários" é tão inverossímil que muitos leitores, sem dúvida, não quererão acreditar em mim. Para convence-los, recorrerei ao testemunho de um de meus colegas que, não faz muito tempo, foi "castigado" por ter desobedecido uma destas estranhas proibições.

A maldição de "Percival"

Jean-Pierre Foucher, professor de filosofia, é mais conhecido como produtor de emissões radiofônicas e como tradutor de literatura medieval (em especial Les Romans de Ia Table Ronde, de Chrétien de Troyes). Foucher contou, numa entrevista concedida ao excelente jornalista Claude Ivon, a surpreendente aventura que lhe aconteceu quando trabalhava na tradução para o francês moderno de Percival, obra que constitui o "ciclo místico" das lendas da Távola Redonda. Passo a palavra a Foucher:
Ao empreender a tradução de Percival senti que me achava frente a uma obra que se defendia por si só.
Todos quantos tentaram antes este trabalho foram vítimas das piores desventuras. Gustave Cohen e Albert Pauphilet sabem o que quero dizer. Também os editores têm conhecimento desta 'maldição'.
De minha parte, primeiro me vi atacado de um zóster nos olhos e depois, quando cheguei à passagem da lança salpicada com sete

gotas de sangue, sucedeu-me algo que não duvido em qualificar como extraordinário.
Nos dias subseqüentes, a cada manhã despertava com o paletó do pijama salpicado por sete gotas de sangue, à altura do peito.
O fato, por sua persistência, chegou a me surpreender tanto que decidi fazer um exame médico: subitamente, aparecera um quisto.
Por fim, uma vez terminado meu trabalho, o manuscrito desapareceu em condições muito, muito misteriosas.
Jean-Pierre Foucher não propõe nenhuma explicação racional; limita-se a contar o que lhe sucedeu e conclui, prudentemente:
Percival era o cavaleiro que fracassou. Não soube reconhecer o Santo Graal quando devia fazê-lo, e, portanto, não pôde salvar o rei pescador, não conseguiu quebrar o encantamento.
"Este texto tem fama de encerrar segredos mágicos que devem permanecer ignorados. A única coisa que sei com certeza é que ele se defende."

O tesouro maldito do Vaticano

Percival é um exemplo característico de livro-santuário. Mas não é caso único. Na realidade, existem muitos outros. Inclusive se pode encontrar uma lista deles num catálogo ultra-secreto que agrupa as centenas de livros e manuscritos que se conservam em determinadas estantes da biblioteca vaticana inacessíveis ao público.
Assim ao menos foi-me confiado há algum tempo por um padre erudito que durante muitos anos teve a seu cuidado a missão de velar por este tesouro maldito. Este trabalho deixou-o com o ressaibo de uma espécie de vertigem espiritual que, apesar do tempo transcorrido, continuava incomodando-o.
Tais obras estão proibidas - por razões que certamente, não são todas de caráter "mágico" - e não podem ser traduzidas nem divulgadas. Qualquer um que desobedeça a esta proibição está ameaçado por uma sanção (moral ou física) que é indicada nesse mesmo catálogo por uma nota manuscrita.

Esta é, sem dúvida, a seção mais misteriosa da imensa biblioteca vaticana, cujas maravilhas e segredos parece que nunca poderemos desentranhar totalmente.

Proibido revelar as chaves

Ocasionalmente o "santuário" limita-se a determinadas passagens do livro ou certas glosas divulgadoras que poderiam ser feitas acerca dos mesmos.
Por exemplo, existem obras "de chave" que são publicadas e divulgadas normalmente, sem restrição alguma, mas cujas chaves não poderiam ser reveladas sem acarretar gravíssimas conseqüências para quem cometesse semelhante indiscrição.
Assim, dois interpretadores demasiado sutis de determinadas Centúrias de Nostradamus pagaram com a vida suas exegeses excessivamente inteligíveis. Outro tanto sucedeu ao abade Fabre d'Olivet, em conseqüência de sua tradução esotérica do Gênesis...
Este tipo de maldição, ademais, não é nada extraordinário na história da literatura. Constitui um divertido jogo social, sempre que alguém constata sua existência. Mas cuidado ao desafiá-lo!

Proibido traduzir sete versos de Ovídio

Para concluir este capítulo, permitir-me-ei contar uma anedota pessoal. Eu havia iniciado a tradução da Arte de Amar, de Ovídio, quando fui informado (por canais que não posso revelar) do fato de que sete versos do poema constituíam um "santuário" que não devia ser violado sob nenhum pretexto; sete versos que não poderia traduzir para o francês, se não quisesse incorrer em sanção grave.
Antes de obedecer a esta ordem surgida do nada, dei-me ao trabalho de verificar se as traduções precedentes respeitaram o tabu. Para tal, consultei seis ou sete versões francesas da Arte de Amar e com grande surpresa constatei que em nenhuma delas apareciam os

versos proibidos.
Por que razão? O sentido aparente dos versos é dos mais triviais. Nenhum segredo parece ocultar-se atrás deles. Sem dúvida, é um fato que todos os tradutores de Ovídio omitiram estes sete versos; fizeram como se eles nem existissem.
Quanto a mim, segui o exemplo de meus antecessores e ninguém, nunca, se deu conta da lacuna. Considero que optei pela solução mais inteligente e nunca me arrependi.

5. A MEMÓRIA DAS PAREDES

Cada objeto pode levar sua história escrita
invisivelmente ao seu redor.
Papus

Nem que as paredes fossem esponjas! Estão empapadas, impregnadas de todas as manifestações de vida que presenciam, como testemunhos impassíveis na aparência. Nenhum calor humano lhes passa por alto, nenhum ruído, palavra, novidade, caráter, lágrima, suor, odor (seja de cozinha, seja de perfume), murmúrio amoroso ou grito de ódio escapa à sua recordação. Conservam as pegadas de todos os acontecimentos, de todas as cenas e espetáculos que presenciaram.
As alegrias, os sofrimentos, os sentimentos e inclusive os pensamentos humanos criam, no interior de uma casa, um ambiente vibratório composto de inumeráveis microvibrações (tanto de ondas concretas como abstratas) que atravessam a decoração inerte da existência cotidiana, deixando cicatrizes tanto mais profundas quanto mais violento e reiterado tenha sido o impacto.
Esta memória das paredes não se limita só a registrar e conservar imagens, impressões... Também é capaz, depois de um estranho processo de incorporação, de restituir as recordações acumuladas sob a forma de radiações que influirão - benéfica ou maleficamente,

segundo a matéria prima da recordação - nos subseqüentes habitantes da casa.
É na perspectiva de uma tal acepção que devem ser consideradas expressões do gênero "casa benéfica" ou "casa maléfica". Uma morada na qual só se tenham produzido acontecimentos felizes exalará eflúvios benéficos que favorecerão a felicidade de seus ocupantes. Pelo contrário, a herança do passado contagiará de infortúnios o presente, se as paredes recordarem, digamos, "o suicídio de tio Adalberto", ou "o longo calvário do avô, que morreu de câncer".
Mas pode haver paredes amnésicas! O que seria sumamente tranqüilizador. Por desgraça, a reverberação do passado sobre o presente, que existe tanto no sentido próprio quanto no figurado, é particularmente visível, virulenta e constante no interior das casas. Há que admiti-lo, e, posto que o sabemos, só nos resta o recurso de utilizar os meios adequados para conseguir que a herança seja inofensiva. Precisamente a descrição de tais meios é o que nos ocupará nas páginas seguintes.

As paredes cumprem, de certo modo, a função de acumuladores das ondas transmitidas através das microvibrações do ambiente. Estes acumuladores realmente insólitos carregam-se e se descarregam mediante oscilações incessantes; são como intercambiadores perpétuos. Ademais, possuem uma particularidade absolutamente extraordinária: uma vez carregados, jamais se esgotam e podem emitir indefinidamente sua energia, sem se esgotar.
Por conseguinte, a irradiação experimentada pelos habitantes, quer benéfica, quer maléfica, marcará definitivamente o habitat. Nem o tempo nem o desgaste conseguirão, daí por diante, apagar esta qualidade.
Quando se trata de um mal, o único modo de acabar com ele seria derrubar a casa por completo, não deixar pedra sobre pedra. (Apesar de tudo, nada garante que cada pedra não tenha memória individual e que seja maléfica por si só e contagiosa). Mas derrubar as paredes para que percam a memória é, de certo modo, como decapitar um

homem para que esqueça suas más recordações. Afortunadamente, há outros remédios, mais suaves, que podem ser utilizados com proveito, quando o que se pretende conseguir é uma neutralização temporária.
Mais adiante veremos que classe de aparelhos estão em condições de garantir proteção eficaz contra as ondas nocivas. Para começar, procuraremos esclarecer bem como se desenvolve o processo de impregnação das paredes por parte das ondas ambientais.
Tomemos o exemplo mais característico: o de uma "casa de câncer", cuja insalubridade não se deve a nenhuma causa geológica, química, eletromagnética, telúrica ou cósmica, quer dizer, a nenhuma causa de origem natural procedente do solo ou do subsolo. Esta casa é sadia quanto a seus alicerces e sua construção em geral. Qual é a origem do mal? A memória das paredes, evidentemente. Suponhamos que uma ou várias pessoas atacadas pelo câncer tenham vivido nesta casa ou apartamento: suas paredes estarão impregnadas de ondas nocivas e estas se refletirão indefinidamente sobre todos os habitantes que a ocupem depois da mudança ou morte do enfermo.
Estes comprimentos de onda são de amplitude muito fraca, mas muito fortes em densidade. Se o novo ocupante da casa goza de boa resistência física, o mais provável é que não se veja absolutamente incomodado; mas bastará que as células de seu organismo em conseqüência de uma depressão, fadiga ou simples resfriado tenham perturbado seu equilíbrio vibratório e seu comprimento de onda seja inferior ao das ondas maléficas refratadas pelas paredes, para que o dito ocupante torne-se vulnerável. Neste último caso, sua morfologia sofrerá interferência eletromagnética, que provocará um desequilíbrio oscilatório em sua vida celular. Se a pessoa em questão tem uma predisposição específica, está condenada sem remédio. A casa de câncer terá cobrado nova vítima.

O câncer tem seu comprimento de onda

É interessante saber se estas microvibrações, estes comprimentos de

onda infinitamente pequenos, são mensuráveis. A unidade adotada para sua medida foi batizada com o nome de Angstrom e é igual a 1/10.000 de mícron, que por sua vez, é um milésimo de milímetro. Uma célula sadia de nosso organismo tem o mesmo comprimento de onda que a cor vermelha do espectro solar, aproximadamente entre 6.200 e 700 Â. Quanto ao câncer, seu comprimento de onda é bem exato: 4.814 Â. Assim é facilmente identificável. Para denunciar uma casa de câncer bastará interrogar a memória das paredes com um aparelho medidor de Ângströms.

Tal aparelho existe, é claro, na panóplia do mais modesto físico moderno. Nos laboratórios de óptica, por exemplo, os especialistas medem correntemente em Ângströms os comprimentos de onda das microvibrações. A maioria das vezes utilizam um método chamado interferométrico ou por batimentos. Para mim, estes termos técnicos são gregos; considero que se deva ser um especialista da espectrometria para proceder a tais medições por este método. Porém o que foi dito serve ao menos para que os ignorantes como nós compreendamos que, cientificamente falando, hoje é possível conhecer - Ângströms a mais ou a menos - o comprimento de onda de uma microvibração cuja existência era inclusive negada há poucos anos. Por exemplo, a luz visível do espectro solar, do violeta ao vermelho, cobre uma faixa de comprimentos de onda que vai de 0,4 a 0,8 mícrons. No espectro invisível, os comprimentos de onda são mais curtos e, portanto, mais perigosos, como o daquele misterioso Verde negativo (contrário ao Verde positivo, visível), que é a vibração mais curta do universo, além da mais terrível; mais adiante voltaremos a nos referir a ela para explicar como pode tornar mortal a permanência em determinadas casas.

Uma vez ultrapassado o umbral de acesso ao domínio das microvibrações, em particular das cores invisíveis e visíveis, defrontamo-nos com mistérios insondáveis para nós. Mas nos resta o recurso de seguir o conselho do avestruz de Les Mariés de Ia TOUT Eiffel: "Estes, mistérios estão fora de nossa compreensão: finjamos que são obra nossa". Por exemplo, constatamos que o câncer tem

aproximadamente o mesmo comprimento de onda que o índigo, ou azul. Logo, com um pouco de imaginação e boa dose de vocação terapêutica um médico ou biólogo poderia chegar a conclusões bastante surpreendentes...

Pessoalmente pude notar muitas vezes que, nas casas convertidas em nocivas por causa das desgraças e sofrimentos de seus antigos ocupantes, determinados aposentos ou áreas eram de nocividade muito mais virulenta que o resto da casa. O doutor Maurice Graff deu-me a explicação: as radiações do câncer tinham um alcance horizontal de 1,55 metros e um alcance vertical de 55 centímetros.

Seguindo um raciocínio do mais puro absurdo, poderíamos imaginar um canceroso imóvel numa cama no centro de um aposento amplo e a uma distância de 1,55 metros ou mais das paredes. Deste modo, o ambiente não se impregnaria e as paredes não poderiam registrar nada em sua memória, com o que a casa ficaria sadia. Pelo contrário, se o infortunado sofresse por longo tempo e morresse numa cama situada num canto, este canto do aposento ficaria muito mais contaminado e, portanto, muito mais perigoso.

Tudo o que foi dito a propósito do câncer é válido também, evidentemente, para o resto das influências boas ou más com que uma casa assalta seus ocupantes. Que ser humano, adulto ou criança, não experimentou um bem-estar ou mal-estar em determinados lugares muito bem delimitados da casa onde vive? Observação trivial, dirá o leitor. Se me atrevo a fazê-la é para sublinhar a recomendação de que tenhamos sempre em mente a memória das paredes em nosso comportamento cotidiano: nossa sensibilidade mais confusa, como também nossa saúde e nossa felicidade ver-se-ão beneficiadas.

Os seres e os lugares

Tal como acontece com um ser vivo, a personalidade original de uma casa também se organiza, constrói e torna-se precisa em torno da memória.

Entre a casa e um ou vários de seus habitantes estabelece-se com freqüência uma corrente de simpatia ou de antipatia cujos efeitos são tão manifestos como nas relações entre os homens. Certos aposentos, certas casas, detestam às vezes um de seus ocupantes a ponto de prejudicá-lo por todos os meios: convertem-se para o inimigo odiado, e só para ele, em incômodas, desagradáveis, pouco acolhedoras, e chegam inclusive a provocar sua ruína, sua enfermidade, sua morte.

Vale também a recíproca. Sei de gente que, sem razão aparente, sente um ódio agressivo para com o apartamento onde vive, que não vacila em aviltar, degradar e inclusive incendiar o lugar detestado, com grave risco de comprometer seu próprio conforto e segurança.

Os cravos do ódio

Dentre minhas recordações de infância, conservo a de um cavalariço chamado Paco, que preferia dormir no estábulo, sobre a aveia, do que passar a noite no castelo, numa cama com colchão de plumas e alcatifa vermelha. Ignoro a razão pela qual detestava tanto a casa grande e mais particularmente a ala leste, onde se achavam os dormitórios da criadagem. A porta de acesso a esta parte do edifício já não tinha gonzos; ninguém se lembrava quanto tempo fazia que não era usada. Mas o batente de madeira era ainda sólido, mesmo com aparência avermelhada, corroída pelas inclemências do clima. Cada vez que Paco passava por ali, sem que pudesse evitá-lo, pregava com um martelo ou com uma pedra um cravo enferrujado no batente da porta. Golpeava a madeira com raiva, com ódio, enquanto cuspia maldições e injúrias.

- Por que pregas um cravo na porta cada vez que passas na frente dela? - perguntei-lhe um dia.

- É para dar vazão à raiva que tenho por esta maldita casa. Quisera vê-la em ruínas!

Menino ainda, não compreendia em absoluto a ira assassina que subitamente animava o simpático Paco, o amigo de meus cavalos,

contra uma casa inerte. Senti-me de imediato perplexo, intrigado, curioso, intuindo que ali havia não sei que mistério reservado exclusivamente para os adultos... Estava fascinado pelo estranho conjunto de cravos que eriçava o batente daquela porta: um rito bárbaro e cruel executado como um atentado por um palafreneiro espanhol contra uma mansão.
A poesia nunca explica nada, sobretudo se é a imaginação delirante de um menino que a interpela. Tive de esperar o desenlance do drama, o ajuste de contas, antes de chegar e entrever um lampejo da verdade. Um dia, enquanto cravava um daqueles cravos enferrujados numa cicatriz do batente, Paco martelou o indicador da mão esquerda. Quinze dias mais tarde, morreu. Tétano ou septicemia? Não sei; só tinha sete anos. Do que não tenho a menor dúvida é de que a casa vingou-se de seu verdugo. Mas quem explicará as razões de um ódio assim entre um homem e uma casa?

A casa rechaçava o intruso

O mago da região do Morvan, Jacques Rubinstein dizia-me, em sua aldeia de Meluzien que raras vezes abandona, que segundo ele mesmo pôde constatar em outros casos similares, este ódio estranho é sempre "o resultado de uma desarmonia entre vibração psíquica pessoal do habitante e a respiração do lugar". É, de certo modo, como se uma simples nota falsa pudesse acarretar a morte para o músico e o seu instrumento.
E com o objetivo de reforçar suas palavras, citou-me um exemplo tomado de sua experiência mais recente:
Uma de minhas clientes e amiga mais antiga, a senhora A. M., proprietária de uma importante herdade da Borgonha, telefonou-me um dia para me participar os estranhos incidentes que se vinham repetindo inexplicavelmente em sua propriedade, em sua casa, em seus porões. O vinho do ano amadurecia de um modo anormal, os cortes de eletricidade multiplicavam-se sem razão aparente, os eletrodomésticos recusavam-se a funcionar, os motores engasgavam,

de vez em quando caía alguma telha ou se desprendia um pedaço de calha, os silos eram inundados. Em resumo, uma série ininterrupta de pequenas catástrofes, de pequena gravidade, mas muito desagradáveis. Eu não sou como esses bruxos que vêem a mão do diabo por toda a parte; ao contrário, creio que já temos bastante fenômenos naturais na vida cotidiana para também prestar atenção nos supostamente sobrenaturais. Assim, a primeira coisa que fiz foi tranqüilizar minha amiga, explicando-lhe que incidentes como esses produziam-se diariamente num grande número de casas, que o importante era não se inquietar e que ela logo veria como tudo voltaria à sua normalidade.

Alguns dias mais tarde, a senhora A. M. dirigiu-me um autêntico SOS. Queria que eu abordasse o assunto como especialista, quer dizer, que interviesse com meios mágicos para fazer com que terminassem de vez os estranhos incidentes que se produziam com crescente freqüência em sua casa.

Respondendo ã sua chamada, visitei minha amiga com o objetivo de formar idéia exata da situação. Sua casa, a mais satisfatória que já vira, não mudara minimamente, desde minha última visita: continuava tão acolhedora e saudável como sempre. Por desgraça, uma sucessão de pequenos incidentes insólitos tornava a vida impossível para seus ocupantes. De que malefício poderia tratar-se? Depois de realizar minuciosas investigações, cheguei à conclusão de que o único elemento novo que havia na casa era um jovem criado recém-contratado. Aquele rapaz de dezoito anos, serviçal, trabalhador e educado, não fora aceito pelo lugar. As pequenas catástrofes domésticas que se produziam sem cessar manifestavam, sem dúvida, a antipatia da casa para com o intruso. Esta era a conclusão para a qual apontavam minhas investigações. Só faltava a prova palpável de que eu estava certo, prova que, ademais, não me foi difícil encontrar, graças, sobretudo, à compreensão e boa disposição da dona da casa. Com efeito, seguiu meu conselho de afastar o jovem e enviá-Io para trabalhar durante um mês em outra de suas propriedades, situada no Morvan. Imediatamente cessaram todas as manifestações, e a

situação voltou a ser normal.
No entanto, não contente com isso, ocorreu-me submeter meu diagnóstico a uma espécie de prova dos nove, consistindo em fazer voltar o rapaz a Borgonha. Antes que se passasse uma hora depois de sua chegada, a casa manifestou de novo seu mau humor. Neste caso não se tratava de ódio, mas simplesmente de descontentamento, e uma inspiração de artifícios que convertia a vida cotidiana em infernal. Rapidamente a senhora A. M. mandou de novo o moço para Morvan, onde trocou seu ofício de vinhateiro pelo de lenhador. É possível que não tivesse ganho muito com a mudança ao contrário da casa, pois conseguiu fazer-se compreender e afastar dela o ser que detestava.
Na opinião do mago de Meluzien é possível reconciliar o homem com a casa que o detesta, mas não reciprocamente. Quer dizer que se um ser humano praticar regularmente determinados exercícios psíquicos, poderá harmonizar sua vibração pessoal com a do lugar, fazer-se tolerar pela casa que o odiava; em contrapartida, nenhuma cerimônia, nenhuma planificação interior, nenhum exorcismo será capaz de transformar em simpatia - e até indiferença! - o ódio do habitante pela casa.

Nícolas e Nícolo

A 14 de junho de 1610, no mesmo momento, no exato segundo em que Henrique IV era assassinado em Paris, o castelo de Pau experimentou um traumatismo tão violento que o escudo real desprendeu-se da fachada, caiu ao solo e quebrou. Por certo que foi um sinal premonitório mais que eloqüente. Mas parece muito mais sutil ver nisto uma expressão da solidariedade afetiva que unia o bearnês à sua casa natal.
Selecionei o exemplo anterior porque é histórico e célebre. Mas existem centenas deles, como o de um grande amigo meu, já falecido, a quem chamarei Nícolas, porque vivia na Rua Nícolo. Sua casinha

com jardim datava da época em que Passy ainda era uma aldeia rural. Meu amigo adorava sua casa e esta lhe correspondia plenamente. Ali costumávamos organizar belas e deliciosas festas que os sobreviventes (se é que restam) certamente não terão esquecido. Se algum deles (ou alguma delas) ler as presentes linhas, em seus olhos brilhará sem dúvida um lampejo divertido. Mas deixemos isto de lado.
Meu amigo Nícolas viu-se um dia obrigado a vender sua casa. Digo "viu-se obrigado" para desculpar sua traição, pois na realidade cedeu à tentação do dinheiro. Seja como for, o certo é que o terreno ocupado pelo jardim era suficiente para construir um desses imóveis modernos de grande luxo e maior rentabilidade. O progresso não se detém perante nada! Melhor dizendo: há uma coisa que pode detê-lo, e é a bomba atômica, mas ninguém - nem esses loucos a quem o terror converte em razoáveis - jamais se atreverá a utilizá-la. A pior das sociedades prefere apodrecer como o pescado, antes que ser pescada com dinamite.
Nícolas abandonou Paris, presa de remorsos, e, para não assistir ao crime de lesa-civilização que ia ser perpetrado na rua Nícolo, mudou-se para a Perpignan. Por que o Perpignan? Para começar, naquele tempo esta cidade não havia sido promovida a templo fumístico-mágico por Salvador Dali. Mas, por outro lado, bebia-se ali à sombra do Castelot a melhor cerveja do mundo... Em resumo: meu pobre amigo foi para Perpignan como quem acode a um desses chamados fatídicos que não se pode rechaçar. No dia de sua chegada foi vítima de um acidente incomum, único nos anais estatísticos das companhias de seguros: ao descer do trem, na plataforma da estação, caiu-lhe em cima um homem que pesava mais de setenta quilos. Tratava-se de um operário que, enquanto limpava as vidraças, escorregou e se precipitou do alto do edifício. Em conseqüência do tremendo choque o operário quebrou o pé esquerdo, enquanto que meu amigo, que amorteceu a aterrissagem, saiu do acidente com o crânio partido. A primeira das vítimas ficou manca e obteve uma pensão da Previdência Social; a outra despertou do coma com amnésia, e morreu algumas semanas mais tarde, sem ter recuperado

a memória. Ou seja, o morador da rua Nícolo esqueceu para sempre sua condição de viúvo da casa que amava. Uma vez apagado seu passado, a recordação desaparecia ao mesmo tempo que se derrubavam as paredes que a materializaram. E, estranha coincidência, no instante em que se produzia o acidente da estação de Perpignan, na rua Nícolo, de Paris, os operários da demolição davam o primeiro golpe de picareta na fachada da casa condenada à morte. Nícolas sobreviveu uns poucos dias à sua casa...

Os monjes "corta-fogo"

Como acabamos de ver, a história de amor entre um morador e sua casa pode ter, às vezes, um final trágico. Mas, quando a relação é unicamente amistosa, de afeto mútuo, não há por que temer o drama. Neste caso, as casas têm uma "mentalidade sadia", são serviçais, compreensivas e educadoras, pois transmitem a seus sucessivos habitantes, de geração a geração, os dons e os segredos que possuem. O espírito que anima suas paredes e teto foi-lhes outorgado inicialmente por um proprietário radiante, possuidor de uma vitalidade demasiado expansiva, em uma palavra - por um imperialista! Este espírito benfeitor original é que permite dotar os sucessivos habitantes de dons ou poderes realmente surpreendentes - tanto que não me atrevo sequer a mencionar, sob minha exclusiva responsabilidade e por medo de ser taxado de impostor, alguns exemplos que só eu conheço. Ao invés disso, prefiro citar outros que não verifiquei pessoalmente, mas que me oferecem suficientes garantias de seriedade.

Assim a Trapa de Nossa Senhora das Neves, perto de Saint-Laurent, confere aos monges que a habitam o curioso dom de "cortar o fogo". Quando se declara um incêndio na região, ao invés de chamar os bombeiros, as pessoas correm a buscar um padre trapista e o fazem sentar o mais perto possível do fogo, numa cadeira. Então as chamas retrocedem e o incêndio apaga-se por si mesmo nas cinzas do que já havia devorado.

O único fracasso digno de menção produziu-se por culpa de uns camponeses pouco diligentes. Iniciado um incêndio em seu armazém de feno, estes camponeses precipitaram-se ao convento para obter os serviços de um "corta-fogo" e, sem perder tempo com explicações fúteis, fizeram-se acompanhar pelo primeiro monge em que tropeçaram, sem atender aos seus protestos. Uma vez chegados ao local do sinistro, e como o monge realmente se mostrava pouco disposto a cooperar, protestando e relutando sem cessar, não tiveram alternativa senão amarra-lo respeitosamente a uma cadeira e leva-lo o mais perto possível da fogueira. Demasiado perto, porque a sotaina do pobre cura começou a queimar como se se encontrasse no inferno. O monge guinchava como um porco ao ser degolado. Foi necessário extinguir seus gritos e o fogo à força de baldes d'água. Finalmente, enquanto o armazém acabava de ser consumido, todos prestaram atenção às suas explicações. Os camponeses, em sua pressa, confundiram uma tocha com um "corta-fogo", se me permitem a expressão. Com efeito, o monge a quem arrastaram à força ao lugar do incêndio não pertencia à Trapa, mas era um convidado que estava de passagem em Nossa Senhora das Neves. Por conseguinte, não possuía os poderes especialíssimos que o dito monastério confere a seus habitantes regulares.

O casario impõe o dom

Pode-se admitir que uma Trapa possa conferir a seus monges a virtude de "cortar o fogo", se levarmos em conta o caráter sagrado do lugar e dos personagens. Mas que uma simples casa de campo, sem nobreza nem mistério algum, transmita aos que a habitam, há quase dois séculos, um misterioso dom curativo... isto já é muito mais difícil de crer!

Não obstante, semelhante casa existe realmente em Sauve-Plantade, aldeola situada a dois quilômetros de Vogüê, departamento de Ardêche. Um honesto e curioso jornalista, Marcel Sauvage, descobriu-a cinco ou seis anos antes da guerra, por ocasião de um giro que

realizou com vistas a recolher informação para uma reportagem. Sauvage afirmou então que aquele casario "impunha o dom" aos habitantes, fazendo-os - sem que o soubessem - curandeiros infalíveis para certos males: "a icterícia, dor de dentes, verrugas, unheiro, dor nas articulações e ciática". E o mais curioso é que não se tratava de um poder hereditário, de um segredo que se transmitia de pais para filhos, ou de mestre a discípulo, como sói suceder no campo. Não, neste caso os ocupantes sucessivos do casario não se conheciam nem tinham entre si o menor vínculo de sangue. Está claro, pois, que a casa em questão (e só ela) insuflava a quem a habitava, talvez por simples amizade, o poder de curar, cujo segredo sua memória registrou muito tempo atrás, inspirando-lhe por isso a idéia de utilizá-lo.

Localização de água

Outro exemplo de casa benfeitora para o homem encontramos na que é habitada pelo pároco de Saint-Jean-de-Lapinasse, que possui a curiosa especialidade de "impor o dom" de localizar água. Com efeito, o cura que vive nela não necessita nem de varinha mágica nem de pêndulo para descobrir a localização das camadas de água subterrâneas.

O mérito cabe, em sua totalidade, ao padre Faramelle. Este digno sacerdote, durante os vinte e cinco anos que esteve em Saint-Jean, localizou 10.275 fontes de água potável seguindo o método simples de assinalá-las com a ponta metálica de seu guarda-chuva e indicando com um erro máximo de um centímetro a que profundidade encontrava-se o lençol. Tais fatos tiveram lugar no século passado, e a memória daquelas paredes viu-se profundamente marcada pela sensibilidade radiestésica do pároco Faramelle, até o extremo de que, desde então, a casa "impõe" o dom de localizar água a todos os curas que a habitam.

Depois de tão edificante história, só posso fazer uma discreta alusão ao Palácio da Justiça de Aurillac, que "impõe" a seu zelador, segundo

reza antiqüíssima tradição, o dom de destilar licores mágicos. Abstenho-me de precisar que classe de licores mágicos são e a que uso são destinados em algumas ocasiões.

Feng-Shui obrigatório

Os chineses, antes do reinado de Mao Tsé-Tung, concediam grande importância ã saúde das casas. No que concerne a esta higiene muito particular, eram muito mais refinados e estavam muito mais avançados que nós, hoje, no Ocidente. Assim, antes de começar a construção de uma casa, nunca deixavam de consultar o especialista em Feng-Shui, que era uma espécie de geofísico, meio bruxo, meio funcionário público, encarregado de verificar se emanava alguma radiação maléfica do solo ou do subsolo do lugar escolhido. A permissão para construir só se concedia quando o exame geofísico não revelava nenhum perigo e era rigorosamente proibido erguer uma casa sobre as veias do dragão, quer dizer, sobre uma corrente de água subterrânea, por mais profunda que fosse.
Os prefeitos da República Francesa são menos sábios e menos prudentes que os mandarins do Império Celeste. Que lástima! Porque não há a menor dúvida de que haveria cinqüenta por cento a menos de enfermos - e, por conseguinte, a Previdência Social não se acharia à beira da bancarrota - se entre nós também não se pudesse construir casa nenhuma sem contar com o visto favorável de um especialista em Feng-Shui. Bastaria criar um corpo de funcionários públicos radiestesistas, contratados para descobrir as correntes telúricas, e obrigar os arquitetos a consultarem-nos antes de executar qualquer obra, sequer a nível de projeto. Deste modo seria impossível construir (como agora se faz todo dia) prisões mortais para inocentes, casas que são fontes de doenças, conjuntos habitacionais depressivos, casas de campo causadoras de esgotamento, enfim, residências ultra-modernas, confortáveis, higiênicas... Por outro lado, o Feng-Shui

detectaria aqueles imóveis já construídos nos quais a radiação maléfica compromete a saúde de seus habitantes, e os serviços de higiene municipais - que demonstram sua eficácia ao evacuar e sanear os velhos bairros insalubres - poderiam empregar estes engenheiros de uma nova técnica, a do Feng-Shui, para neutralizar as radiações malsãs e purificar as casas perigosas, eliminando delas todas as ondas nocivas.
Mas os poderes públicos limitam-se a propiciar a construção de imóveis-colméias, estábulos para proletários, e a Assistência Social - ou seja, socialista - dos governos só se interessa por garantir que essas casas sejam construídas em lugares, com materiais, num estilo e meio ambiente que garantam a seus habitantes a simples possibilidade de sobreviver.
Assim, pois, o que se teria de fazer seria compreender de uma vez por todas que não há nada tão perigoso para o homem como uma casa, nada tão importante, tão determinante para o equilíbrio e o porvir daqueles que a habitam como o fato de que esta goze de boa saúde. Para que pode servir um ministério como o chamado do Meio Ambiente, se não é antes de mais nada para adotar todas as medidas úteis que permitam evitar que os seres humanos - chamem-se funcionários públicos, contribuintes ou cidadãos - arrisquem sua saúde, sua felicidade e inclusive sua vida quando instalam seu lar sob um teto desconhecido para eles?
O progresso social, o autêntico progresso social, consistiria em tornar o Feng-Shui obrigatório na França. Mas, indubitavelmente, para ver isto realizado será preciso esperar que a imaginação tome o poder. O que não acontecerá amanhã', como é fácil compreender.

O inventor da "terra batida"

Prestemos de novo atenção aos inteligentes chineses, que desconfiavam da memória das paredes e tinham seus métodos tradicionais para se proteger dela. Por exemplo: quando se cometia um crime de sangue numa casa, antes de permitir a seus habitantes

que voltassem a entrar nela, os policiais davam-se ao trabalho de expulsar as más recordações a golpes de bastão. Estes zelosos funcionários golpeavam com porretes as paredes, o piso, as vigas, o teto e inclusive o chão de terra nas choças rurais (daí a expressão "terra batida"), até que o lugar se esquecesse por completo do motivo da correção que se lhe infligia. Assim o espírito maligno era expulso ao mesmo tempo que a lembrança do acontecido, com o que os homens podiam voltar a desfrutar da felicidade no interior daquela casa.
Evidentemente, na França nunca se poderá convencer aos oficiais da polícia judicial, nem sequer a de trânsito, sobre como é útil fazer essa limpeza do local de um crime a bastonadas. Até os virtuoses do cassetete (os urbanos) achariam indigno de seu talento dedicar-se a golpear paredes. Estas, para a polícia, às vezes podem ter ouvidos, mas memória, nunca.
Tanto pior para as futuras vítimas!

As "casas com história"

Como fica demonstrado com a simples leitura das crônicas dos jornais, toda casa onde se comete um crime costuma ter um histórico desagradável; sua ficha judicial não é virgem, se me permitem a expressão. Sua memória está carregada, tal como sua consciência, o que faz com que as radiações destas recordações, reverberadas pelas paredes, engendrem novos crimes, e assim por diante. Não seria melhor, mais prudente, achar um meio de converter as casas em amnésicas, como fazem os chineses?
O noticiário e as tragédias gregas compartilham da mesma trama argumental e moral da história. Quando escuto Hipólito gritar, no palácio cheirando a crime e incesto, que "alguns crimes precedem sempre aos grandes crimes", não consigo afastar o pensamento das vítimas das mortes violentas que a cada dia ocupam as páginas da imprensa. Esses desventurados acabam na mesa do médico legista talvez porque sua casa, remota ou recentemente, e quiçá sem que o

saibam, tenha sido testemunha de um primeiro crime, passou a gostar de sangue e chocou pacientemente o ovo de mais um assassinato! As paredes têm a mesma memória sensual que os tigres: quando comeram carne humana uma vez, ficam perigosos para o resto de sua vida. Por conseguinte, parece muito mais prudente abatê-los que procurar domesticá-los.

No caso das paredes cuja memória foi traumatizada por violências excepcionais, a melhor solução é arrasá-las e espalhar sal no lugar onde se erguiam. Esta, dizem, era a sorte reservada à famosa granja de Cestas, onde um louco sangüinário, assediado pelos policiais, adquiriu celebridade nacional quando decidiu matar seus dois filhos antes de se suicidar.

Desde logo, executou-se a destruição, mas parece que se deveu não tanto a uma medida de higiene, para evitar que outro drama algum dia se desencadeasse no mesmo lugar e sob a influência da recordação do primeiro, mas a um esforço rudimentar para cortar pela raiz a interminável procissão de curiosos que acorriam para contemplar o sinistro espetáculo do local do crime.

Por razões que não consigo compreender existem também casas que carecem de memória. A elas recorrem os incrédulos, para justificar suas objeções. Como se pode crer, dizem eles, que determinadas paredes conservem a recordação dos mínimos acontecimentos da vida; quando tantas outras permanecem invulneráveis aos ambientes mais traumatizantes? E a seguir todos acrescentam uma lista de bons (ou supostamente bons) exemplos da insensibilidade dos lugares.

De qualquer modo, as exceções não bastam para invalidar a regra. Numerosas e sistemáticas observações provaram que crimes e dramas produzem-se em série numa mesma casa e a intervalos regulares, como se fossem provocados por uma misteriosa influência emanada das paredes.

Como é possível, por exemplo, não se ver afetado pela sucessão de eventos trágicos que tiveram por cenário determinada casa de Orgerus? Um industrial parisiense passava todos os seus fins de semana na dita casa, mas nunca estava nela o resto da semana. A

casa de campo, elegante e confortável, não tinha para ele senão recordações penosas: ali se suicidara seu pai e morrera sua mãe, em circunstâncias particularmente dolorosas, à parte outros infortúnios que alongariam desnecessariamente a lista de desgostos e demais contrariedades de menor importância. Seja lá como for, o certo é que apesar de tudo o proprietário não se decidia a vender esta propriedade familiar, e sua teimosia custou-lhe a vida. Um dia no meio da semana permitiu-se o capricho de ir à casa de Orgerus. Ao chegar, surpreendeu um par de ladrõezinhos que estavam a vasculhar a casa, sem desconfiar de que alguém os surpreenderia. Surpreendidos por esta chegada imprevista, os dois jovens perderam o sangue-frio e cobriram sua retirada a tiros de revólver. Um dos disparos atingiu mortalmente o industrial, que caiu fulminado no exato lugar onde seu pai tirara a própria vida alguns anos antes. As paredes demonstraram ter boa memória!

Cravar o sofrimento

Mas não só os crimes, as torturas, as violências impregnam os lugares, mas também os sofrimentos físicos ou morais quando são intensos e prolongados. Em tais casos, dir-se-ia que as paredes são feitas com materiais absorventes, pois absorvem - como um mata-borrão - a tinta negra das dores humanas, aliviando assim em parte a quem delas padece.

Tanto isto é certo que, em muitas aldeias - especialmente na Normandia, na região de Domfront -, os campesinos têm o costume de colocar um cravo na parede na altura da parte do corpo que lhes dói, de forma que o mal, atraído pelo cravo como o raio pelo para-raios, abandona-os, para se perder nas entranhas da parede. E ali permanecerá até que a reverberação, de um modo misterioso, trans-mita o sofrimento dos habitantes de hoje aos de amanhã.

Conforme as casas que se encontra de passagem, costuma apresentar-se a oportunidade de ter experiências pessoais deste tipo - contra a nossa vontade, diga-se de passagem. Pátina ou tinta

invisível, sobre as paredes foram-se depositando os sofrimentos experimentados pelos que estiveram ali antes de nós. E assim, por vezes, percebemos em tais lugares uma sensação de angústia pesada, espessa, que se poderia cortar com uma faca. Desenganos amorosos ocorridos há um século revelam-se fortes o suficiente para perturbar o ambiente atual de uma casa. Rescaldos de ódios familiares perdidos no tempo reavivam-se de pronto sob as cinzas acumuladas durante dezenas de lustros, produzindo queimaduras ainda hoje. Neves que, qual chamas de antanho, só se perderam simbolicamente para o poeta, persistem para os habitantes das casas, criam o ambiente propício, determinam a felicidade ou o infortúnio de quem vive nelas com os despojos sentimentais dos mortos. Trata-se, se bem que com menor gravidade, do mesmo contágio diferido (como já vimos em capítulo anterior) que tantos estragos ocasionava nas "casas de câncer".

Não toquem nos "castelos"!

Este fenômeno que observamos "em tamanho natural" para as casas também pode ser estudado mais de perto, e mais comodamente, quando o encontramos funcionando "em miniatura" num simples amontoado de pedras. Digo isto pensando naquelas minúsculas pirâmides de pedrinhas brancas que se costuma encontrar ao pé das árvores, no meio do campo, nos arredores de Bagnoles-de-l'Orne e mais particularmente para os lados da capela de Saint-Orthaire. Estes pequenos "castelos" não foram construídos por meninos brincando de faraós, nem tampouco são obra da natureza ou do acaso.

São os estranhos depósitos do sofrimento humano, as litíases de recordações dolorosas, as rosas do deserto que por vezes servem, a um tempo, de memória e recordação de quantos vão fazer uma estação de águas em Bagnoles-de-l'Orne. A coisa é divertida. Os reumáticos que têm pressa em se desembaraçar de sua enfermidade transferem-na a uma série de pedras que vão depositando ao pé de uma árvore, em campo aberto; quando a pirâmide está terminada, e a

pedra angular colocada, podem considerar-se curados. A operação de "carga" das pedras realiza-se de modo clássico, por radiação e absorção: ao longo de toda uma noite (ou várias) o enfermo dorme com a pedra junto à parte de seu corpo que quer livrar do sofrimento. Durante este tempo, a memória da pedra atua, registra o mal, de sorte que este permanecerá prisioneiro nela enquanto não aparecer um imprudente que se exponha à reverberação, quer se colocando no campo magnético da pequena pirâmide, quer tocando as pedras que a compõem. Quer dizer que esses "castelos", como os chamam a gente da região, apresentam um duplo perigo: de um lado como conseqüência das ondas de forma que emitem, e, por outro, como conseqüência das recordações contagiosas, que sua memória restitui. Assim que os meninos da região atingem idade para correr sozinhos pelo campo, seus pais e mestres repetem-lhes com insistência: "Sobretudo, não toquem nos castelos! Sob pretexto algum!”
Mas de que se lembram as casas, de preferência?
Claro que dos maus-tratos, dos sentimentos mesquinhos, das cenas violentas, dos dramas; os crimes são o que marcam mais profundamente a sua memória. Esta é a razão principal para que existam tão poucas "casas benéficas", quer dizer, aquelas que influem felizmente em seus habitantes. Resulta evidente que a bondade ou a santidade precisam ter-se manifestado de modo realmente espetacular para que as paredes a recordem. Por isso se faz tão difícil encontrar na vida comum, outras casas que não sejam as neutras, indiferentes, inofensivas, ou as francamente maléficas. Graças a Deus, as primeiras são muito mais abundantes que as segundas!

Remanências

Sabemos que o malefício tem sua origem, com freqüência, na memória das paredes. Mas convém acrescentar algo mais preciso: a memória das paredes também registra, às vezes, outras coisas distintas dos acontecimentos vividos. Por exemplo: a malevolência, a indiferença ou a ignorância levam-nos, ocasionalmente, a lhes

oferecer carniça cuja remanência envenena-las-á para sempre.
Esta razão torna altamente desaconselháveis os locais de antigos matadouros ou cemitérios para construir neles residências. A decomposição dos cadáveres, animais ou humanos, impregna sempre a terra de miasmas tão sutis quão duradouros, tão invisíveis quão venenosos, e que são incompatíveis com a segurança do lar.
Por vezes os cadáveres atuam como suporte mágico para maldições mais precisas e deliberadas. Nestes casos, a memória "local" é de certo modo violada pela presença na casa (imposta às costas de todos) de um objeto ou larva maleficamente carregada, *ex professo*, para prejudicar seus habitantes: pode ser o cadáver de um cachorro, de um gato, uma ave ou mesmo um natimorto que um mago tenha impregnado de radiações nocivas e que tenha sido enterrado secretamente no porão ou sob o umbral da porta.
As ondas maléficas podem ser absolutamente abstratas; assim, aquelas que prejudicarão qualquer casa construída no local de uma prisão, campo de concentração ou qualquer outro onde um grande número de seres humanos privados de liberdade sofreram e perderam toda a esperança. Os eflúvios afetivos, a bruma sentimental que emana de tais infernos abandonados, de tais cenários de dor, é capaz de perturbar gravemente o clima moral de quem ali se instalar posteriormente.
Concluindo, pode-se afirmar que, em todos os casos a que acabamos de nos referir, a enfermidade, o infortúnio e a desgraça alimentar-se-ão de todas as famílias que, sem tomar nenhuma precaução prévia, cometam a imprudência de se instalar em ditos lugares.

Quatro casos dignos de atenção

As casas maléficas por causa de sua memória são muito abundantes, tanto na história, quanto na lenda. A geografia do pitoresco está cheia delas, até o extremo de qualquer aficcionado ver satisfeita sua curiosidade só com um relance. De minha parte, nada mais longe de meu propósito que corrigir agora um trabalho tão bem executado por

outros (historiadores, eruditos, compiladores, cartógrafos, agências de viagem...) e cujos resultados estão consignados em mais de um milhar de volumes que são lidos com verdadeira paixão. Só direi que, com respeito à França, nesses volumes há matéria suficiente para manter ocupada toda a vida de um investigador do maravilhoso ou de um turista crédulo. Creio que com isto, quase tudo já foi dito.
Mas não posso resistir à tentação de oferecer, do modo mais sumário possível, algumas referências atuais que não pretendem ser outra coisa que simples pistas para os investigadores céticos e interessados em verificar a teoria por meio da prática.

1. A casa de campo de Landru, em Gambais. É a mais simples das investigações. Basta estabelecer a lista dos sucessivos habitantes da casa nos últimos quarenta e cinco anos, indagando, ademais, o que aconteceu a cada um deles. O resultado será, no mínimo, edificante. Por hora, parece-me oportuno simular ignorância, pois poderíamos desanimar algum possível candidato a inquilino que fosse supersticioso.

2. Rua Montreuil, em Versalhes. Por discrição, omito o número da casa, mesmo que para os curiosos não seja difícil deparar com ela. Dentre os proprietários do imóvel, sete, um depois do outro, foram vítimas do malefício, conjugal e financeiramente. Quanto aos inquilinos, para eles a desgraça também parece ser fiel ao que foi dito.

3. Em Montfort-sur-Argens (Var) ergue-se a casa que outrora albergou uma comunidade de templários e que recentemente foi restaurada. É um edifício cheio de recordações, boas e más, onde a "reverberação" deixa-se sentir, particularmente no *occultum.* Antes de sua reconstrução, as torres eram cenário de curioso fenômeno: nos aposentos superiores dessas torres - cujos pisos de madeira estavam carcomidos, o teto arruinado e as janelas, abertas - o vento, a chuva e os pássaros entravam livremente. Mas, enquanto que na torre oeste os passarinhos sentiam-se felizes e se aninhavam no interior, na torre

do leste nunca entravam ou, se por distração o faziam, não saíam vivos dali; parecia que uma poderosa radiação privava-os do sentido de orientação, e, enlouquecidos, acabavam quebrando a cabeça contra as paredes. O piso daqueles aposentos estava sempre cheio de pássaros mortos, deitados de barriga para cima e com as patas cruzadas. O mistério continua, sem ser esclarecido.

4. Henri Philippon - homem de prol, com classe e conhecimento - falou-me certa ocasião de uma casa de sua terra (em Marcilhac, perto de Lamothe-Fénelon) que chamam "casa dos ingleses". Suas palavras ocultavam uma certa reticência, mas... Trata-se de um casarão da época da Guerra dos Cem Anos, quando da ocupação inglesa de Guyenne, que goza da infausta reputação (ao que parece, justificada) de trazer a desgraça a seus habitantes. Em sua fachada aparecem esculpidas duas pequenas máscaras solares que poderiam ser os condensadores do malefício. Cronologicamente, a última de suas vítimas foi um ferroviário de cinqüenta e cinco anos, chamado Jardel. O homem havia alugado ou comprado a "casa dos ingleses" com o propósito de viver em paz os últimos anos de sua vida. No mesmo dia de sua chegada caiu parte do teto e sepultou o novo inquilino. Jardel viera com sua filha, mas tampouco ela pôde habitar muito tempo na casa. Morreu tragicamente ao ser atacada por um bode furioso que lhe partiu a coluna vertebral. Seria interessante retroceder na memória destas paredes para buscar a origem da maldição que, através de tantos séculos, finalmente caiu sobre um inocente ferroviário aposentado.

Os casos antecedentes - e muitos outros, é claro - merecem ser estudados, observados, verificados. Os detetives do mistério têm material suficiente para não se entediar.

6. PRECAUÇÕES E REMÉDIOS

Quando uma obra está no ápice da intensidade, de proporções, de qualidade de execução, produz-se um fenômeno espacial indizível: o

conjunto começa a irradiar fisicamente. É algo que pertence ao domínio do inefável.
Edouard Le Corbusier

Certamente são em grande número as pessoas sensatas que negam, com serena firmeza, sem inquietude nem reticência, a possibilidade de que existam casas maléficas. Os tapa-olhos da razão impedem-nos de ver a evidência irracional que brilha de um e outro lado de seu campo de visão. Mesmo quando são pessoalmente vítimas de uma casa que lhes acarrete desgraças, que as faça ficar doentes ou as consuma a fogo lento, essas pessoas continuarão afirmando imperturbavelmente que semelhante malefício é impossível!
Tanto pior para elas! De minha parte, renuncio desde já a convencê-las. Porém, para não me sentir culpado do delito de não prestar assistência a quem se acha em perigo, dedico-lhes especialmente este capítulo, que trata das precauções que devem ser adotadas antes de construir ou habitar uma casa e também dos remédios que devem ser aplicados quando por desgraça vive-se numa casa maléfica.

Camada de chumbo e malha de cobre

Antes de comprar uma casa é de grande utilidade saber com exatidão sua composição. Com efeito, já sabemos que os terrenos permeáveis, dielétricos (quer dizer, compostos de areias, cascalhos, grés etc.) são preferíveis aos solos impermeáveis (quer dizer, argilas, margas, gretas etc.). O exame geológico deixará claro este ponto importante.
Depois é preciso consultar um radiestesista para saber se alguma corrente nociva atravessa o terreno, quer na superfície, quer subterraneamente. No caso afirmativo, o passo seguinte será precisar a origem e a causa de tal radiação: presença de um elemento radiativo no subsolo, curso de água subterrâneo, falha geológica, caverna ou galeria ionizada etc.
Se as conclusões do radiestesista e do geólogo concordarem em

considerar o terreno insalubre ou maléfico, o mais inteligente é renunciar ao projeto de erguer uma casa naquele local.
Mas, se em nenhum dos dois informes aparecer o menor traço de contra-indicação ou se os sintomas de nocividade descobertos forem débeis, isto não deverá em absoluto induzir a cometer o erro de considerar que já não há por que se preocupar. Nem sequer será então demais adotar, no decurso da construção, determinadas precauções que permitam proteger-se contra a possível aparição ou recorrência de alguma corrente telúrica perturbadora.
O importante sempre é estabelecer uma tela protetora eficaz entre o lugar onde se habita e a fonte real ou eventual das radiações nocivas. Para tanto, o melhor sistema consiste em estender uma camada de chumbo por debaixo dos alicerces da casa, com o que se obtém um isolamento perfeito. Claro que, com isto, o orçamento da obra aumentará um pouco. Para economizar, pode-se recorrer a um substituto, colocando uma folha de papel encerado só no lugar das camas; assim, pelo menos, a proteção do adormecido (situação na qual a pessoa é mais vulnerável do que desperta) estará garantida na futura casa.
Entretanto, este sistema protetor sofre de um defeito bastante grave e que é que, a longo prazo, depois de muitos anos de uso, o chumbo acaba saturado de radiações nocivas e não constitui mais uma tela protetora; ao contrário: transforma-se em verdadeiro acumulador de nocividade, cuja virulência inclusive aumenta à medida que se descarrega.
Para evitar este inconveniente, meu arquiteto aconselha aplicar sobre o solo uma ligeira camada de cimento na qual se mistura previamente um pouco de enxofre, cal e carvão vegetal.
Se se quiser uma garantia adicional de proteção, pode-se colocar na camada de cimento uma trama de cobre eletrolítico, que fará as vezes de antena; mas não se esqueça de que, no extremo norte da malha, deve-se deixar um cabo solto para que atue como fio de terra. Destarte, o pavimento de chumbo não se saturará nunca, posto que as radiações nocivas, em lugar de serem absorvidas por ele, serão

imediatamente devolvidas à terra.

Uma balsa de azeite virgem

A precaução que acabo de recomendar resulta útil em todos os casos, inclusive para os mestres de obra que não crêem na realidade das radiações nocivas suscetíveis de perturbar o ambiente de uma casa. De fato, uma rede de fios de cobre com aterramento estendida ao longo das paredes ou debaixo do piso servirá, no mínimo, para descarregar a eletricidade estática que se forma nas colméias de concreto de hoje, por abrigar uma multidão de fam11ias e que são as responsáveis por quase todos os males que abatem os infortunados ocupantes de semelhantes gaiolas de Faraday.
E ainda existe outra vantagem não menos importante: a rede de fios de cobre, incorporada às paredes e pisos, impede (segundo parece) que a umidade ascenda, por capilaridade, do solo para a casa.
Não tomar estas precauções mínimas é, francamente, um ato criminoso. Todo arquiteto consciente de sua responsabilidade deveria adotá-las. E, se se nega - por desafio, ceticismo, leviandade ou avareza -, dever-se-ia aplicar-lhe a sanção que reclamava Fernand Pouillon contra seus colegas culpados de "produzir a fealdade": condená-los a viver durante vinte anos naquilo que eles mesmos construíram. Então veríamos em que estado se encontrariam quando houvesse expirado sua pena!
Agora que cumpri com meu dever, quer dizer, que já recomendei os melhores remédios oferecidos pelos profissionais da construção, eis qual é meu conselho que, está claro, não é o de um ourives; vou explicar o que faria eu, para mim, se fosse milionário e quisesse proteger meu palácio contra todo ataque, por mais fraco que fosse, das radiações nocivas: eu o construiria flutuando em meio a uma balsa de azeite de oliva virgem que tivesse uma profundidade de sessenta centímetros.

Não ter televisão de frente

Para não ser parcial, devo mencionar com absoluta sinceridade que, dentre as causas das nocividades suscetíveis de perturbar os habitantes de uma casa, a corrente elétrica de 220 Volts não é das menos perigosas.
Nos modernos imóveis de concreto armado acontece com freqüência que essa corrente produza radiações magnéticas perpendiculares ao circuito não protegido por um tubo blindado, e particularmente nas tomadas onde não haja nenhum aparelho ligado.
Muitos casos de insônia são provocados por simples fios elétricos, ou mais comumente por tomadas situadas na cabeceira da cama e que irradiam ondas estacionárias cuja nocividade é completamente ignorada. Mas a insônia não é a conseqüência mais grave que pode ser acarretada pela corrente de 220 Volts que passa por dentro das paredes de concreto. A freqüência vibratória do campo eletromagnético assim criado pode alterar seriamente a saúde dos moradores, provocando em particular depressões nervosas. Os animais domésticos que vivem no apartamento também serão afetados.
Por fim, é preciso assinalar que o tubo catódico dos aparelhos de televisão emite, quando funciona, raios alfa, beta e gama que podem ser perigosos para os espectadores, em especial mulheres grávidas. É fácil, pois, deduzir a importância do seguinte conselho: não se coloque nunca frente à tela da televisão; sente-se em posição oblíqua, fora de seu campo de ação máxima.
Alguns televisores estão equipados com camadas protetoras de chumbo, que eliminam os raios alfa ê beta; mas os raios gama trespassam qualquer proteção e não só cansam a vista perigosamente, mas também podem prejudicar o estado geral de saúde.
Para proteger contra esta forma de perturbação ultra-moderna, cujo vetor é a corrente de 220 Volts, existe um dispositivo muito simples - chamado "aspira-ondas" - e que só requer ser colocado sobre o relógio da eletricidade. Trata-se de um emissor de "ondas de forma"

magnéticas que se propagam através de todo o circuito pelos isolantes dos fios bipolares e que neutralizam, por compensação, as radiações perpendiculares ao circuito não protegido por um tubo blindado. Esta emissão magnética, de forma, propaga-se tanto com o relógio aberto quanto com o relógio fechado.

Finalmente, não quero concluir este tópico sem sublinhar que só a corrente de 220 Volts é nociva e, com toda a probabilidade, cancerosa. A de 110 Volts não participa de tais inconvenientes. Deve surpreender-nos o fato de que seja precisamente a corrente da voltagem perigosa a mais utilizada?

Materiais nobres e ignóbeis

É evidente que os materiais utilizados têm muita importância. Uma casa erguida num terreno malsão proteger-se-á melhor do malefício se for construída com pedra ou madeira. Se o terreno for sadio e não tiver o menor sinal de telurismo, um imóvel de concreto armado não permanecerá muito tempo sem se deixar influenciar por qualquer circunstância que lhe permita manifestar sua nocividade inata em relação a seus habitantes.

Os materiais nobres, aqueles que nossos antepassados empregavam costumeiramente, quase já não se usam hoje em dia. Razões? São demasiado caros e escasseia a mão-de-obra que sabe trabalha-los. Por conseguinte, a técnica moderna substituiu a pedra e a madeira por materiais sintéticos, mais fáceis de montar, mais sólidos e menos custosos.

Praticamente o único sobrevivente é o ladrilho. Este velho amigo do pobre - que foi promovido à categoria de material nobre durante um determinado século da história, sobretudo por seu amoroso casamento com a pedra talhada - não é por si só insalubre ou maléfico, mas respeita e protege o morador. É um material modesto, carente de beleza, mas que merece ser aceito com simpatia.

Quanto à madeira, em nossos dias só é utilizada como elemento decorativo (vigas falsas etc.) ou em painéis pré-fabricados (para

chalés, abrigos provisórios etc.). Por outro lado, nem todas as madeiras são nobres: o abeto e a azinheira, por exemplo, não merecem de modo algum a mesma consideração. Mas é também preciso ter bem presente um fato histórico: todos os materiais nobres utilizados pela arquitetura nas épocas civilizadas (tanto a madeira como a pedra) levavam a marca de sua origem e das condições nas quais foram separadas de seu ambiente natural.

Pedras angulares e madeiras lunares

Determinadas pedreiras e determinados bosques eram colônias divinas, reservas milagrosas, e extrair a pedra ou talhar uma árvore nelas era algo que às vezes se realizava sob controle mágico ou religioso. Neste sentido, merecem especial atenção as pedras angulares, que ainda permanecem em seu lugar em tantas igrejas, abadias, catedrais românicas e góticas, e que eram talhadas por artesões iniciados e fortemente "carregados" por clérigos possuidores da autoridade e do segredo. A irradiação dessas pedras angulares interessa ao edifício em seu conjunto e provoca, ainda hoje, cotidianamente, interferências fulminantes na alma dos que se colocam ao seu alcance (Exemplo: o flechaço da Graça que um dia atingiu Paul Claudel em Notre-Dame de Paris). Por outro lado, as figuras de proa de alguns navios, determinadas estátuas e certos patíbulos foram esculpidos com cinzéis mágicos, em madeiras de árvores talhadas de acordo com ritos misteriosos e durante a época do ano estabelecida pelos conhecedores. Assim, não há nada de estranho em que os objetos talhados segundo estes métodos continuem desempenhando sua função sem desfalecimento, enquanto o fogo não os reduzir a cinzas.
Georges Blond conta, em sua *Histoire de Ia Flibuste*, que, por causa do incêndio que devastou New Orleans em 1794, um decreto do governo espanhol prescreveu que todas as casas destruídas seriam reconstruídas com "ladrilhos engessados" (o melhor material conhecido então contra a umidade) e que não se poderia empregar

qualquer madeira para a carpintaria, sendo a única autorizada a de ciprestes cortados durante a lua nova. "Detalhe risível - escreve Georges Blond -, que sem dúvida nos leva a constatar uma realidade indiscutível: todas estas casas ficaram de pé até nossos dias, sem redução alguma de sua solidez, em clima subtropical quente e úmido, e, como se não bastasse isso, resistindo a numerosíssimos furacões."
Os materiais empregados pelos arquitetos modernos talvez estejam também sob a influência da lua nova, o que sem dúvida os faz mais sólido; mas nem por isso são benéficos. De fato, o cimento (armado ou não) e aquela abominável amálgama de escória metálica e cimento constituem, para a humanidade, ameaça muito mais grave que a bomba atômica, pois pouco a pouco vão cobrindo a superfície da Terra, como uma inundação nefasta. Causa-me pena pensar nesses povos desgraçados, desenvolvidos ou subdesenvolvidos, para os quais o "progresso social" traduz-se na obrigação de viver nessas abomináveis prisões, que arruínam a saúde do corpo e o equilíbrio do espírito.

A diabólica idéia das minas de carvão francesas

A condenação, sem apelação possível, de todos esses materiais fáceis e econômicos com que se fazem as construções de hoje, sem prazer e sem arte, os chamados "conjuntos habitacionais", devemos estendê-la a todos os materiais sintéticos, a todos os elementos pré-fabricados que permitem que os edifícios surjam como cogumelos depois de um aguaceiro.
Os infortunados que vivem imersos no cimento e perpianho compensam inconscientemente a sua desgraça rodeando-se de móveis e objetos fabricados com materiais naturais: mesa de madeira, cadeira de vime, prato de argila cozida. Por vezes, sua sobrevivência deve-se tão-só a um gerânio ou a um ramo de violetas.
Mas o certo é que, como diz Fernand Pouillon (que é um arquiteto inteligente, clarividente, atento ao porvir e que só necessitaria, para ser completo, encontrar alguém que se desse ao trabalho de "iniciá-

lo"): "Antes de dez anos, o aço, o alumínio e as matérias plásticas terão substituído todos os outros materiais de construção".
Que se pode fazer! Será preciso compor o ambiente de segurança indispensável ao morador com estes novos materiais!
A Empresa Nacional das minas francesas teve, não faz muito tempo, a diabólica idéia de presentear - em não sei qual das muitas exposições que são organizadas sobre estes temas - uma casa construída e mobiliada exclusivamente com materiais sintéticos: do sótão ao porão, dos alicerces à cumeeira, do maior móvel ao menor adorno, portas e portinholas, da alfombra à panela, tudo, absolutamente tudo fora fabricado, graças aos milagres da química, com subprodutos da hulha.
"Claro que - concluía o jovem arquiteto que se referia a esta insólita experiência - semelhante tipo de casa nunca foi habitada; e não creio que algum dia poderia sê-lo. Parece-me impossível que um ser humano sobreviva em casas construídas com materiais sintéticos, sem ter à sua disposição algum móvel, algum utensílio, algum objeto fabricado com material natural. Este ser sucumbiria, em prazo muito curto, à morte (ou à loucura). A experiência, todavia, ainda não foi feita; se algum dia se levar a cabo, o resultado não oferece a menor dúvida. Pessoalmente, eu não gostaria de servir de cobaia..."

A casa macia está perto

No entanto, tão manifesta repugnância pelos materiais sintéticos não impedia o anônimo e jovem arquiteto de ter idéias e projetos singularmente audazes para nosso tempo. Para ele, a casa ideal do futuro deverá ser uma espécie de organismo vivo e plástico, que se adapte segundo a conjuntura e se modifique no tempo e no espaço.
"Trata-se, em resumo - explicava ele -, de que a arquitetura encontre o equivalente ao que os decoradores italianos inventaram para o mobiliário: um assento que carece de forma própria, mas que se adapta a todas as posições adotadas pelo usuário quando se senta ou se recosta nele. É uma espécie de saco de couro, macio, amorfo e cheio de pedaços de poliéster, que verdadeiramente constitui um

objeto a serviço do corpo humano, apenas funcional e, portanto, desprovido de estilo, forma ou personalidade. Pois bem, o ideal seria encontrar o meio de fabricar uma casa macia, plástica, que também fosse unicamente funcional e estivesse só a serviço do morador, sem estilo, sem arquitetura. Semelhante casa seria o que o homem fizesse dela, a seu gosto, à sua imagem, para sua comodidade!"
Claro que ainda estamos longe de ver realizado este sonho futurista. Por hora, limitemo-nos a procurar que nossa felicidade e nossa segurança ajustem-se o máximo possível a casas que sejam saudáveis, não só no sentido higiênico, mas também, sobretudo, no sentido de que não se vejam influenciadas pelas radiações nocivas e malefícios invisíveis.
O ideal seria construir um verdadeiro "mandala" no qual o morador pudesse realizar seu destino e sua personalidade. O filósofo psicanalista C. G. Jung tentou-o, na Suíça. Com amor. Mas, apesar de retoques anuais, fracassou. Por que? O grande talento de Jung pecou por falta de iniciativa...
A fórmula, entretanto, é bem simples. Para todos quantos se sintam tentados pela aventura, recordarei quais são os quatro elementos essenciais do "mandala": (1) um círculo mágico de proteção; (2) uma divisão em quadrados; (3) um núcleo central de luz branca; (4) um movimento circular.
Para bom entendedor...

Exclusivo para os engenhosos

Se você se esqueceu, no momento de alicerçar e construir a sua casa, de adotar as precauções que acabamos de referir, é possível que com o uso constate que sua casa é perigosa, e talvez até inabitável. Este contratempo também pode sobrevir-lhe no apartamento de aluguel onde acaba de se instalar. Acontecido isto, que fazer? Antes de mais nada, não se perturbe nem se desespere. A maioria das vezes pode-se remediar o mal empregando meios bastante simples. Mas, para obter a máxima eficiência, não é demais precisar desde o princípio a

origem e o alcance da nocividade.
Por exemplo, as radiações maléficas só afetam gravemente a um aposento do apartamento ou da casa. Neste caso, eu lhe aconselharia instalar um circuito protetor ao redor daquela peça: pregue nas paredes, a uns 30 cm do chão, pregos dotados de um contato isolante e separados entre si de uns 60 cm; o fio deve percorrer os contornos de portas e janelas, voltando ao ponto de partida. É importante que você não se esqueça de colocar na direção do campo magnético terrestre um fio de terra, com o objetivo de devolver ao solo as emanações telúricas; qualquer cano de água, gás ou aquecimento central servirá perfeitamente. Também deve-se evitar que o fio do circuito corra paralelo aos fios elétricos, pois do contrário se produziria um fenômeno de indução que suprimiria os efeitos do circuito protetor e que eventualmente poderia, em lugar de neutralizar, reforçar a nocividade das ondas telúricas. Um último conselho: não coloque nunca uma cama metálica a menos de 20 cm do circuito.
Este circuito protetor pode ser utilizado com excelentes resultados nas casas perturbadas por radiações provenientes de um poço próximo ou riacho que passe pelas imediações, como costuma acontecer na zona rural. Em tais casos, os afetados costumam perder-se em conjecturas acerca da origem do mal: tudo parece sadio, limpo; as paredes e o solo são impecáveis. A responsável é a água, que transporta as ondas nocivas emitidas pelos minerais ou rochas com que esteve em contato em sua passagem.
Quando isto acontece, a solução não pode ser mais simples: estabelecer em tomo do poço suspeito um circuito protetor a uns 30 cm do solo e, é claro, com fio de terra. Se o responsável for um curso d'água ou um rio (superficial ou subterrâneo), dever-se-á estabelecer uma barreira protetora formada por pequenas estacas de madeira plantadas no chão a cada três metros e unidas entre si por um fio de cobre eletrolítico que dará sete voltas em cada uma delas. É muito importante que o fio de terra seja colocado a jusante.

Aparelhos protetores

Os circuitos rudimentares a que acabamos de nos referir são por certo eficazes, mas só podem ser recomendados ao que têm uma certa habilidade manual. Os demais, desajeitados e preguiçosos esse numeroso exército integrado por todos aqueles que sempre machucam os dedos ao pregar um prego -, prefeririam os aparelhos protetores que não requerem o menor trabalho.

Para sorte deles, tais aparelhos existem. A descoberta dos raios nocivos data de1929; foi então que as experiências de dois cientistas alemães, Krintzinger e Gotsche permitiram constatar a existência e os efeitos dos campos eletromagnéticos que criam zonas perigosas para a saúde dos seres vivos. Este descobrimento incitou de imediato numerosos investigadores a encontrar uma proteção eficaz contra o novo inimigo. O primeiro aparelho destinado a neutralizar as ondas nocivas foi inventado em setembro de 1931, em Munique, por um monge beneditino chamado Wehrmeisterx: baseava-se no princípio da impermeabilidade do azeite virgem às radiações.

Muitos físicos, biólogos e médicos continuaram a pesquisa na mesma direção e se esforçaram por aperfeiçoar esta técnica protetora. O resultado foi a aparição de numerosos aparelhos que conheceram o mesmo destino.

Nem é preciso dizer que os charlatães entraram rapidamente num jogo cujas regras ofereciam as maiores facilidades e benefícios. O mercado viu-se inundado de supostos talismãs que não tinham outra virtude senão as que lhes quiseram atribuir os ingênuos, engenhocas grotescas, "osciladores", cruzes, pedras, "barras paralelas da saúde" etc. Nenhum de tais amuletos pseudocientíficos conseguiu, evidentemente, ter sucesso, e apesar da publicidade de que desfrutaram, não neutralizaram a mais fraca das ondas nocivas. Mencionei-os tão-só para registrar algumas amostras do museu da credulidade humana.

Voltemos às coisas sérias. Tanto o morador de uma "casa de câncer" como aquele que se debilita inexplicavelmente numa moradia maléfica, ou o insone, o deprimido, enfim, todas as vítimas indefesas

das maléficas radiações cosmotelúricas devem desconfiar seriamente da publicidade; têm direito a uma informação veraz e honesta acerca dos meios protetores que existem. De minha parte, procurei reunir e apresentar as informações mais bem definidas sobre este tema.

Dentre os aparelhos protetores mais sérios pode-se citar o inventado por A. de Bélizal e P. A. Morel. Ambos o descrevem em sua obra *Physique Micro-Vibratoire et Forces Invisibles*, dizendo que sua técnica consiste em "produzir um campo desmagnetizador que compensa exatamente o campo magnético vertical Z e, ademais, em evacuar a radiação do campo elétrico horizontal H com seus efeitos patológicos sobre a célula viva". Ou, dito numa linguagem muito mais simples: trata-se de um retângulo de madeira no qual foram esculpidas formas geométricas que emitem ondas capazes de neutralizar, compensando-as, as ondas telúricas verticais nocivas que invadem urna casa. Parece incrível, mas dá certo.

Minha experiência neste assunto, já bastante ampla, permite me afirmar que este pequeno aparelho - que põe em prática o inexplicável poder das misteriosas "ondas de forma" - sempre deu provas de uma eficácia total, cem por cento, em todos os casos em que a origem da nocividade era geofísica.

Também experimentei dezenas de outros aparelhos. Alguns são eficazes, se bem que insuficientes; outros não passam de fraudes vulgares; uns poucos exercem uma influência benéfica no campo psicológico... Mas nenhum é completamente satisfatório. Em conseqüência, considerando o nível atual de meus conhecimentos e tendo consciência de que está em jogo a proteção da saúde - e talvez da vida - das inumeráveis vítimas de uma casa maléfica, permito-me assumir a responsabilidade de aconselhar a estes desventurados que, de duas uma: ou abandonem o quanto antes o lugar de seu martírio, ou instalem em sua casa esse milagroso reequilibrador que lhes oferece a única probabilidade de sobreviver. Não existe outra escolha possível.

O único inconveniente que apresenta este dispositivo é que, para funcionar de modo satisfatório, deve ser orientado com a maior

precisão segundo o campo magnético terrestre. O vértice do triângulo isósceles positivo deve ser dirigido precisamente para o norte magnético. Assim, se se quiser tirar proveito da proteção do reequilibrador, é imprescindível saber usar uma bússola.
Por outro lado, a regulação do aparelho pode colocar problemas delicados, segundo a sensibilidade e a receptividade dos moradores da casa, assim como seu grau de impregnação nociva.
Qualquer um que viva habitualmente e durante muito tempo submetido a uma ruptura das forças compensadas, estará impregnado da terrível radiação verde negativa (V -), das freqüências vibratórias desequilibradas que a mesma emite, e as transportará consigo para onde quer que vá. Estas freqüências são sempre radiativas e a pessoa que está impregnada delas converte-se automaticamente em perigosa: constitui um emissor vivo e ambulante de ondas nocivas. Quer dizer que, na melhor intenção do mundo, pode levar aos lares de seus amigos a doença e a infelicidade.
Chegados a este ponto, não é difícil compreender que uma vítima das supracitadas impregnações maléficas experimente um choque quase insuportável quando seu ambiente vibratório vê-se bruscamente reequilibrado pela ação das ondas de forma. E, de certo modo, como se um mergulhador esquecesse de passar pela câmara de descompressão ao voltar à superfície. Para evitar semelhante traumatismo, deve-se recorrer ao encontrar na regulagem do aparelho o que se chama "ângulo de equilíbrio" adequado à saúde e sensibilidade dos moradores afetados pela ação do reequilibrador. Para tal, dispõe-se de um leque de cinco ou seis graus para se buscar o ângulo de equilíbrio mais conveniente. A intensidade máxima obtém-se quando o aparelho está orientado exatamente para o norte magnético; quanto mais nos aproximarmos do norte geográfico, menor será a intensidade. Finalmente, é importante efetuar este ajuste com rigorosa precisão, pois, se for ultrapassado o limite - mesmo que em um só grau, num ou noutro sentido -, a forma não emite onda alguma e o equilíbrio entre ambas as forças não se restabelece.

Procuremos o culpado

Os sistemas de proteção e os dispositivos a que acabamos de nos referir pretendem neutralizar as radiações nocivas que fazem de algumas habitações lugares perigosos, inclusive mortais, para seus moradores. No entretanto, como se trata de aparelhos científicos, carecem de eficácia quando têm de enfrentar nocividade ou malefícios ocasionados por ondas abstratas sem origem material nem suporte físico. Em tais casos, com os quais nos deparamos freqüentemente, que conselho se pode dar?

Lembro-me de um SOS que me dirigiu, não faz muito tempo, uma pessoa que vivia numa aldeia do departamento do Marne. "Vivo num apartamento que acarreta desgraças - disse-me meu correspondente. - A cada dois anos, numa data fixa, produz-se um acidente. A última catástrofe aconteceu há um ano e meio. Agora, à medida que se aproxima a data fatídica, meu pânico vai aumentando. Que posso fazer?"

Minha resposta foi incisiva: "Abandone o quanto antes o lugar".

A saída não podia ser mais covarde; envergonho-me de tê-la proposto. Mas deve-se reconhecer que, honestamente, não podia dar outro conselho, pois desconhecia a origem e a natureza do malefício que rodeava aquele apartamento. Ninguém tem o direito de empreender a cura de uma casa sem saber qual é a enfermidade que sofre. Este tipo de investigação costuma ser delicado e requer, às vezes, seguir pistas um tanto estranhas e incríveis.

Tomemos o exemplo de uma casa nova, construída sobre um terreno geologicamente sadio. Suas paredes não são antigas o bastante para ter recordações, e sem dúvida quem vive ali não constata que o ambiente esteja perturbado por uma nocividade cujas causas ignora. Em que direção deve apontar neste caso a investigação para encontrar a procedência do malefício? O culpado deve ser procurado e encontrado, quer entre os objetos de todo tipo (grandes ou pequenos) que mobiliam ou decoram a casa, quer entre os materiais de construção ou, por último, nas cores com que está pintado o

cenário onde se desenrola a vida familiar.
Passarei por cima, aqui, da questão dos "objetos carregados", pois já tratei deste tema em obra precedente. Quanto aos materiais, no princípio deste capítulo mesmo, me referi aos aspectos fundamentais que convém conhecer acerca de sua nocividade. Fica pendente, pois, o problema das cores e da influência que estas podem ter no comportamento e na saúde dos homens, assim como dos animais e inclusive das plantas. Sobre esta questão realizaram-se investigações bastante atraentes.

As cores invisíveis são as mais perigosas

Na ordem prática, as experiências deram resultados indiscutíveis. Atualmente, por exemplo, está demonstrado que as vacas produzem mais ou menos leite conforme a cor de seu estábulo; que a produtividade dos operários e funcionários depende da pintura das paredes de oficinas e escritórios; que as tonalidades verde-água geralmente adotadas nas clínicas para os quartos dos enfermos têm a virtude de tranqüilizar e favorecer o sono etc.
As constatações efetuadas neste campo são apaixonantes, mas deixo a outros a tarefa de inventariá-las. O propósito que me anima é mais limitado. De fato, minha meta é chamar a atenção sobre as causas, mais que sobre os efeitos, recordar que as cores emitem radiações eletromagnéticas que podem ser benéficas ou maléficas e incidir favorável ou desfavoravelmente tanto no corpo quanto no espírito dos indivíduos. Em meu entender é importante conhecer o comportamento das cores sob este prisma muito especial.
Para ilustrar meu enfoque da questão com uma história divertida e contra a qual cada leitor pode opor as reticências que lhe ditem suas convicções, passo a copiar textualmente uma notícia de agência noticiosa publicada por diversos jornais: Mistério na estação de Velluire (Vendéia): Um quarto pintado de rosa faz chorar os ferroviários de coração mais endurecido. Esta estação é o terminal da

antiga linha La Rochelle-Niort. O maquinista, uma vez terminado seu serviço, retira-se para dormir num quarto que a Companhia de Ferrovias destinou para este fim. O aposento em questão está pintado de rosa. Mas, assim que o empregado fecha-se nele, as lágrimas afluem inexplicavelmente a seus olhos. Por que? Os ferroviários de Velluire gostariam de saber o mistério que encerra o quarto cor-de-rosa.

Segundo o comandante H. Chrétine, cujos doutos trabalhos sobre a matéria gozam de justa fama, "os efeitos indutivos e efeitos elétricos das cores sobre os corpos orgânicos são consideráveis, e ocasionalmente, quando o afetado obstina-se em permanecer à sua mercê, são mais nefastos que os dos micróbios mais virulentos".

De acordo com o doutor Graff, as cores do ultravioleta ao verde são nocivas porque suas radiações detêm a divisão celular. Pelo contrário, todas as radiações do amarelo ao vermelho e infravermelho têm poder excitante e ativam a vitalidade da célula.

Tudo seria muito simples se nos limitássemos às cores do arco-íris. Mas o espectro compreende, além das sete vibrações-cores visíveis (violeta, anil, azul, verde, amarelo, laranja, vermelho), cinco vibrações-cores invisíveis (infravermelho, preto, verde negativo, branco, ultravioleta). Na opinião de Bélizal e Morel, "no setor compreendido entre o preto e o branco, existem muitos outros pontos vibratórios que manifestam energia, considerável. É uma zona radiativa intensa, cujo centro situa-se no verde negativo (V -), que é exatamente antípoda do verde do espectro, ou verde positivo (V +). Trata-se - concluem os dois físicos - da vibração mais curta e mais poderosa do universo".

E eu acrescentaria: também a mais perigosa. Com o verde, encontramo-nos no limite do bem e do mal, do visível e do invisível. Esta cor, ao mesmo tempo positiva e negativa, é a mais misteriosa da criação, a única que se opõe exatamente a si mesma. Ademais, e se por todo o antecedente não fosse bastante, complica extraordinariamente a busca de responsabilidades na hora de determinar as nocividades inexplicáveis que contaminam determinadas casas.

Para facilitar a tarefa dos eventuais enfermeiros de paredes, para enriquecer a paleta dos peculiares pintores abstratos, permito-me contribuir com um dado útil: as radiações das cores propagam-se pelo espaço dando lugar a um plano de ondas de 1,20 m; este plano produz por sua vez cinco núcleos de vibrações de igual comprimento, o que significa que, a uma distância de seis metros, o pêndulo poderá discernir a radiação e a polaridade da cor emissora das radiações eletromagnéticas.

Após este pequeno detalhamento - que a muitos parecerá carente de interesse - passemos a um exemplo concreto. Trata-se do relato que um dia me fez Jacques Rubinstein, mago da região do Morvan, a propósito de uma de suas intervenções (que se viu coroada de êxito) num caso bastante curioso de "malefício colorido". Mas deixemos de preâmbulos e prestemos atenção ao relato.

Cuidado com a pintura!

Um importante homem de negócios de Genebra veio um dia visitar-me em casa, em minha aldeia, para me contar seus problemas. Todos os seus poros transpiravam vigor, energia e saúde. Entretanto, segundo ele, seus rins viam-se acometidos por uma insuportável dor, assim que sentava-se à mesa. O que mais o intrigava era o fato de que a dor cessava assim que abandonava o escritório. Os exames médicos a que se submeteu resultaram todos negativos: os especialistas consultados asseguraram-lhe que gozava de perfeita saúde, e que as dores de que se queixava eram inexplicáveis e, por conseguinte, bem provavelmente imaginárias. Ante a manifesta impotência da ciência para prestar-lhe ajuda, meu genebrino recorreu, do modo mais natural do mundo, à magia (que já lhe havia prestado alguns pequenos serviços). E ali o tinha, a me contar suas dores. O senhor pode fazer algo por mim? Perguntou-me. Respondi que primeiro devia examinar seu escritório, pois muito possivelmente só ali poderia achar a causa de seus males. Em conseqüência, fomos na semana seguinte para Genebra.

Ao entrar no escritório de meu cliente - um confortável e luxuoso escritório de diretor - minha primeira impressão foi de que tudo estava em ordem; nada afetava minha sensibilidade especial. Porém, quando entro num aposento cujo ambiente é perturbado por qualquer tipo de malefício, percebo sempre de imediato uma espécie de alerta infalível ditado pelo olfato profissional que possuo.

De qualquer modo, fazendo caso omisso da primeira impressão, empreendi conscienciosa investigação do lugar seguindo meu método habitual, quer dizer, mantendo minha miro aberta em todas as direções e dirigindo-a como antena para todos os lugares do aposento. Ao passar ao longo da parede atrás da mesa onde sentava-se o diretor, a uns 60 cm de altura, percebi subitamente uma corrente glacial que me atravessou a mão. Não tive a menor dúvida que era um *tilt* característico, indicador de que a fonte do malefício ou da nocividade estava próxima. Mas não constatei nada que resultasse suspeito: ali só havia uma estante cheia de livros encadernados. Insisti, precisei mais a investigação: a sensação de frio que minha mão experimentava aumentava à medida que me aproximava dos livros situados exatamente atrás da cadeira de meu cliente, à altura de seus rins. Intrigado, perguntou-me o que se poderia ocultar atrás daqueles livros. 'Permite-me?' E me dispus a remover os livros da estante. É um artifício - disse-me sorrindo o cliente genebrino. - São falsas encadernações, destinadas a mascarar minha caixa-forte particular, que está embutida na parede. E, dizendo isto, deslocou o painel e descobri uma pequena porta blindada, guarnecida com os clássicos botões de segredo. Muito bem! disse comigo mesmo. Já sei do que se trata. Seguramente o cofre contém alguma amostra, algum lingote ou objeto maléfico. A fonte da radiação nociva está aí dentro! Meu entusiasmo desvaneceu-se de imediato quando meu cliente, abrindo o cofre, disse-me: 'Veja, aqui só guardo alguns documentos e um pouco de dinheiro. Nada mais'.

Não obstante, minha mão - que não se engana nunca - ficava gelada frente a esta caixa, quer fechada, quer aberta. Era absolutamente necessário descobrir a origem do mal! Refleti, investiguei. Em vão.

Logo me dei conta de que o interior da caixa-forte estava pintado, curiosamente, em dois tons contrastantes: o fundo, de verde elétrico, e os lados, de cinza.
- Desde quando o senhor tem este cofre?
- Mandei instalar há dezesseis meses, exatamente.
- E desde quando experimenta essas dores nos rins?
- Pois... Vejamos... Que coincidência! Comecei a sofrê-las imediatamente depois da colocação do cofre. Devo entender que a causa de minhas dores é ele? Vou mandar que o removam o quanto antes...
- Para que tanto trabalho? Conserve o seu cofre onde está. Bastarão umas pinceladas para torná-lo inofensivo. Vai ver só...
Pedi um pincel e uma lata de tinta branca. O diretor transmitiu meu pedido à secretária, que não pôde reprimir sua surpresa. Dez minutos depois, já estava de posse do pincel e da tinta. Não me restava mais que arregaçar as mangas, esvaziar o cofre e pintar cuidadosamente seu interior de branco.
A partir daquelas pinceladas, meu cliente não voltou a experimentar a mais leve dor nos rins. Seu escritório recuperara, definitivamente, a saúde.
Moral da história: cuidado com a pintura!

Uma artilharia pesada invisível

Através das cores encontramos uma transição razoável para abordar o problema mais difícil e também mais controvertido: o das "ondas de forma".
Todas as radiações nocivas de que falamos até agora podem ser detectadas e medidas por aparelhos científicos sensíveis às micro-vibrações e ao eletromagnetismo. Sabemos que tais radiações correspondem aos raios gama da família dos raios Röentgen, antigamente chamados "raios X". Constatamos que, quanto mais curto é seu comprimento de onda, maior é sua nocividade. Sabemos também que são extremamente duras; precisamente por causa desta dureza são

capazes de penetrar com tanta facilidade em todos os corpos, em todos os tecidos vivos. No homem e no animal, destroem os glóbulos vermelhos do sangue; nos vegetais, atacam a seiva. Assim, são responsáveis por uma desintegração progressiva da humanidade. Pode-se afirmar, sem exagero, que o fim de nosso mundo está próximo, se o homem não se proteger contra as radiações maléficas que infestam, entrecruzando-se, o universo. Afortunadamente podemos, como acabamos de ver, garantir esta proteção com meios relativamente simples. Sempre que todas estas radiações perigosas tiverem uma verossimilhança físico-química, nada impedirá que sejam aceitáveis: mesmo que seja apenas por analogia com a radiatividade - que hoje é noção familiar a todos -, qualquer um pode compreender e inclusive admitir a existência de ondas cósmicas ou telúricas cujos efeitos podem ser nefastos para o homem.

Mas sem dúvida ser-me-á muito mais trabalhoso conseguir que me tomem a sério se afirmar que, traçando duas linhas perpendiculares que tenham um ponto em comum, obtém-se "a vibração mais curta e mais poderosa do universo", quer dizer, a mesma de que falávamos há um instante ao nos referirmos às cores: o verde negativo (V -).

Estas vibrações produzidas pelo ângulo reto do esquadro são "ondas de forma", quer dizer, ondas que, como seu nome indica, são engendradas pelas formas.

Tais ondas, emitidas por formas geométricas e simétricas, são favoráveis ao equilíbrio dos seres vivos. Mas, ao contrário, são desfavoráveis quando provêm de formas irregulares, não compensadas, combinadas ou dissociadas propositadamente para projetar uma energia maléfica.

Aqui penetramos na "terra de ninguém" infranqueável que separa a ciência da magia.

Se, como creio, é certo que a refração angular cria a vibração, resulta fácil imaginar o poder sobre-humano de que gozará quem for capaz de apontar, como quiser e para onde quiser, a formidável artilharia das "ondas de forma" contida num simples livro de geometria.

Zalnakatar

É aí onde reside, com toda segurança, a chave dos mistérios do Egito faraônico, mistérios que os historiadores haviam renunciado a elucidar. Os sacerdotes daquela época deviam possuir o domínio perfeito das ondas de forma, posto que podiam resolver problemas técnicos ou de governo, de telecomunicações ou de transporte, informativos ou administrativos, que eram absolutamente insolúveis pelos meios disponíveis então.

As pirâmides são o exemplo mais evidente, mais colossal, da realidade das ondas de forma. Foram construídas - ninguém o duvida na atualidade - com destino religioso e científico-esotérico, desde a conservação das múmias reais até a regulação do clima, passando pela medição das longitudes.

Sobre o tema das pirâmides, recordo particularmente uma frase curiosa extraída dos *Relatos de Belzebu a Seu Neto*, cujo autor, Georges Gurdjieff, era um clarividente das civilizações perdidas e um extraordinário iniciado. Eis o que Belzebu explicava a seu neto Hassin a propósito das pirâmides, então em plena construção:

Esses edifícios, ainda inacabados, estão destinados em parte à observação dos outros sóis e planetas de Nosso Grande Universo, e em parte a determinar e dirigir intencionalmente as variações da atmosfera circundante, objetivando obter o clima desejado. Estes edifícios estão rodeados de uma cerca feita com plantas que lá em baixo chamam 'Zalnakatar', as quais foram entrelaçadas de um modo particular.

O leitor deverá lembrar-se do nome Zalnakatar, que lhe permitirá abrir muitas outras portas, à parte as que ache fechadas neste livro. Possivelmente voltaremos a recordá-lo num futuro próximo. Enquanto esperamos, regressemos a nossas múmias.

Se se coloca um pedaço de carne crua no interior de uma reprodução exata, em escala reduzida, da pirâmide de Queops, o pedaço de carne se mumifica perfeita e rapidamente, sem nenhuma intervenção de magnetismo humano, quaisquer que sejam as condições

exteriores de temperatura e umidade. A experiência foi repetida centenas de vezes: sempre deu resultado. Está claro que são as ondas de forma emitidas pela pirâmide que possuem a propriedade especialíssima de mumificar a carne.
Também se constatou da mesma maneira outra propriedade não menos estranha: lâminas de barbear usadas recuperam o fio depois de permanecer algumas horas sob a pirâmide em miniatura.
Neste sentido realizaram-se muitas outras experiências. Os resultados obtidos são tão extraordinários que se é tentado a aceitá-los como verdadeiros.
Talvez fosse preferível não crer nas ondas de forma, posto que o mais razoável e o mais valente dos homens corre o risco de ser presa de pânico se adquire consciência de tão espantosa realidade. Mas como ignorá-las, como negá-las, quando seus efeitos se deixam sentir todo dia, como sucede com os das demais ondas vibratórias? Todas estão submetidas às mesmas leis físicas: reflexão, difração ou refração. Quer dizer, pode-se seguir sua progressão, seu comportamento, sua ação, até obter certeza quase científica de sua existência. O espanto só aparece quando nos interrogamos sobre sua possível utilização.

Geometria de intervenção

As ondas de forma criam, por si mesmas, um campo magnético que é mais ou menos maléfico ou benéfico, segundo a densidade e as interferências. Mas também podem ser só simples ondas transportadoras que transportam radiações de natureza e origem absolutamente distintas. Voltando à imagem do bombardeio pelas ondas de forma, precisemos que estas podem ser, por conseguinte, a própria bomba, ou o transportador de outra bomba. Não resulta difícil imaginar que variadas missões, de conquista ou represália, podem ser levadas a cabo graças a estas armas de precisão e grande alcance: quer pela própria natureza das coisas - quando um detalhe arquitetônico, um móvel mal ou bem colocado, uma forma paisagística ou um adorno esquecido são suficientes para desencadear furacões

de ondas de forma através de uma casa -, quer pela vontade de um iniciado superior que dirija, mediante a simples separação dos lados, uma multidão de ondas maléficas ou benéficas encaminhadas para destruir um inimigo ou prestar ajuda a um amigo.
Exemplo: todas as pontas, quaisquer que sejam, emitem por seus extremos ondas que correspondem ao verde negativo. São ondas portadoras e que podem ser facilmente moduladas mediante uma freqüência. O ódio é uma freqüência. Uma pessoa mal-intencionada pode - dirigindo a ponta segundo uma orientação rigorosa para um inimigo, enviar-lhe um formidável número de ondas moduladas que alcançarão muito possivelmente seu objetivo. É uma das armas mais precisas - para longas e curtas distâncias - com que conta o arsenal da magia. Os bruxos sabiam utilizar as ondas de forma muito antes que os cientistas começassem a admitir que estas pudessem existir.
Os especialistas dessa geometria de intervenção (ou de dissuasão) afirmam que a espiral cortada por uma reta é benéfica, que o círculo é uma potência de expressão superior à de qualquer outra forma plana e que a esfera é a forma-volume mais poderosa.
Ei-nos aqui já preparados para nos pôr em guarda e nos atirarmos a fundo, como se diz em esgrima. Aproveitemos a situação para nos consagrarmos, mediante a interpretação de algumas figuras simples, a uma experiência demonstrativa. Divirtamo-nos com a seriedade e também com o humor característico dos meninos crescidos a quem o mistério inquieta, mas que brincam no escuro para ganhar coragem. Trata-se de um truque mágico, pueril e inofensivo, que nos permitirá verificar com o mínimo esforço a eficácia das ondas de forma.

Retorcer os fios

Com um fio de ferro ou de cobre, fabrique um anel ou pequeno círculo que deverá ser fixado sobre uma haste do mesmo metal, de modo que a haste atravesse diametralmente o círculo. As ondas de forma emitidas por esta figura serão favoráveis (figura A). Pelo contrário, quando se corta o círculo e se fixam às duas partes convexas de

modo que fiquem contrapostas na vareta, a figura emite ondas de forma maléficas (figura B).
Para verificar os efeitos destas ondas, introduza uma das figuras num tubo de aspirina aberto nos dois extremos. Numa noite, antes de dormir, coloque este tubo na casinha do cachorro (para termos um exemplo acessível). Na manhã seguinte, o animal mostrar-se-á vacilante, esgotado pela fadiga, no caso de se experimentar com a forma da figura B. Pelo contrário, mostrar-se-á radiante de saúde e alegria se tiver passado a noite sob a influência da figura A.
Esta pequena e estranha "engenhoca" deve ser tomada muito a sério, apesar da desenvoltura aparente com que falo dela. A seguir, explicito as razões que me fazem considerá-la assim, razões que, no meu entender, são suficientemente convincentes, tanto na teoria quanto na prática. O leitor que julgue por si mesmo.
Antes de tudo convém chamar a atenção sobre a forma significativa do objeto que acabamos de construir com fio de ferro ou cobre e uma vareta: é a que corresponde à letra grega "fi": Por que? Simplesmente "fi" é a letra que denota o primeiro membro da fórmula do número de ouro:

$$\varphi = \frac{\sqrt{5}+1}{2} = 1{,}618034\ldots$$

Matematicamente, o número de ouro "provém da relação entre a extrema e a média razão" (tão querida para Platão e Pitágoras). É o único dentre todos os números do universo que se multiplica por si mesmo, ao somar-se 1, também o único que inverte a si mesmo quando se subtrai 1. É um número absoluto, um "invariante cósmico",

segundo a expressão de Matila Ghyka.
Mas se ultrapassarmos os domínios da matemática pura para penetrar no simbolismo dos números (que Dom Néroman chamava a "matemática subjetiva", e os Antigos a "matemática sagrada"), compreender-se-á muitíssimo melhor porque e como o número de ouro é símbolo da vida divina. Faz-se necessária outra definição prévia. Espero que o leitor me perdoe se recorro, para tanto, a uma extensa citação do ilustre matemático Théo Koelliker: "Tudo o que é relativo à presença do número de ouro no cosmos (presença indiscutível para os Antigos) foi rigorosamente verificado na época moderna, mediante a observação. Ou seja, segundo um método essencialmente empírico que, evidentemente, não implica necessariamente em certeza, pois semelhante método pode sempre apoiar-se no que os lógicos chamam 'enumeração imperfeita' e basear suas conclusões, por conseguinte, num sofisma... involuntário. Esta é a razão pela qual a seguir se tentou explicar e demonstrar esta presença do número de ouro recorrendo a meios matemáticos. Neste caso, na álgebra elementar, posto que, como resultado da curiosa propriedade fi2 = fi + 1, toda equação que contenha o número de ouro pode ser reduzida a uma equação do primeiro grau.



FIGURA A

As ondas de forma desta figura são benéficas

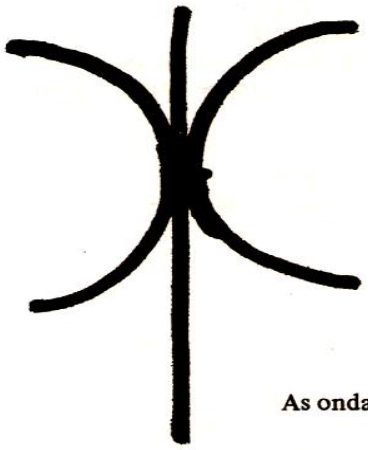


FIGURA B

As ondas de forma desta figura são maléficas.

Resumindo: constatamos que no repertório dos símbolos, "fi" representa "a vida divina, a vida perfeita, espiritual, a regente da forma".

Nada pode haver, de surpreendente, pois, no fato de que esta figura, esta letra, que expressa um símbolo tão radiante, tão carregado de sentido, seja capaz de emitir ondas de forma poderosas, benéficas, que se tornam maléficas quando se rompe a figura, quando se inverte o símbolo.

Mas para que este estranho gerador de ondas funcione e manifeste seu poder, é preciso saber empregá-lo: não se trata de nada complicado, nem que requeira demasiados conhecimentos, mas é indispensável um rigor minucioso. Se se levar o fi sobre si, como broche ou agulha de gravata, na lapela ou como abotoadura, a ponta deve sempre ficar orientada para o norte magnético, com a ponta para

o sul.
Se não se observam estas precauções, no melhor dos casos o emissor deixa de funcionar e não serve para nada. Mas também pode produzir efeitos inesperados: apontado para um determinado ângulo, o fi emite por seu extremo uma onda brutal e ultra-curta que pode ser perigosa para toda célula viva que encontrar .
Posso citar como exemplo o infortúnio que ocorreu ao chefe dos recepcionistas de um grande hotel de Paris. Com fio elétrico, o homem fabricou para si num abrir e fechar de olhos um destes dispositivos, e graças a ele voltou a encontrar o equilíbrio nervoso e o sono perdidos havia muitos anos. Uma noite, ao se deitar, deixou descuidadamente o fi sobre seu criado-mudo, sem prestar atenção em sua orientação; na manhã seguinte, despertou com uma queimadura de primeiro grau no rosto, justo no lugar para onde o emissor ficara apontado toda a noite.
Conclusão: não é prudente brincar de aprendiz de feiticeiro com este pequeno instrumento de aspecto inofensivo. Seu poder real, mesmo que domesticado, é considerável.
Dentre todas as pessoas que o experimentaram devo destacar um engenheiro eletrônico, o sr. André Philippe, que investigou as propriedades deste fi esotérico como se se tratasse de um dos aparelhos mais sofisticados, sob o aspecto técnico-científico, de sua especialidade. Em seu relatório faz constar, de modo particular, que pude verificar perfeitamente a existência de uma onda positiva na parte circular e uma onda negativa na vareta. Como tinha a possibilidade de realizar a experiência no campo, e como dispunha de uma extensão bastante ampla, quis calibrar com a máxima precisão o alcance deste pequeno gerador. Para tal, coloquei-o horizontalmente em cima de um pequeno móvel, podendo constatar que a radiação era bem direta: no máximo de 2 a 3 graus. Então me afastei lenta e progressivamente do objeto e tive a satisfação e a surpresa de observar que até 800 m a radiação continuava conservando sua intensidade e sua direção.
Enquanto cientista coerente, o se. Philippe quis provar também a

experiência, magicamente proibida, com a forma quebrada, com o fi aberto tal como aparece na figura B, que já reproduzimos. Para tanto fabricou, com arame, a forma maléfica. Eis o resultado:
Não havia passado um minuto depois de concluir a fabricação do pequeno gerador aberto quando comecei a sentir uma comichão muito desagradável em ambas as pernas, algo inexplicável e muito peculiar. A princípio, pensei que se tratava de uma coincidência, e não quis interromper a experiência. Mas a comichão não só não parava como subia por minhas pernas e se fazia cada vez mais intolerável. Então, com o objetivo de averiguar se o mal provinha diretamente do gerador, decidi destruí-lo. Com efeito, a comichão cessou progressiva e totalmente nos dois minutos seguintes. Depois daquilo, nunca mais quis experimentar este novo tipo de gerador, recordando como me resultou penoso o mal por ele provocado.
Se o leitor não está disposto a crer em mim, sem mais, a única coisa que posso aconselhar é que faça por si mesmo a experiência. E é até melhor que a leve a cabo utilizando como cobaia algum membro de sua família ou um inimigo íntimo; assim poderá dar, sem muito risco, seus primeiros passos pelos caminhos da bruxaria. Ou talvez, ao fim do caminho, aguarde-o a pira da Inquisição!

Um druida eletrônico

Penso, de modo particular, num engenheiro eletrônico, ex-aluno e colaborador de Branly (o que lhe dá irrefutáveis títulos de autoridade) que se consagra na atualidade a investigações desta ordem nos laboratórios do doutor Graff, em Marselha.
Refiro-me a André P. Mahoux, personagem pitoresco e surpreendente, que não só atrai nossa atenção por seus títulos científicos, mas também porque se trata de um druida autêntico, possuidor do privilégio de cortar o visco com a foice de ouro. Ademais, canta em bretão, com uma voz implacável que deixaria Obélix doente, acompanhando-se com a lira celta, os cânticos sagrados de nossos antepassados gauleses e as canções épicas dos bardos. Mas o mais admirável deste homem excepcional e cego (todos os aparelhos de

medida de seu laboratório estão dotados de escalas em relevo do sistema Braille) é que, em sua perpétua noite, sua imaginação ilumina os caminhos da pesquisa e lhe permite avançar para o descobrimento dos mistérios.
Assim, por exemplo, há muitos meses acha-se dedicado a experimentar e medir (sim, medir!) as misteriosas ondas de forma que, segundo afirma - porque o constatou -, põem em jogo efetivamente elevadíssimas energias. Mas, um físico, como pode definir e interpretar tais ondas?

Um efeito "focalizador"

A hipótese de André Mahoux parece-me (a mim, profano que ignora tudo das ciências exatas) bastante sedutora. A seguir, procurarei resumi-la em linguagem vulgar, compreensível para o comum dos mortais dentre os quais me conto.
De minha parte - diz ele, em essência - não creio que se trate de uma forma engendrada pelo único fato de que a forma é a forma. Penso mais, como o engenheiro Claude Vincent, que a expressão "ondas de forma" pode ser aceita para designar um efeito focalizador de certas radiações. Quer se trate de campos de força maxwellianos, gravitacionais ou outros, que podem ser imaginados inclusive antes de conhecê-los, existem por todos os lugares "campos vagabundos", campos selvagens (se é que se os pode classificar assim) em relação aos quais só a forma conferiria a determinados objetos um efeito focalizador."
Para ser mais claro, se possível, simplificando ao máximo a explicação, direi que as inumeráveis radiações que preexistem no espaço permanecem inofensivas, ignoradas, indetectáveis, enquanto não encontram uma "forma" através da qual passar - do mesmo modo que a luz passa através de uma lente -, achando dessa maneira, força e direção. É esta focalização que dá origem às "ondas de forma".
Os chamados "pontos negros" da rodovia, aqueles onde os automóveis vão-se estatelar como que de propósito, são quase

sempre lugares privilegiados nos quais os campos gravitacionais expressam sua atração por intermédio de uma "força" focalizadora. Os acidentes (ao menos os acidentes inexplicáveis, que são os mais freqüentes em tais pontos malditos) cessarão assim que se suprima ou neutralize a "onda de forma" assassina que atrai os automóveis sempre contra a mesma árvore, o mesmo pilar, a mesma valeta.

Concavidade = Perigo

As tentativas de dar uma explicação científica às "ondas de forma" que acabo de expor são só um episódio gratuito, trivial, e estão destinadas unicamente a reforçar a intenção que me anima, que consiste sobretudo em alertar a desconfiança dos habitantes a propósito dos perigos que lhes podem acarretar determinadas formas ou relevos de seus lares, mas também em tranqüilizá-las, demonstrando que outras formas e relevos podem restabelecer a segurança no interior de sua casa.

Alguns exemplos extraídos da vida real falaria melhor à imaginação que todas as exposições teóricas. A maioria deles sofre de uma certa jocosidade, e inclusive ridículo, que quiçá lhes consiga uma maior audiência. Tanto melhor! Nem sempre é preciso aborrecer para convencer.

Todos os objetos côncavos - recipientes, chapéus etc. - emitem uma "onda de forma" nada boa, se não mesmo maléfica, como todo mundo sabe, e por isso se cuida muito bem deles. Nunca se deve estar no eixo de uma concavidade! Provas? Eis aqui algumas:

A primeira história nos é contada precisamente por André Mahoux: "Em 1931 - diz ele - eu era um jovem engenheiro encarregado de realizar pesquisas físicas numa empresa dedicada à construção de motores para aviação. Tinha um colaborador, o sr. Gabriel G., que trabalhava no mesmo escritório que eu, numa grande mesa de desenho. Por razões de iluminação, ele estava colocado de tal forma que exatamente sobre sua cabeça, a mais ou menos um metro, achava-se um refletor côncavo de metal... Gabriel G. queixava-se

naquela época de terríveis cefaléias cuja origem fisiológica nenhum médico era capaz de discernir. Um dia, por algum motivo que não recordo, houve uma mudança na disposição dos móveis daquela sala e meu companheiro não ficou mais na vertical da lâmpada. Imediatamente desapareceram as dores de cabeça".

Sobre a utilidade do chapéu

Simples coincidência, como dizem sempre os incrédulos, os "espertos". Claro, claro: mas estes mesmos incrédulos, se por acaso derem com um cão raivoso que pretenda atacá-las, farão bem em não esquecer a lição das ondas de forma. O que devem fazer então é utilizar um chapéu de abas largas ou uma velha bacia e esgrimi-la, apresentando a concavidade ao animal que os ataca, de tal modo que este possa ver o fundo do objeto: o cão retrocederá, ladrando furioso, mas sem atrever-se a saltar sobre a pessoa protegida pela onda de forma côncava.

Outra verificação engraçada foi a que fez um granjeiro. O homem estava preocupado com suas galinhas - essas aves cuja reputação de estúpidas não é exagerada - que tinham o costume de se aglomerar num dos ângulos do galinheiro, onde viviam em semi-liberdade, formando uma massa compacta: não faziam exercício, não se deslocavam nem para comer, bicavam umas às outras até arrancar as penas, enfim, cada dia produziam menos e iam de mal a pior.

Para remediar este inconveniente, um amigo do granjeiro aconselhou-o a aplicar suas noções sobre as ondas de forma e seus efeitos. Sua iniciação era recente, e, portanto, estava particularmente desejoso de confrontar seus novos conhecimentos com problemas concretos. Quando o granjeiro lhe deu sinal verde, nosso iniciado fabricou uma espécie de chapéus hemisféricos de papel, reforçou-os com arame e os suspendeu no teto - como se fosse o refletor antes mencionado - exatamente sobre a região onde as aves aglomeravam-se umas sobre as outras. O efeito foi instantâneo: as galinhas dispersaram-se pelo galinheiro, perambulando e bicando aqui e ali, mas sem aproximar-se

sequer do ângulo para onde apontava os hemisférios de papel.
"Realmente - disse-me André Mahoux, - parece que toda forma côncava desprende "algo" cuja ação é tal que, perante ela, todos os seres vivos sentem a necessidade de se afastar e experimentam, se não o fizerem, uma sensação de grande desconforto".

O anel do ciumento

A seguir passo a expor um exemplo, bastante ridículo, mas muito explícito, que nos ilustrará sobre o poder "repelente" da onda de forma emitida pelo centro de uma concavidade.
Um amigo meu teve a sorte de ter contraído matrimônio com uma mulher jovem, bela e sedutora; mas também tem a desgraça de ser ciumento. Esta esposa demasiado formosa atrai, como é natural, os mais entusiastas elogios por parte do sexo masculino... e os acolhe com orgulhosa satisfação. O pobre Otelo sofre como um condenado e não sabe o que fazer para afugentar tantos e tão solícitos galãs. Mas não mais vivemos nos tempos felizes das cruzadas, quando o senhor, antes de partir para a Terra Santa, podia selar o cinto de castidade que manteria incólume seu bem mais precioso. Hoje, a virtude feminina carece de toda proteção que não seja ela mesma, e o homem ciumento sabe muito bem que já não há muralhas para defendê-la do assalto dos cortejadores.
Meu amigo tinha ouvido falar muitas vezes do poder das ondas de forma e, em particular, da curiosa propriedade das concavidades. Assim, um dia, ocorreu-lhe que poderia utilizar essa força invisível para manter sua mulher a salvo de qualquer tentação. Não perdendo tempo, fez com que um afamado joalheiro lhe fabricasse um anel cujo engaste consistia de uma espécie de taça emborcada, como uma corola aberta, ou um refletor, uma jóia de desenho moderno, um tanto exótica, mas elegante. Sua mulher gostou muito do presente, como era de se esperar.
A partir daquele dia, sempre que a bela levava o anel, todos os seus cortejadores, inclusive os mais atrevidos e descarados, mantinham-se

a distância. A onda de forma emitida pela concavidade da jóia os repelia. A bela, que continuava tão sedutora quanto sempre, surpreendia-se com o fato de que seus encantos não surtissem efeitos mais evidentes, mas nunca conseguiu explicar fenômeno tão curioso. Quanto ao ciumento, recuperou a serenidade. Quando tinha de sair de viagem - o que acontecia com freqüência -, insistia para que sua mulher lhe prometesse que não tiraria o anel até que ele regressasse. Para ela, parecia um tanto estranha aquela insistência, mas cumpria fielmente o desejo de seu marido: não era em vão que era boa esposa. Não suspeitava que aquele anel salvaguardava sua castidade com mais eficácia que um cinto de castidade!
A história é edificante, e sem dúvida autêntica.

A cadeira da fecundidade

As ondas de forma não só fazem sentir os seus efeitos sobre as galinhas. Também as encantadoras telefonistas da central telefônica de Southend, Inglaterra, parecem ter sido sensíveis a tais ondas. Ainda deixando uma ampla margem para o humor britânico, podemos ficar cismando sobre a surpreendente história da "cadeira de fecundidade", tal como a recolheu a agência Associated Press; senão, vejamos o texto da notícia:
"Na central te1efônica de Southend, Inglaterra, há uma cadeira que mereceu o apelido de 'cadeira da fecundidade' por parte das telefonistas que ali trabalham, as quais, ademais, negam-se a ocupá-la. A cadeira, à primeira vista, não tem nada de particular: é um móvel metálico, com o assento revestido de plástico. No entanto, a sra. Hazel Devon, sua primeira ocupante, teve de abandoná-la logo, porque engravidou. Sua sucessora foi a sra. Mondra King, de 28 anos, que tampouco tardou em ficar grávida. A sra. June Long Bottom, de 31 anos, terceira ocupante, teve a mesma sorte. 'Há três anos queria ter um filho - confiou ela a suas amigas - mas em vão'. E agora, depois de me ter sentado na cadeira da fecundidade, meus desejos, graças a Deus, foram atendidos."

Claro que nem todas as senhoritas telefonistas daquela cidade inglesa desejavam ser mães de família. E assim, ao ver que nenhuma delas queria sentar-se na ditosa cadeira, a administração local da Companhia Telefônica pensou em deslocá-la para um escritório ocupado só por homens. Mas então uma assistente social, carregada de humor e razão, fez notar que com isto a cadeira da fecundidade podia ser muito mais perigosa para os homens que para as mulheres. O que provocou a solução drástica de relegar aquela "comodidade da conversação" * para um depósito: era melhor do que vendê-la para um comerciante, que talvez lhe desse pior emprego, que já podemos supor.

* Expressão humorística utilizada por Molière para designar as cadeiras. [N. do T.]

Evidentemente, nada impede que riamos de uma sucessão de coincidências tão jocosas como as relatadas. Mas tampouco se pode negar que seria muito interessante ter a possibilidade de ver além destas aparências, ter tempo suficiente para estudar as formas desta cadeira, para determinar cientificamente se as "ondas" emitidas por tais formas - supondo que as emitam realmente e que o efeito focalizador a que nos referimos há pouco produza-se efetivamente - exercem algum tipo de ação favorável sobre a fecundidade feminina. A não ser que se trate unicamente de uma espécie de influência afrodisíaca que, ao incidir nas ocupantes da cadeira, impelisse-as a cumprir com mais ardor e assiduidade seu dever conjugal!
Apressemo-nos a rir, antes de nos vermos obrigados a tremer...

Histórias de chaminés

A caça de malefícios a que me consagro quando ausculto chãos e paredes constitui aventura repleta de imprevistos. Com cada experiência aprendo nova lição, como se dizia nos antigos livros escolares. Se quisesse descrever cada caso pormenorizadamente,

com suas características e originalidades, precisaria escrever um dicionário. Assim sendo, limitar-me-ei a citar um par de tais casos nos quais tanto as interferências das ondas de forma no ambiente vibratório geral de uma casa como suas evidentes incidências ecológicas - que no começo de minhas pesquisas radiestésicas pareceram-me desconcertantes - encontraram todo o seu sentido após o descobrimento da forma focalizadora.

O primeiro exemplo situa-se na casa de campo de um juiz cuja família - da esposa aos filhos, incluindo os criados – padecia daquela classe de doenças que já chamei, "domiciliares", ao passo que ele se mantinha forte como um carvalho... um desses carvalhos debaixo dos quais todos os juízes, desde São Luís, sonham administrar a Justiça.

O exame radiestésico confirmou minha primeira impressão: a casa estava alicerçada sobre uma vasta ruptura de forças compensadas, e as ondas nocivas verticais, emanando do solo, infestavam todos os aposentos da casa. Todos, à exceção do gabinete de trabalho do juiz, ou mais exatamente uma parte dele: um retângulo muito preciso e delimitado, que compreendia desde a chaminé até a parede de frente e em cujo centro encontrava-se a escrivaninha e a cadeira. Esta zona estava perfeitamente sadia e isenta de toda radiação telúrica nociva. Restava descobrir a razão de semelhante imunização anormal.

No entanto, a causa da inesperada bênção estava ali mesmo, bem à vista, concreta e aparente como o nariz no centro do rosto: era a chaminé! Uma chaminé com abóbada, em arco, de forma inusitada. E era esta forma peculiar que emitia um tipo de ondas poderosas o bastante para reequilibrar, naquele aposento, o ambiente vibratório perturbado pela ruptura de forças. Assim não havia nada de surpreendente no fato de o juiz, que passava longas horas sentado frente à sua mesa de trabalho para estudar os processos, continuar gozando de perfeita saúde, enquanto que sua família piorava.

O segundo exemplo fala-nos também de uma chaminé, mesmo que a moral da história seja o inverso. Trata-se, de fato, de um casal que morava num castelo. Ambos viveram muitos anos em paz e harmonia, até o dia em que fizeram instalar em seu dormitório uma exótica,

maravilhosa, adorável lareira de mármore rosa e branco: era uma jóia do barroco italiano, que os cativara quando a viram num antiquário, e da qual se enamoraram imediatamente.
Pois bem, apenas instalada a lareira contra a parede, bem à frente de sua cama, começaram a chover tantas desgraças sobre suas cabeças e sua casa que não tardaram em sentir-se preocupados. Estavam certos de que semelhante encarniçamento da má sorte devia ter alguma causa, mas em sua desorientação não davam com ela. Quando me chamaram em sua ajuda, não duvidei em denunciar como culpada a esplêndida bomba de infelicidade que tinham instalado em sua intimidade: aquela maravilhosa lareira rococó cujas formas e relevos emitiam ondas maléficas capazes de atacar a saúde do casal que dormia submetido à sua radiação durante toda a noite, impregnando-se de radiações V - tão perigosas para a saúde como para a felicidade das pessoas.
Uma vez removida e devolvida ao antiquário a lareira, tudo voltou a seu estado normal no castelo; quer dizer, o destino recobrou seu curso habitual, que para aqueles privilegiados era o da tranqüilidade e felicidade.

O milagre das pirâmides

Agora passemos do anedotário à história e à arquitetura mais grandiosas, à investigação de uma expressão a mais espetacular possível dos efeitos produzidos pelas "ondas de forma". Para tanto, devo evocar de novo as surpreendentes propriedades das pirâmides. Segundo a opinião praticamente unânime dos egiptólogos, a conservação das múmias faraônicas deve-se em grande parte à forma peculiar das pirâmides onde foram depositadas há milhares de anos.
Prestemos atenção às palavras de Dimitri Merejkovski, estudioso profundo dos mistérios do Egito: "Os cientistas que levaram à cabo as escavações de Deir el-Bahari, perto de Tebas, em 1881, encontraram os corpos incorruptos dos Tutmés, dos Ramsés, dos Amenófis. Maspero conta que coube a ele desenfaixar as múmias, e que

encontrou os corpos quase brancos. Este achado pareceu tão milagroso que ninguém quis acreditar. Na tumba de Izinrhebe, rainha da XX dinastia, encontraram as frutas do banquete funeral tão frescas que se podiam ver as marcas dos dedos nas tâmaras..."

Para o físico, para o matemático, para o geômetra, que é uma pirâmide? Simplesmente a associação de quatro triângulos equiláteros, um sistema pentaédrico que descansa sobre um quadrado. Merejkovski propõe uma definição mais poética, mas não por isso menos exata: "Triângulos perfeitos que, erguendo-se da terra, unem-se num único ponto do firmamento".

Pois no interior destas pirâmides - tanto as autênticas, as do vale do Nilo, como as reproduções em miniatura que, não obstante, respeitam as proporções dos modelos - produzem-se fenômenos que só podem ser explicados por efeitos de ondas de forma singulares e poderosas. Por exemplo, a substância viva não sofre necrose alguma; parece que fica fora do alcance das substâncias químicas degradantes, de modo que a carne fica dura, mas não apodrece (ela se desidrata e se esteriliza), e a clara de ovo cristaliza-se, ao invés de apodrecer.

Este fenômeno de mumificação produz-se num ponto exato da pirâmide que coincide, mais ou menos, com seu centro de gravidade. Na opinião de André Mahoux, o caráter deste fenômeno poderia ser bem provavelmente elétrico.

"Todas as observações que realizei no interior das pirâmides - confessou-me ele - demonstram que ali há realmente um campo eletrostático muito localizado na linha que une o vértice com o centro da base e nos arredores da terça parte desta linha, a partir da base."

Concluindo, pode-se deduzir que o efeito focalizador da forma piramidal é o que faz com que este campo de força converta-se em operacional.

Os campos de força desconhecidos estão disponíveis

Por mais breve e esquemática que seja nossa análise deste domínio ainda obscuro das ondas de forma, não resta dúvida de que será

suficiente para que tenhamos a certeza de que os campos de força - campos de amplitude considerável e que ultrapassam os campos magnéticos mais poderosos que podem ser engendrados em nossa época - existem realmente ao nosso redor e estão, de certo modo, disponíveis, prontos para serem utilizados por quem saiba fazê-lo, quer inventando um método ou redescobrindo os segredos de uma técnica perdida há milhares de anos.
Em suma, creio que deve ser aceita como válida a esperança de nosso cientista eletrônico, que declara: "Estes campos apresentam entre si vetores erráticos, do mesmo modo que uma luz dispersa por um gás não costuma ser coerente. Se estes campos pudessem ser tornados coerentes (no total ou em parte) num ponto do espaço, poderíamos dispor de quantidades consideráveis de energia. Com isto aumentar-se-ia o campo da pesquisa física numa medida dificilmente imaginável".
De minha parte só posso acrescentar uma coisa: amém!

As comodidades da religião

Quando os lugares estão perturbados, quer por recordações trágicas ou dolorosas reverberadas pelas paredes, quer pela maldição ditada por uma pessoa má, ou "pelo mau olhado de um morador", os dispositivos eficazes contra as radiações telúricas e cósmicas não deixam de ser um recurso muito mais fraco, se se deseja sanear o ambiente. Nestes casos, a solução do problema deve ser buscada num domínio mais esotérico.
Deixando de lado os meios tradicionais que todos conhecem ou que cada um inventa por si mesmo de acordo com a superstição que professa, quero insistir agora exclusivamente nas incomparáveis comodidades que oferece a religião - graças às suas cerimônias, suas orações, exorcismos e sacramentos - quando se trata de purificar uma

casa e protegê-la das influências nocivas.
Assim que a garra do Diabo estampar sua assinatura - de modo até mesmo duvidoso e quase imperceptível - nas manifestações do malefício, assim que aparece o mínimo indício do cheiro de enxofre no ambiente, não se deve duvidar nem um instante em chamar a quem, por unção ou profissão, esteja de posse do privilégio de ter autoridade sobre os demônios. Em tais casos, a ação do sacerdote é decisiva... sempre que se leva a cabo com fé e energia.
Desgraçadamente, os novos sacerdotes perderam o senso do sagrado; têm vergonha de serem confundidos com os sacerdotes-bruxos das religiões animistas. Aceitam a ingrata tarefa do militante e do missionário, mas rechaçam a honra de servir de intermediário entre dois mundos, de ser viajantes dos mistérios, fazedores cotidianos de milagres. Para eles, Deus já não é Sabaoth, mas o Ponto Ômega, o Grande Fim. Deixaram de crer nas orações que fazem chover, nos ramos bentos que protegem do mal, no incenso que afugenta os demônios, no valor do rito, na eficácia do sagrado sobre o profano; deixaram de crer nos poderes que estão dotados e consideram ridículo aparentar que os utilizam.
Pude constatar em muitas ocasiões a fraqueza de alguns destes novos sacerdotes. Um deles, por exemplo, depois de ter acolhido com superioridade e ironia uma senhora que pedia sua intervenção para benzer uma casa devastada por um malefício evidente, ao fim não pode negar-lhe categoricamente a caridade de seu ministério, e foi com ela até a casa, levando consigo estola, breviário, água benta e grãos de incenso. Uma vez no lugar, despachou a cerimônia bem depressinha, enquanto interiormente ria da ingenuidade da velha beata. Mas, apesar de seu ceticismo, o remédio surtiu efeito ali onde o aplicou corretamente; quer dizer, em todo o edifício, à exceção dos armários embutidos, vestíbulos e privadas, pois neles o jovem cura julgara supérfluo entrar. Também ficou sob a influência nociva o batente da porta principal, já que a apressada cerimônia se iniciou "intra-muros".
Esta casa havia sido construída sobre o que outrora fora uma fossa

comum. Historicamente, o lugar estava maldito por todos os pecados e crimes cometidos nele. Mas os construtores modernos, que não recuam perante nada - muito menos perante contingências como esta -, levantaram ali uma casa. Os primeiros inquilinos dos oito apartamentos de que se compunha o edifício sucumbiram imediatamente às terríveis acometidas do infortúnio ou da enfermidade. Alguns, mais espertos, fugiram sem perda de tempo; os demais terminaram afogados pelas desgraças. Então, compreendendo a gravidade do assunto, a proprietária chamou em seu auxílio o pároco. Mas, aquele cura cometeu o erro de não levar a sério a sua tarefa: o mal foi contido, mas não eliminado. Resultado: nos cinco apartamentos que continuavam ocupados contaram-se num só ano, três falecimentos por enfermidade, duas mortes violentas por acidente, o suicídio de um menino de catorze anos, dois divórcios, duas condenações penais...
O conhecimento deste caso fez-me concluir que é muito melhor recorrer a leigos iniciados que a clérigos dessacralizados. Falta-lhes a unção, claro, mas a iniciação lhes permite igualmente atingir o cerne do mal. Conhecem a oração que deve acompanhar o incenso, a oração que deve fortalecer o conjuro. E, quando são honestos e desinteressados (o que às vezes sucede), estes bruxos triunfam sobre as forças ocultas com uma facilidade surpreendente e uma autoridade superior à dos sacerdotes pusilânimes.

A pedrinha mágica

Feita esta ressalva, compreendo muito bem que a gente séria (quer dizer, incrédula) deseje ir além dos remédios das benzedeiras, das farsas, das cerimônias e ritos que requerem a colaboração do sacerdote ou bruxo. Afinal de contas, é natural que um homem moderno, instruído, civilizado, prefira resolver por seus próprios meios os problemas "domiciliares" nos quais tropeça cotidianamente.
Pois bem: poderá fazê-lo, se realizar com constância e pontualidade um certo exercício, aparentemente absurdo. Trata-se de um

procedimento recomendado pelos mais prestigiosos doutores na ciência talismânica e que permite, com efeito, adquirir autoridade não só sobre as influências anárquicas, perniciosas, que podem devastar uma casa, mas também sobre todas as demais forças que interferem na vida corrente.

Qualquer um que deseje possuir a faculdade de fazer ou proibir pode forjar para si, sem temor de se ver defraudado, uma arma absoluta da qual poderá fazer um uso soberano tanto para o bem quanto para o mal. Mas felizmente uma arma tão terrível é equilibrada pela lei do bumerangue, da compensação: quem abusar desta faculdade pagará mil vezes mais do que tiver recebido, perderá mil vezes mais do que o que conquistou.

Falta explicar em que consiste semelhante processo avalizado por tão ampla garantia de eficácia. Chegamos aqui a esse delicado momento em que os contos de fadas tornam-se realidade e a abóbora converte-se realmente em Rolls-Royce. Sei que escrevo para adultos razoáveis, não para crianças desprovidas de senso crítico... Bem, basta de preâmbulos. Com absoluta responsabilidade afirmo mais ainda: prometo às pessoas valorosas que realizem escrupulosamente o exercício que vou descrever, prometo-lhes que, se o fizerem, terão influência e poder sobre a matéria inerte, sobre os seres vivos, sobre os acontecimentos, sobre os incidentes, uma influência e um poder como só a varinha mágica foi capaz de deixá-los entrever em seus sonhos infantis. Eis aqui a receita: recolha uma pedrinha na praia ou na montanha - qualquer uma serve -, leve-a para casa e coloque-a sobre um armário ou sobre uma estante alta, num lugar relativamente difícil de alcançar. A seguir, toda noite, na hora em que costuma dormir mais profundamente, deverá despertar, levantar-se da cama e realizar o seguinte gesto, perfeitamente gratuito e absurdo: dar uma volta na pedrinha, só uma vez, sem brusquidão nem mau humor, aplicando toda sua vontade para transferir-lhe o mérito do esforço que acaba de fazer, levantando-se em plena noite com o exclusivo objetivo de tocá-lo.

Este exercício deve ser executado 365 noites seguidas, sem

interrompê-lo sob nenhum pretexto. Ao fim deste prazo, você estará de posse de uma pedrinha dotada de um poder prodigioso e com uma carga energética que, dirigida judiciosamente, permitir-lhe-á ter êxito em qualquer empresa, dominar os seres e os acontecimentos. Para você, esta pedra mágica será capaz tanto de purificar sua casa de qualquer radiação nociva como de despertar em seu proveito a Bela Adormecida, ou colocar em seu automóvel pneus de sete léguas, ou lhe abrir os cofres de Ali Babá, ou fazê-lo ganhar a sorte grande...
Não diga: "É impossível!". Não sorria, dando de ombros. Antes, comece a experiência nesta noite mesmo. Dentro de um ano e um dia, será senhor de uma força moral que não tem equivalente nem precedente. Trata-se quase de um desafio pascaliano: como negar-se a aceitá-lo, quando o convite é tão importante?

7. O FANTASMA É INOCENTE

Pensativa, no mais recôndito dos bosques, Fedra perfurava as folhas de um mirto verde com seu grampo para o cabelo.
Victor Hugo

Tudo o que escrevi neste livro discuti primeiro com amigos ou informantes. Com o intercâmbio de dados e argumentos, confidências e objeções, o pensamento vai e vem de um "não" a um "talvez", o que leva a que a própria convicção se arraigue mais e mais solidamente.
Nesta investigação, neste discorrer intelectual nada sistemático nem premeditado, comportei-me sempre como o explorador de vanguarda

cuja missão, nos corpos de cavalaria onde tive a honra de servir, resume-se em dois verbos: ver e informar.
Primeiro, vi: constatei que determinadas casas - ou melhor, muitas casas - exerciam fortíssima influência direta sobre a saúde, a moral, a felicidade e a boa sorte de seus habitantes. Busquei explicações razoáveis para este fenômeno surpreendente: como e por que materiais inertes, reunidos com ou sem habilidade num dado lugar, podem ter uma ação tão poderosa no comportamento e no devir dos seres vivos?
No esclarecimento deste mistério das casas, contei com a colaboração da ciência e da magia (cada uma delas de acordo com seus métodos), do empírico e do ocultista, do físico e do bruxo, do arquiteto e do mago, do biólogo e do magnetopata.
E assim finalmente cheguei - como se pode comprovar nas páginas precedentes - à convicção de que a saúde de uma casa, sua inocuidade para quem a habita, depende: do terreno sobre o qual se alicerça, dos materiais com que foi feita e, por fim, das recordações registradas pela memória das paredes.
Nos capítulos anteriores tratei amplamente de cada um destes três pontos. Mas existe um quarto ponto sobre o qual me verei obrigado - tenho consciência disto - a me pronunciar, por mais que me esforce por evitá-lo: é o problema das casas assombradas.
Se quisermos nos entender, porém, devemos pôr-nos de acordo sobre o sentido das palavras. Assombradas por quem? Por aparições, por fantasmas?

Prisioneiros condicionais do além

Enquanto poeta e amante do maravilhoso, tenho em grande estima os fantasmas. Mas, desgraçadamente, não existem. São como as estrelas cinematográficas: são vistas em certas circunstâncias, sob determinadas condições e em lugares específicos. Sua existência é só uma ilusão de presença. As Garbo e as Bardot, claro, vivem em algum lugar; mas este lugar é um mundo distinto do que habita a gente

comum. Nós só conhecemos sua representação sobre uma tela luminosa, para nós suas curvas são impalpáveis. Que lástima! No entanto, a ilusão é tão perfeita que engana tanto ao coração quanto à imaginação. O mesmo sucede com os fantasmas: vemo-los agir perante nossos olhos, comportar-se como se tivessem existência real, mas são prisioneiros condicionais de um além de onde só as imagens podem escapar. Nas salas escuras, tal como nos castelos assombrados, tem lugar um milagre cientificamente demonstrável: o das imagens animadas.

Os fantasmas que habitam determinadas casas são, na verdade, uma projeção das lembranças registradas pela memória das paredes. Aquelas testemunhas de boa-fé que os viram não tiveram, de modo algum, relações inquietantes com seres que regressaram do além; só assistiram à projeção de um filme cuja ação real desenrolou-se outrora no mesmo cenário onde agora eles o estão vendo. Esta é, ademais, a explicação do local exclusivo, da fidelidade dos fantasmas a um mesmo lugar: um fantasma nunca sai de casa, nunca é surpreendido na rua, nunca come num restaurante. Os fantasmas nunca podem aparecer senão em seu cenário original, no espaço limitado pela rua e o jardim, o cenário de seu teatro particular.

Pode semelhante filme, quando é projetado regularmente numa casa, perturbar o ambiente vibratório de um lar normal? Pessoalmente, não o creio. Em todo caso, seus efeitos não têm comparação com os da agressividade violenta das ondas nocivas, abstratas ou concretas, que atacam em profundidade a morfologia, a sensibilidade e a mentalidade do indivíduo.

Deus ou o Diabo

É conveniente não confundir fantasmas com aparições. Os primeiros não são mais que imagens móveis. As segundas são uma realidade: existem independentemente de qualquer recordação, de qualquer passado, de qualquer cenário. Procedam de Deus ou do diabo, são capazes de transtornar o ambiente da casa onde se manifestam e de

modificar o destino dos que a habitam.
Afortunadamente, estas aparições são bastante raras. As casas que gozem de sua presença são nem mais nem menos que "santuários", tais como aqueles cujas características estudamos em capítulo precedente. Conhecemos os perigos e as indulgências que derivam de tais lugares, segundo sua "consagração" tenha sido benéfica ou maléfica. Por conseguinte, abandonaremos este tema particular para insistir nos clássicos fantasmas, que ao que parece nunca deixarão de alimentar a imaginação popular.

Um fantasma fotogênico

Os caçadores de fantasmas sempre voltam com o rabo entre as pernas. Mas um inglês, chamado H. Price, obteve um dia, sem querer, um êxito particularmente brilhante: no decurso de uma investigação que realizava em Londres, em 1934, fotografou a biblioteca de uma casa onde lhe disseram que habitava um fantasma. Isto não teria maior transcendência se a tal biblioteca não tivesse sido o aposento preferido pelo fantasma em questão e, ademais, não estivesse vazia no momento de impressionar a chapa. Porque, uma vez revelado o negativo, Price descobriu a presença de um cavalheiro lendo seu jornal, comodamente instalado em sua poltrona. Tratava-se do antigo proprietário da mansão, falecido havia anos. O fantasma, que era invisível durante o dia, e só se manifestava à noite, deixara-se surpreender pelo "flash" de uma câmera.
Consta-me que aqui não houve fraude nem truque, o que prova que o sr. Price era honesto. Por outro lado, nosso inglês tampouco era ingênuo, e se algum engraçadinho quisesse divertir-se às suas custas ele perceberia e teria recorrido ao proverbial humor britânico para rir de si mesmo. Em conseqüência devemos admitir, devemos crer que realmente conseguiu a façanha impossível: fotografar um fantasma!
E então? Perante semelhante prova, é possível continuar negando a existência dos fantasmas? Claro que sim! Tratarei de apresentar minha conclusão em poucas palavras.

Este fantasma que se deixou fotografar tranqüilamente não era um espírito que voltou, mas antes (se me permitem dizer assim) um espírito que ficou. Em vida, o gentleman fora registrado pela memória das paredes, e, agora que estava morto, sua lembrança era reverberada por elas cada vez que se davam as condições indispensáveis para tal. Assim, Price acreditou ver em seu negativo um verdadeiro fantasma, quando na verdade só se tratava da fotografia de uma fotografia, do filme de um filme.
Esta teoria, esta hipótese seduziu-me durante muito tempo, até me convencer. E hoje, graças a ela, já não tenho o menor problema com as casas assombradas. O fantasma é inocente e, portanto, há que buscar um outro culpado. Os ruídos, os golpes na parede, o deslocamento de móveis, todos estes fenômenos "fantasmagóricos" têm, quase sempre, uma causa natural e que acaba sendo descoberta. Do contrário, devemos acusar o diabo, a quem, aliás, não é difícil reconhecer: tem seu estilo próprio! (O santo Cura d'Ars sabe algo disto). Seja como for, não se deve confundir os demônios perturbadores - que é preciso exorcizar o quanto antes - com os bonachões fantasmas, que são os guardas da casa e o encanto das velhas mansões.

Um filme invisível sem tela

Talvez fosse oportuno agora precisar algumas explicações técnicas a propósito das aparições de fantasmas, dos procedimentos para revelar estas imagens antigas que se conservam em meio às pregas de um éter sutil, do mesmo modo que os sons conservam-se nos sulcos de um disco e depois se manifestam por meio de uma simples agulha.
Mas quem será capaz de realizar uma análise clara e cientificamente aceitável de semelhante milagre? Não eu, já vou dizendo.
De fato, quanto a mim só posso tratar de divulgar as explicações existentes acerca da hipótese e o mecanismo do fenômeno. A partir daí, que cada um tire suas próprias conclusões.
Todo ser vivo está dotado de uma radiação mais ou menos intensa,

segundo sua personalidade e o ardor que ponha na realização de certas ações. Muito bem: como vivemos num mundo fechado, esta radiação não se perde, mas é absorvida ou refletida pela decoração e, por fim, inscreve-se de modo durável nesse éter misterioso que é como a trama da atmosfera fechada na qual todos estamos encerrados.

É exatamente como se cada um de nossos gestos estivesse fotografado sobre uma película invisível e impalpável. Sob determinadas condições, e sob o efeito de certos agentes físicos ou químicos, esta fotografia pode ser revelada: então vemos aparecer realmente, sobre a tela imaterial da quarta dimensão, o morto repetindo os gestos que fizera em vida.

A aparição de um fantasma não é outra coisa que um filme sem relevo projetado sobre a tela sem espessura do que eu chamaria de nosso éter secundário. Nos meandros de nossa atmosfera ficam inscritas, mais ou menos indelevelmente, todas as imagens. Bastará encontrar o meio de revelá-las para que possamos, à vontade, reviver a execução de Mary Stuart ou a batalha de Waterloo.

Mas esta hipótese (sustentada por mim já há muito tempo) já não me parece totalmente satisfatória, sobretudo depois da recente visita que fiz, em Montfort-sur-Argens, ao que no passado foi a sede da comunidade templária, um lugar ao qual me referi brevemente (p. 111) nos "casos dignos de atenção".

O proprietário deste castelo, sr. Gérard Couette, não é em absoluto um desses mecenas ricos, estúpidos e bem-intencionados para quem a salvação de velhas pedras é um esnobismo cultural. Trata-se de um arqueólogo, mas conta com a originalidade de se interessar mais pela alma que pelo corpo dos edifícios antigos. E assim, estudando as paredes que foram o lar dos templários, tratando-as, este homem inteligente soube fazer falar a memória delas, descobrindo coisas tão terríveis quão comoventes.

A história deste castelo está salpicada de acontecimentos, de segredos, de misticismo e de violência. Após a excomunhão e dissolução dos Cavaleiros Templários, o edifício passou a ser, durante

muitos séculos, propriedade da Ordem de Malta. Nos tempos da Revolução, foi saqueado pelo populacho. Depois se transformou em prisão e serviu de ante-câmara de tortura para aristocratas, padres, honrados suspeitosos... enfim, para todas as vítimas do Terror. Em dita época multiplicaram-se as cenas de tortura e libertinagem em todos os andares do castelo, da cripta até o topo das torres; quer dizer, nos mesmos lugares que em outra época deveriam ter presenciado a realização de experiências alquímicas, cerimônias de alta magia, iniciações dos cavaleiros, e talvez mesmo ter escutado diálogos com Deus! Semelhante quantidade e variedade de recordações pode acabar formando, quando as paredes decidem começar a recitar sua lição de cor, uma mistura explosiva. Isto é precisamente o que pude verificar em minha estada em Montfort.

No "occultum" de Montfort

Depois de maculado pela revolução, o nobre edifício foi abandonado à própria sorte. As ruínas começaram a sepultar os mistérios e as lembranças. Até que um dia o sr. Gérard conseguiu - à custo - adquiri-lo.
A partir de então encetou-se, bem ou mal, um trabalho de restauração inteligente e respeitoso, que lentamente devolveu ao castelo seu teto e sua dignidade. Hoje as torres estão de novo cobertas, as feridas exteriores cicatrizaram, as janelas já não estão escancaradas. A bela sede dos templários, com seu rosto chato e tez loura, volta a contemplar do alto seu povoado e seu rio, velando por eles nas alturas do vale do rio Argens.
Evidentemente, encontramo-nos perante um monumento histórico a mais que foi salvo, e em boa hora! Mas também nos encontramos perante uma vitória de outra ordem, muito mais importante, muito mais secreta: uma vitória sobre o tempo e as ruínas. De fato, o proprietário do castelo conseguiu encontrar, na espessura das paredes trabalhadas antigamente graças à arte dos monges guerreiros, os vestígios de gabinetes misteriosos, escadarias secretas, passagens

ocultas. Uma destas desemboca num pequeno aposento sem porta nem janelas, abobadada e pavimentada com cerâmica de cor vermelho escuro. Hoje sobe-se ali através da cripta, por uma brecha feita por Gérard Couette quando descobriu este occultum ignorado, inutilizado há muitos séculos, e onde se acumularam, sem dúvida, terríveis remanências.

Quanto a mim, nunca estive em nenhum outro lugar do mundo onde alguém se sinta tão exposto às forças invisíveis, desconhecidas, contraditórias, opressoras, euforizantes, desequilibrantes, dissociadoras. Ali o homem normal perde rapidamente primeiro o senso da orientação e do equilíbrio, depois a noção do tempo e, por fim, sua integridade física.

Não tive coragem de prolongar por muito tempo a experiência; mas por mais curta que fosse, nunca antes - nem depois - em minha vida tive sensação tão estranha, tão angustiosa e tão estimulante como aquela com que me deparei em minha passagem pelo occultum de Montfort.

Sentia-me imerso num torvelinho de vibrações, num furacão invisível e silencioso onde se desencadeavam as correntes telúricas e cósmicas, as ondas de forma e, em suma, todas essas radiações que atacam o homem no campo fechado de uma casa - cuja origem e forma de atuar procurei explicar neste livro - sem esquecer, naturalmente, das ondas abstratas, as ondas de pensamento... que fulminam as proibições e as maldições e abrem abismos sob os pés do intruso. E, como impressão superposta, sobre aquele caos de forças provenientes de todos os pontos do horizonte, a memória das paredes projetava ininterruptamente imagens alucinantes!

Posso afirmar que naquele aposento abobadado tiveram lugar em outras épocas cenas de abominação mística, talvez sacrifícios humanos e inclusive imolações de meninos recém-nascidos, como dão a entender os resultados das investigações da "memória anterior" e as experiências de médiuns realizadas ali. De qualquer modo, as tempestades espirituais desencadeadas no occultum de Montfort impregnaram-no de uma ozona irrespirável para os pulmões

modernos.

Antecâmara das almas

No castelo dos templários há outros "gabinetes de reflexão" que estão "carregados" quase tão fortemente quanto o occultum. Mas sua "carga" é muito menos dramática, menos agressiva e menos traumatizante para o visitante.
Raspando - em certos pontos que as primeiras luzes da iniciação designam - a capa ignóbil que recobria as paredes, Gérard Couette achou siglas e figuras mágicas, assim como também os sinais dos cavaleiros que meditaram naqueles redutos e que, por vezes, tentaram realizações impossíveis, das quais com certeza tiveram de se arrepender depois.
Se nos deixarmos guiar pelos muitos indícios que não permitem dúvida, comprovaremos que sua presença e sua influência ainda se fazem sentir. Amistosas ou hostis? Benéficas ou maléficas? Depende. Depende da virtude do fantasma e depende da qualidade de quem vive.
Até o presente, em todas as manifestações que têm por cenário a sede dos templários em Montfort, nada há que contradiga minha teoria sobre as aparições e casas mal-assombradas. Nada indica que as sombras que deambulam durante a noite pela sala de armas, sobem pelas escadas, cruzam os aposentos, abrem portas fechadas ou arrastam móveis não sejam "fantasmas fotográficos" revelados pela decoração.
E mais: quase parece uma confirmação de minha teoria o fato de que um dos fantasmas tem o costume de sair do aposento que visita regularmente atravessando a parede pelo lugar exato onde outrora houve uma porta, substituída hoje por uma parede sólida. Se este fenômeno de assombração é só um filme do passado, como creio, o que não deixa de ser surpreendente mesmo para mim é que seja também um filme sonoro: quando a porta imaginária abre-se para dar passagem à forma imaterial, pode-se ouvir claramente o chiado dos

gonzos.
Por outro lado, a mão lívida que aparece quase permanentemente estampada na parede de um dos aposentos, sempre no mesmo lugar, à direita da monumental lareira, também pode ser uma remanência fotográfica do passado: por exemplo, a recordação visível de um prisioneiro que sofreu ali muito tempo, encadeado pelo pulso a esta altura da parede. Por ser assim, esta aparição espectral é muito simplesmente a marca e o símbolo persistentes de seu suplício.
Chego agora ao ponto em que minha teoria não pode explicar de modo absolutamente satisfatória determinadas manifestações observadas na sede dos templários. Trata-se de um acontecimento que não pode fazer parte de projeção de um filme do passado, pois põe a agitação dos fantasmas em contato direto com os incidentes da vida atual, sendo estes a causa daquela. Realmente, sempre que morre um habitante de Montfort-sur-Argens produz-se no castelo uma agitação extraordinária, como um ir e vir estrepitoso e queixoso de sombras que sobem do occultum através da passagem secreta, até o topo da torre do Oriente. Dir-se-ia que os cavaleiros defuntos despertam de seu sono eterno para dar as boas-vindas a seu novo companheiro e facilitar-lhe a entrada no outro mundo.
Esta é, ademais, a opinião do dono do castelo, que a compartilha com outros entendidos no assunto. A sede dos templários em Montfort faz às vezes de ante-câmara das almas entre o aqui e o além. É, ao mesmo tempo, uma vocação original e um privilégio persistente deste lugar onde o espírito sempre esteve presente.
Ao fim desta viagem que leva à aurora sinto-me menos seguro de minhas convicções racionais. Se existem estes guias das almas, que seus fantasmas se dignem perdoar-me por ter duvidado de sua realidade. Doravante gostaria de poder segui-los mais de perto em sua ascenção, compreendê-los melhor em sua ingrata tarefa, e para tanto me agradaria que agora tivessem a deferência de... armar-me Cavaleiro Templário!

Um caso extraordinário de "assombração perfumada"

Ninguém se surpreende ao ver fantasmas. Todos se acostumaram às casas assombradas. Nem sequer os ruídos assustam mais. Os vivos ficaram familiarizados com os mortos. Ver e ouvir já não basta para convencer os céticos, pois estes fenômenos, se bem que continuem inexplicáveis, constituem a periferia do sobrenatural: trata-se de uma viagem que já não desorienta.

Outra coisa muito distinta são os casos de "assombração perfumada". Encontramo-nos aqui com manifestações provocadas pelo invisível e que só podemos perceber por meio de um sentido: o do olfato. As testemunhas e as vítimas desta particularíssima forma de assombração vêem-se muito mais afetadas - e mesmo aterrorizadas - por esta intrusão de um mistério olfativo em seu universo sensível que pelo eventual encontro com uma aparição, um ectoplasma ou um redivivo. A razão é simples: o que se vê e o que se ouve pode ser o produto de uma alucinação visual ou auditiva; não é preciso ser "louco" (no sentido que a boa gente dá ao termo) para acreditar, ver ou ouvir coisas que na realidade não existem, pois afinal estes pequenos erros são muito comuns e não expressam outra coisa senão um certo alheamento ou sensibilidade poética refinada. Mas um odor, quando é percebido, deve ter uma origem concreta, provir de algo. A alucinação olfativa é pouco freqüente e é inquietante experimentá-la, pois representa sintoma de alienação mental, histeria ou epilepsia.

Por causa de um debate televisado tive ocasião de expor um caso verdadeiramente característico de "assombração perfumada", mas vi-me obrigado a interromper o diálogo com outro convidado, psicanalista, porque este se aferrava à objeção médica citada. E, como não me considero nem louco, nem histérico, nem epiléptico - como tampouco o são as dezenas de pessoas que constataram o fenômeno e perceberam o cheiro -, todo o diálogo acerca do tema era impossível.

O caso em questão aconteceu num castelo dos arredores de Valenciennes. Um dos aposentos do primeiro andar tornara-se

inabitável por causa do odor infecto, um odor de putrefação e morte que parecia brotar dos pés da cama a intervalos irregulares; porque aquela peste abominável, insuportável, não permanecia estancada no quarto, mas se manifestava de vez em quando, segundo um ritmo de emissão imprevisível para todo aquele que não fosse quem o ordenava.

Mas quem podia ordená-lo? Supunha-se, mesmo sem provas. Sem dúvida, o que ninguém nunca pôde descobrir foi como, por que meio "mágico" ou natural difundia-se o odor. Aquele perfume de morte carecia de causa e fonte; simplesmente existia, era percebido e mantinha aterrorizados os habitantes do castelo.

Naquele lugar assombrado - assombrado por um odor, não por um fantasma - vivia uma família burguesa típica. O pai, diretor de uma importante fábrica, ex-aluno da Escola Politécnica, racionalista (como não poderia deixar de ser!) e pouco disposto a crer nas interferências do sobrenatural na vida cotidiana, cansou-se de buscar a causa real, a fonte do odor, o rato morto, a fuga de gás malcheiroso, a goteira, a emanação de esterco... que sei eu! Tudo em vão. O piso foi arrancado pedra por pedra, desinfetado, substituído por ladrilhos novos. O odor persistia. Então refizeram o piso totalmente, sem encontrar nada de suspeito ali. Finalmente passaram às paredes, que foram sondadas, exploradas, reparadas, revestidas de novo. Em suma, todo o aposento foi revistado, restaurado palmo a palmo, e o odor de morte continuava sendo percebido.

A dona-da-casa, que não era ex-aluna da Politécnica, chamou o pároco para que expulsasse o malefício perfumado à força de bênçãos e sacramentos. Mas tampouco esta intervenção obteve melhores resultados que a dos pedreiros e pintores.

Por fim, já não sabendo a quem recorrer, foi a vez dos bruxos, radiestesistas, exorcistas, magnetopatas, naturopatas, engenheiros de poluição e higiene, videntes, cartomantes, em suma: todos os guardas florestais do desconhecido, todos os pastores das forças invisíveis (não vou continuar, mesmo que os haja ainda mais pitorescos). Mas nenhum deles foi capaz de fazer desaparecer o odor, e muito menos

averiguar de onde poderia vir, por que meios poderia fazê-lo ou quem poderia ser o autor responsável da "assombração perfumada". Nada.
De minha parte, e como eu estudei o problema, se bem que não possa dar-lhe solução, atrevo-me ao menos a arriscar uma hipótese.
Os interessados estão de acordo sobre a origem do malefício: acusam a uma mulher que os quer mal de ter lançado contra eles este diabólico sortilégio, e de o fazer, e não por si mesma, por intermédio de um bruxo.
Creio, até certo ponto, nas práticas da magia negra, nessas terríveis agressões psíquicas cujos efeitos sobre vítimas indefesas pude constatar com freqüência. Mas neste caso o singular é a expressão do malefício: um odor que todos percebem, não somente aqueles a quem é destinado. Assim, não se trata de sensação subjetiva, mas de um fato objetivo, uma realidade.
Nestas condições, como explicar que um odor possa nascer do nada? O aroma de violetas ou rosas é sinal de santidade, prenúncio válido de uma presença celeste. Pelo contrário, o enxofre ou matéria putrefata é sinal de manifestação diabólica. Mas no castelo em questão, no seio de uma típica família francesa e cristã, não há nenhuma razão plausível para que o demônio sinta necessidade de operar uma intervenção espetacular. Por conseguinte, tudo parece apontar para o simples resultado de uma operação mágica realizada por um ser humano vivo. A partir daqui só resta saber por que métodos consegue o mago ou maga negra infestar à distância um quarto, ao extremo de tornar sua atmosfera irrespirável.
Oferecem-se-nos hipóteses. A primeira tem caráter geofísico: uma linha de ruptura das forças compensadas atravessa o castelo e é possível que as ondas "portadoras" que emanam dessa corrente subterrânea tenham sido carregadas, muito longe dali, pelos eflúvios abomináveis que, modulados por uma freqüência mágica, dirigir-se-ão para o quarto que convém invadir e que fará, às vezes, de caixa de ressonância.
A segunda hipótese inclina-se para a clássica explicação do repetidor fluídico, que deve ser procurado no interior do castelo. Não

esqueçamos que há crianças na família, e os adolescentes são centros psíquicos motores muito vulneráveis a estas emissões de ondas abstratas. Assim é possível que as crianças sejam utilizadas, sem que tenham consciência, como repetidores, e que transmitam as emissões que recebem por meio de uma antena direcional de sugestão.
Talvez haja uma terceira solução mais satisfatória. Deixo aos pesquisadores que se interessem por este tipo de mistério a honra de encontrá-la.

Quando Paco Rabane fazia estourar as janelas do metrô

A "assombração perfumada" é certamente a mais inquietante e a mais incômoda de quantas assombrações possam afetar uma casa. Um odor indelével cuja causa é de origem sobrenatural pode enlouquecer, a longo prazo, quem deve suportá-lo, enquanto que com um fantasma qualquer é sempre possível acostumar-se.
Tal é a opinião de Paco Rabane, o curioso artesão da alta costura que tem suas oficinas na rua Cherche-Midi, no que teria sido o palácio particular de d'Artagnan. Mas, segundo me confessou ele mesmo, Rabane vive num apartamento habitado pelo fantasma de um sacerdote amável e bonachão, que lhe abre as portas e às vezes se permite a familiaridade de dar palmadinhas nas costas dos convidados.
Não há nada surpreendente no fato de que semelhante artista domestique os fantasmas, pois ele mesmo vive com uma antena constantemente orientada para o outro mundo: é até possível que venham de lá os modelos desses seus vestidos que tanto desconcertam os tradicionalistas! Seja como for, a história seguinte permitirá compreender, melhor que uma análise psicológica, a violência espiritual desse basco predestinado.
Na época em que passava realmente mal - contou-me em certa ocasião -, um dia viajava no metrô, indiferente a todas as contingências da realidade circunstante, e para distrair-me de meus

problemas comecei a rezar com uma formidável intensidade. Ao chegar à última estação do trajeto... recordo que era a linha da Porta das Lilas... fui brutalmente interrompido em minha oração pela gente que descia. Naquele ambiente fechado, onde minha oração criara uma sobretensão anormal, a queda de tensão foi tão súbita que provocou verdadeira deflagração, e como conseqüência da mesma todas as janelas do vagão em que me achava sentado voaram em pedaços!"

Uma rosa para um fantasma

Por certo Rainer Maria Rilke freqüentou, durante os últimos anos de sua vida, em Muzot, Suíça, um fantasma muito mais amável. Vivia numa velha torre que havia no povoado, ruína sobrevivente de um castelo que, quatro séculos antes, havia sido testemunha dos amores trágicos de Isabel de Chevron.

As núpcias desta nobre dama com o senhor Jean de Monthey tiveram lugar em Muzot, em 1514. Um ano depois, a felicidade do jovem casal viu-se truncada: Monthey partiu para a guerra e caiu morto na famosa batalha de Marignan. Seu corpo foi devolvido para a jovem viúva no castelo de Muzot.

Isabel suportou com constância e dignidade a morte de seu esposo. Mas, como era bela, bondosa e rica, teve a seguir numerosos pretendentes. Dois deles estavam tão violentamente enamorados que não se resignavam ante a eventualidade de que um pudesse ser preferido, e não o outro. Mataram-se num duelo.

Isabel não pôde consolar-se da morte de seus dois pretendentes, e enlouqueceu. Sua beleza, é claro, sobreviveu à razão até o final de seus dias, que foi trágico.

Adotara o costume de abandonar toda noite o castelo, com o objetivo de visitar o pequeno cemitério de Miège, aldeia próxima, onde os dois enamorados estavam enterrados um ao lado do outro. Permanecia ali até a aurora, prostrada em frente às duas tumbas gêmeas e entregue a uma oração contínua que só era interrompida pelo pranto.

Uma manhã, Isabel foi achada naquele pequeno cemitério, morta de

frio e de amor.
Não obstante, não é no campo santo onde seu comovedor fantasma aparece, mas na torre de Muzot. Deste modo, Isabel de Chevron conheceu a honra de acompanhar em sua solidão um dos poetas que melhor falaram do amor em todos os tempos e todas as línguas, um poeta que teve o privilégio único de morrer pela picada de uma rosa, um poeta que dedicou a esta flor que o matava a mais bela e mais misteriosa invocação: dois versos que hoje são seu epitáfio na tumba do cemitério de Rarogne, onde descansa:

Rose, ô reiner Widerspruch, Lust
Niemandes Schlaf zu sein unter so viel Lidern

[Rosa, ó pura contradição,
Volúpia de não ser o sono de ninguém
Debaixo de tantas pálpebras]